



Organizador

Rogério Humberto Zeferino Nascimento

# Crianças e Jovens na Imprensa Operária (1909 – 1968)



Coleção Pensamento Social Anarquista - Vol 7



**Rogério Humberto Zeferino Nascimento**  
(org.)

# **Crianças e Jovens** **na Imprensa Operária** **(1909 – 1968)**

Coleção Pensamento Social Anarquista - Vol 7

Campina Grande- PB  
2026

Os direitos desta edição são reservados à EDUF CG  
EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE – EDUF CG  
atendimento@editora.ufcg.edu.br

Camilo Allyson Simões de Farias

**Reitor**

Fernanda de Lourdes Almeida Leal

**Vice-Reitora**

Mário de Sousa Araújo Filho

**Diretor EDUF CG**

Everton Avelino

**Revisão**

Thiago Almeida

**Diagramação e Capa**

## CONSELHO EDITORIAL

Adriano Azevedo de Mello (CCBS)

Andréa Maria Brandão Mendes de Oliveira (CCTA)

Erivaldo Moreira Barbosa (CCJS)

Janiro Costa Rego (CTRN)

José Wanderley Alves de Sousa (CFP)

Marcelo Bezerra Grilo (CCT)

Marisa de Oliveira Apolinário (CES)

Naelza de Araújo Wanderley (CSTR)

Rogério Humberto Zeferino (CH)

Ronimack Trajano de Souza (CEEI)

Valéria Andrade (CDSA)



Universidade Federal de Campina Grande - UFCG  
Sistema de Bibliotecas - SISTEMOTECA  
Catalogação de Publicação na Fonte. UFCG - Biblioteca Central

C928 Crianças e jovens na imprensa operária (1909-1968) [recurso eletrônico] / Rogério Humberto Zeferino Nascimento (organizador); Edson Passetti (apresentação); Everton Avelino (revisor); Thiago Almeida (diagramador). – Campina Grande: EDUF CG, 2026.  
254 p. : il. color. (Coleção Pensamento Social Anarquista; v. 7).

E-book (PDF)  
ISBN 978-85-8001-341-2

1. História do Brasil. 2. Movimento Operário. 3. Anarquismo. 4. Crianças e Adolescentes – Sociedade. 5. Jovens e Juventudes. 6. Trabalho e Trabalhadores. 7. Infância e Religião. I. Nascimento, Rogério Humberto Zeferino. II. Passetti, Edson. III. Avelino, Everton. IV. Almeida, Thiago. V. Coleção Pensamento Social Anarquista; v. 7. VI. Título.

UFCG/BC

CDU 94:327.323(81)

FICHA CATALOGráfICA ELABORADA PELA BIBLIOTECARIA SEVERINA SUELI DA SILVA OLIVEIRA CRB-15/225

*Eu queria chamar a atenção dos que me  
leem para esta ideia: é que todo o valor  
da educação reside no respeito da vontade  
física, intelectual e moral da criança.*

***Francisco Ferrer y Guardia***

## **LISTA DE ACERVOS, INSTITUIÇÕES E SITES**

**Acervo digitalizado particular organizado por Francisco Robson Alves de Oliveira e Francisco Victor Pereira Braga. Fortaleza – CE.**

**Arquivo Edgard Leuenroth – Unicamp. São Paulo – SP.**

**Arquivo Público do Estado de Santa Catarina – Florianópolis – SC.**

**Arquivo Público do Estado de São Paulo – APESP. São Paulo – SP.**

**Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ.**

**Arquivo Público Estadual João Emerenciano – Pernambuco – PE.**

**Arquivo de Memória Operária – IFCS/UFRJ. Rio de Janeiro – RJ.**

**Arquivo Nacional – Rio de Janeiro – RJ.**

**Biblioteca Municipal Mário de Andrade. São Paulo – SP. Biblioteca Professor Geraldo Ataliba – PUC/SP. São Paulo – SP.**

**Centro de Apoio à Pesquisa em História Sérgio Buarque de Holanda – CAPH/USP – São Paulo – SP.**

**Centro de Cultura Social – CCS – São Paulo – SP.**

**Centro de Documentação e Memória da Unesp – CEDEM/Unesp. São Paulo – SP. Fundação Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro – RJ.**

**Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – RJ.**

**Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB – Rio de Janeiro – RJ.**

### **Sites:**

**Acervo Digital da Unesp – São Paulo. Biblioteca Nacional Digital – Rio de Janeiro.**

**Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro.**

**Rete delle Biblioteche e Archivi Anarchici e Libertari - REBAL – Itália. Última Barricada – Portugal.**

**University of Florida Digital Collections**

## VOLUME 6

### Sumário

<i>Apresentação – as crianças e os jovens são perigosos, sim. Edson Passetti...</i>	7
01 – <i>A infância – Soledad Gustavo</i> .....	19
02 – <i>As Crianças na Indústria – (Não assinado)</i> .....	21
03 – <i>A Escola Livre (A propósito do projeto da E. L. em Portugal) – Ana de Castro Osório</i> .....	23
04 – <i>O trabalho das crianças – C. R.</i> .....	27
05 – <i>Salada de frutas – Mestre Cuca</i> .....	29
06 – <i>O trabalho das crianças – (Não assinado)</i> .....	31
07 – <i>Crônica de S. Paulo – L. Mascolo</i> .....	34
08 – <i>O ensino: Liberdade ou monopólio – Sebastian Faure</i> .....	37
09 – <i>12 de março – Eduardo Vital</i> .....	40
10 – <i>A Religião e a Criança – (Não assinado)</i> .....	43
11 – <i>Episódios do Sagrado Coração de Jesus – Recordações de outrora – João Crispim</i> .....	45
12 – <i>Dúvidas – J. Massena</i> .....	47
13 – <i>Cartas aos trabalhadores III – Alfredo Villa-Seca</i> .....	50
14 – <i>As manifestações dos acadêmicos – (Não assinado)</i> .....	55
15 – <i>Pobres crianças – (Não assinado)</i> .....	57
16 – <i>Rápida – Antônio F. Vieytes</i> .....	58
17 – <i>Não maltrate os animais – Anargiro Sbadiglia</i> .....	59
18 – <i>O direito à paternidade – Flor de los Andes</i> .....	62
19 – <i>Os pequenos larápios – (Não assinado)</i> .....	65
20 – <i>Apelo aos generosos – (Não assinado)</i> .....	66
21 – <i>O Chamusco Militarista I – Florentino de Carvalho</i> .....	68
22 – <i>Em Defesa Dos Menores Martirizados – Florentino de Carvalho</i> .....	73
23 – <i>Salvemos as crianças! – F. C.</i> .....	77
24 – <i>A agitação contra a infame exploração de menores – Florentino de Carvalho</i> .....	79
25 – <i>Continua com êxito a campanha contra a revoltante exploração de menores – Florentino de Carvalho</i> .....	83
26 – <i>Agitação contra a exploração de menores – (Não assinado)</i> .....	86
27 – <i>Da palavra aos documentos – Angelina Soares</i> .....	95
28 – <i>O trabalho dos menores no Rio de Janeiro – Do “Estado”</i> .....	102
29 – <i>Epístola de Anargiro à Sociedade Protetora dos Animais – Anargiro Sbadiglia</i>	103
30 – <i>A infância e seus direitos – William Headford</i> .....	106
31 – <i>Aos libertários e simpatizantes – Vincenzo Anódio, et ali</i> .....	111
32 – <i>Ao Povo: Contra a exploração da infância proletária – Comitê Popular contra a Exploração dos Menores Operários</i> .....	113
33 – <i>Comitê Popular de Agitação contra a exploração dos menores operários – O Comitê</i> ..	119
34 – <i>Pela criança, pela mulher e pela humanidade – Maria Antônia Soares</i> .....	120
35 – <i>Aos anarquistas – Margarida Paula</i> .....	125

36 – <i>Belicosidades</i> – (Não assinado).....	127
37 – <i>Um grande crime da burguesia</i> – Elmano de Andrade .....	129
38 – <i>Uma grande causa Pela infância proletária Arranquemo-la das garras do capitalismo!</i> – Elmano de Andrade.....	131
39 – <i>Salve 1º de maio</i> – Edmundo de Amicis.....	133
40 – <i>Novos horizontes, novas esperanças</i> – Adelino de Pinho.....	137
41 – <i>O trabalho dos menores</i> – (Não assinado) .....	140
42 – <i>Filhos?</i> – G. Santos .....	141
43 – <i>Amor de pai</i> – Rocha Moreira .....	143
44 – <i>Os horrores do cárcere Os pequenos “criminosos”, na escola do crime</i> – (Não assinado).....	147
45 – <i>Palavras a um Escoteiro</i> – (Não assinado).....	149
46 – <i>Aos filhos do trabalho denominados obreiros</i> – José F. de Lima .....	151
47 – <i>As leis sociais</i> – (Não assinado).....	152
48 – <i>Pelas criancinhas</i> – Dário Velloso .....	153
49 – <i>Grave e imoral</i> – (Não assinado) .....	155
50 – <i>O conto da revista</i> – José Bacelar.....	156
51 – <i>Conseqüências da guerra. O martírio da infância</i> – Arquimedes.....	157
52 – <i>Pelo futuro das crianças do povo</i> – E. Marinho.....	159
53 – <i>Em pós o Oriente social</i> – Angelina Soares .....	162
54 – <i>Cães!</i> – (Não assinado).....	164
55 – <i>Devorado pelos cães</i> – Umbelina Malhadas .....	166
56 – <i>Para crianças...</i> – (Não assinado).....	168
57 – <i>Novo ano</i> – Angelina Soares .....	170
58 – <i>Carta do Meu “vovô”</i> – Criança.....	172
59 – <i>Uma “enquete” sobre o trabalho dos menores</i> – Da secretaria do L. E. G.....	174
60 – <i>Comentários... Infeliz criancinha!</i> – Atom .....	176
61 – <i>Eu penso assim</i> – José Maria Pereira .....	178
62 – <i>Coisas da arte. O aprendiz</i> – (Não assinado).....	182
63 – <i>“Sou anarquista”</i> – Isabel Cerruti.....	184
64 – <i>Profilaxia racional</i> – J. Bóscolo.....	187
65 – <i>O nosso conto Súplica inútil</i> – Matilde Soares.....	191
66 – <i>Memórias de Luíza</i> – Raul Brandão.....	194
67 – <i>Aos jovens anarquistas Pela organização das juventudes libertárias</i> – Grupo Ação Libertária .....	198
68 – <i>“O século da criança”</i> – Campos de Carvalho.....	200
69 – <i>A devassidão revoltante de um padre</i> – Menoti de O.....	204
70 – <i>Crianças vítimas de torturas inquisitoriais</i> – (Não assinado) .....	206
71 – <i>Impróprio para menores</i> – F. Aroca.....	207
72 – <i>Jovens, o coração aberto!</i> – Pedro Catalo.....	209
73 – <i>Complicações do ensino religioso</i> – (Não assinado).....	213
74 – <i>Pontos de vista...</i> – Alba Moscalega.....	215
<i>Plano inicial da coleção pensamento social anarquista palavras explicativas</i> .....	217

# Sumário

<i>Apresentação – Inevitável revolta. Edson Passetti.....</i>	<i>9</i>
<i>75 – Educação cristã!!! – (Não assinado).....</i>	<i>17</i>
<i>76 – Os companheiros de Campinas, São Paulo, distribuíram o seguinte manifesto: – (Não assinado) .....</i>	<i>18</i>
<i>77 – “Esta Faculdade está em greve no uso de um direito!” – (Não assinado) ....</i>	<i>21</i>
<i>78 – Uma lágrima e um grito de revolta – (Manoel Peres.....</i>	<i>24</i>
<i>79 – Ponto 32. Histórias. Folclore. Narrativas infantis! – José Oiticica .....</i>	<i>27</i>
<i>80 – Sobre a educação social dos jovens – J. Cortés .....</i>	<i>33</i>
<i>81 – Mais sobre a orientação juvenil – A. Gonzalez.....</i>	<i>36</i>
<i>82 – ★ – S. P.....</i>	<i>38</i>
<i>83 – Defendamos as Crianças e seus Direitos – (Não assinado).....</i>	<i>40</i>
<i>84 – Inquietudes juvenis – Yara Leu-Sou .....</i>	<i>45</i>
<i>85 – Grêmio juvenil – (Não assinado) .....</i>	<i>46</i>
<i>86 – Ser jovem é... ser jovem, bolas – Felício Senigaglia .....</i>	<i>47</i>
<i>87 – O menor abandonado – Costa.....</i>	<i>48</i>
<i>88 – Página Juvenil – (Não assinado).....</i>	<i>51</i>
<i>89 – Nova mensagem à juventude – C. Parra .....</i>	<i>52</i>
<i>90 – Mãe e filhos. Por uma infância feliz – Um professor rural .....</i>	<i>56</i>
<i>91 – Subversão e Subversivos – Jf. Puig .....</i>	<i>60</i>
<i>92 – Apelo aos jovens – C. Rey .....</i>	<i>63</i>
<i>93 – Os estudantes e sua rebeldia – F. Torres.....</i>	<i>65</i>
<i>94 – Página estudantil – (Não assinado) .....</i>	<i>67</i>
<i>95 – Não uniformizemos a infância – M. P.....</i>	<i>68</i>
<i>96 – Página Juvenil. O jovem e o militarismo – (Não assinado).....</i>	<i>70</i>
<i>97 – A rebelião da juventude – (Não assinado) .....</i>	<i>73</i>
<i>98 – Porque lutamos – Chico.....</i>	<i>78</i>
<i>99 – Os acordos MEC-USAID e os estudantes – Sérgio Leitão .....</i>	<i>80</i>
<i>100 – O Movimento Libertário Estudantil ante o acordo MEC-USAID – Movimento Libertário Estudantil.....</i>	<i>85</i>
<i>101 – Gerações e Problemas – Pedro Catallo .....</i>	<i>88</i>
<i>102 – Caráter social do problema do menor abandonado – Jaime R. Rolland</i>	<i>92</i>
<i>103 – A juventude e a realidade brasileira – Ida Rego.....</i>	<i>98</i>
<i>104 – Arquivo do vovô – Yara Leuenroth Soubihe .....</i>	<i>102</i>

## PARTE II – (artigos em série temática – 1909 – 1948)

<i>105 – Um ajuste de contas – (Não assinado).....</i>	<i>106</i>
<i>106 – E a Idalina? – (Não assinado).....</i>	<i>109</i>
<i>107 – Estuprada e assassinada? – (Não assinado).....</i>	<i>111</i>
<i>108 – O caso Idalina – (Não assinado).....</i>	<i>113</i>
<i>109 – Onde está Idalina? – (Não assinado).....</i>	<i>115</i>
<i>110 – O caso Idalina – (Não assinado).....</i>	<i>117</i>
<i>111 – Mistério desvelado – (Não assinado).....</i>	<i>119</i>

112 – <i>Orfanato sinistro – (Não assinado)</i> .....	129
113 – <i>Paulistas! Cidadãos! – (Não assinado)</i> .....	167
114 – <i>Estrangulando um mistério... – (Não assinado)</i> .....	170
115 – <i>Um viveiro de criminosos – (Não assinado)</i> .....	198
116 – <i>Do Rio. Onde está Idalina? – D. O. R.</i> .....	202
117 – <i>Onde está idalina? – (Não assinado)</i> .....	204

#### Sobre a criança operária

118 – <i>Capital e trabalho – A exploração de mulheres e crianças nas fábricas. R.</i> 208	
119 – <i>Capital e trabalho . Instrução dos filhos dos proletários – R.</i> .....	211
120 – <i>Capital e trabalho . As crianças nas fábricas. R.</i> .....	213
121 – <i>A exploração da infância – Maximalista</i> .....	215
122 – <i>A exploração da infância – Maximalista</i> .....	218

#### Sobre Genny Gleizer

123 – <i>Genny Gleizer – (Não assinado)</i> .....	221
124 – <i>Uma inominável arbitrariedade – (Não assinado)</i> .....	223
125 – <i>O caso Genny Gleizer – (Não assinado)</i> .....	225
126 – <i>O caso da jovem Genny Gleizer – Pedro Catallo</i> .....	227
127 – <i>Solidariedade a Genny Gleizer – (Não assinado)</i> .....	230
128 – <i>Afinal, quem são os extremistas? – Xisto Leão</i> .....	232
129 – <i>Em defesa de Genny Gleizer! – O Secretário</i> .....	237
130 – <i>Reação e romanticismo – (Não assinado)</i> .....	239

#### Recordações de Liberto Lemos Reis (1922 – 2000)

131 – <i>Meu Caderno de Criança. Carta a um menino mau – Liberto</i> .....	242
132 – <i>Meu Caderno de Criança. Pássaros na gaiola – Liberto</i> .....	244
133 – <i>Meu Caderno de Criança. Um menino infeliz I. Liberto</i> .....	246
134 – <i>Meu Caderno de Criança. Um menino infeliz II. Liberto</i> .....	248
135 – <i>Meu Caderno de Criança. Um menino infeliz III. Liberto</i> .....	250
<i>Plano inicial da coleção pensamento social anarquista – palavras explicativas</i> .....	252

# *Apresentação*

## **Inevitável Revolta**

**Edson Passetti<sup>1</sup>**

*A aquiescência ilumina o rosto. A recusa lhe dá a beleza.<sup>2</sup>*

René Char

**N**uma fase que os comentaristas chamarão de redemocratização do Brasil, após a macabra ditadura do Estado Novo (1937-1945), noticia o *Ação Direta*: “o menor, de nome Bernardino, de 14 anos de idade, filho do engenheiro Bernardo José de Castro e d. Maria José Gonçalves de Castro, residente na avenida 28 de setembro 74, casa 02, foi barbaramente espancado pelo “Padre-Prefeito” do Colégio pelo fato de ter reclamado contra a comida infame que vem sendo servida aos alunos naquele educandário”.

O pastorado se amplia, os corpos de crianças e jovens de ambos os sexos, sob os castigos orquestrados pela igreja são noticiados na imprensa libertária. Idalina, como vimos desde o volume 6, já não é um caso, os desdobramentos da caridade assujeitam e as violências familiares cada vez mais incidirão sobre mulheres e crianças de todas as classes sociais. Os efeitos da sociabilidade libertária dos anarquistas retrocedem, seja pela disputa por hegemonia dos comunistas em parceria com o Estado, o crescimento do fascismo, a crença na religião, no Estado e na propriedade, a censura à imprensa libertária, seja com a obsessão pela vitória do Estado (democrático e socialista) na II Guerra Mundial.

---

1 - Edson Passetti é livre docente e coordenador do nu-sol núcleo de sociabilidade libertária [www.nu-sol.org](http://www.nu-sol.org) Contato: [edson.passetti@uol.com.br](mailto:edson.passetti@uol.com.br)

2 - “Folhas de Hipnos”, 1946. Dedicado a Albert Camus Em *Fúria e Mistérios*.

Durante a ditadura, primeiro o tirano Getúlio Vargas pendeu para o vínculo político-econômico com a Alemanha nazista, depois com a virada aliada passou a ser o felizardo condutor do Estado devedor dos Estados Unidos da América. Impossível, por conseguinte, pensar o fim da ditadura sem o acordo palaciano para formação no pluripartidarismo à vista dos dois partidos principais (PSD – Partido da Social Democracia com base na burocracia pública e PTB – Partido Trabalhista Brasileiro, com base no sindicalismo de Estado), ambos sob o comando de Vargas, com o jogo constitucional, as promessas e os devidos trotes e as devidas lorotas aos que compunham a ampla aliança das forças sociais. Venceu a ordem para o progresso, prometendo o retorno de Vargas ao executivo para breve e o desenvolvimento com o povo.

Deu em suicídio de Vargas, em 1954. Deu noutras tentativas posteriores de golpes de Estado até o golpe propriamente dito, financiado pelos EUA, em nome da democracia, de 31 de março de 1964. Mais uma vez, os anarquistas aparecerão por meio de seus centros de cultura e de suas lutas pautadas no anarcossindicalismo desde a primeira metade do século XX.

Dizem que desta vez o Brasil experimentou o populismo na democracia. Os pastores deixaram de ser apenas os tradicionais religiosos e políticos e passaram a ser muitos outros provenientes dos burocratas no aparelho de Estado, das filantropias ou de organizações caridosas; permaneceram os condutores fascistas, sob novas rubricas, que dividirão a disputa com demais forças para governo da chamada massa; virão novos apoios estadunidenses, agora em nome dos direitos humanos e da democracia... Getúlio Vargas, tido como “pai do povo” voltará ou será referência para políticos similares décadas adiante.

Agora, os pequenos de 12 anos falam sem temor que somos animais e que não temos o *direito* de apedrejar cães e gatos, e aprisionar passarinhos. As crianças libertárias são educadas para não se apartarem

da natureza, sabem que o alçapão é o similar da cela da prisão, que direitos são os dos superiores, proprietários e do Estado; que escola é para pobre aprender a obedecer como subalterno trabalhador... Enfim, no Brasil a criança operária, filhos e filhas de anarquistas, sabiam o que em breve deixarão de saber com a universalização da escola, finalmente com a ditadura civil-militar de 1964.

Liberais e comunistas desejavam escola para todos e, assim como no Estado Novo educação-escola era para “o que der e vier”, como explicitou Francisco Campos em *O Estado Nacional*: se investe no ensino para todos governados pelo Estado<sup>3</sup>. Os edifícios para as escolas somente vieram a se efetivar com a ditadura civil-militar que aprendera com os estadunidenses ser a criança uma das principais aquisições em politização, e por isso mesmo a criança foi imediatamente contemplada na Lei de Segurança Nacional, em 01 de dezembro de 1964.<sup>4</sup>

Não bastava o controle disciplinar na escola, era preciso um programa nacional de “proteção” à criança e ao adolescente em situação *irregular*, ou seja, aos pobres. Xs anarquistas, já na primeira metade do século XX, não tinham dúvidas que a brutalidade a eles atribuída era a ferocidade que o Estado necessitava para provocar a separação entre as classes sociais. Era e é — e ainda é — preciso identificar os produtores de violência entre os de baixo para desviar a atenção do que move a moral e o lucro na sociedade capitalista. Como diria o anarquista Pierre-

3 - Lei Orgânica do Ensino Secundário. Decreto-Lei no. 4244, de 09 de abril de 1942. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/Del4244.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del4244.htm)

Lei Orgânica do Ensino Primário. Decreto-Lei no. 8529, de 02 de janeiro de 1946. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html>

Lei Orgânica do Ensino Normal. Decreto-Lei no. 8530 de 02 de janeiro de 1946. Disponível em [:https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Decreto-Lei/1937-1946/Del8530.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1937-1946/Del8530.htm)

4 - Lei no. 4513 de 01 de dezembro de 1964. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/L4513impressao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4513impressao.htm) (revogada em 1990 com o ECA)

Joseph Proudhon, antes de qualquer socialismo científico: a propriedade é um roubo!

A escola deveria ser de acesso a todos e todas, contribuindo para pacificar a brutalidade atribuída a elas e educá-las para a participação na indústria em crescimento, na burocracia pública e privada, na polícia, em organizações voltadas para filantropia, enfim, os filhos e as filhas de operários e operárias deveriam fazer coro, desde crianças para o que se esperava com obediência no trabalho e na conduta, compartilhando produtividades com empresários no desenvolvimentismo.

Contudo, a democracia em escala federal abria possibilidades não só de reformas sindicalistas, agrárias<sup>5</sup> e governamentais. Aos poucos o governo pelas reformas e as repressões diretas traram a politização dos trabalhadores para o Estado. As leis trabalhistas foram agrupadas e reformadas a partir da Consolidação das Leis do Trabalho.<sup>6</sup> O trabalho foi regulamentado com leis para todos e a partir da ditadura-civil militar, sob a orquestração da lei de segurança nacional. Depois, com a nova democratização e a Constituição de 1988, pouco mudou a vida do(a) trabalhador(a) já educados(as) em reformas e tomadas de decisões compartilhadas entre empresários, burocracia estatal e lideranças sindicalistas.

Nos dias de hoje, não só os dois gêneros, mas os demais gêneros devem ser contemplados no vocabulário *correto* diário; direitos de minorias chegam para compor a política dos direitos majoritários; a crença em punições-recompensas e criminalizações aumenta a partir do lema neoliberal punir mais e melhor: as prisões para adultos e jovens ocorrem não só em edifícios fechados e distintos, mas também a céu aberto, sob comando computo-informacional; os pastores aumentam e

---

5- Estatuto do Trabalhador Rural. Lei 4214 de 02 de março de 1963. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/L4214imprensa.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4214imprensa.htm)

6 - Decreto-Lei no. 5452 de 1o. de maio de 1943. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del5452.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm)

cada um passa a ser um *cidadão-polícia* com a incumbência de controlar o outro, onde estiver (PASSETTI, 2019); gradativamente, cada um(a) deve convencer outros que para superar as vulnerabilidades se deve contribuir com a governança (dando um fim na irrelevante relação governante-governados produtora apenas de retrocessos políticos); sustentar o fortalecimento do efeito de governo estável e tolerante de Estado pelo ritual democrático; crer que todos(as) devem aderir à liberdade de expressão que se confunde com liberdade de opinião e cancelamento de certa liberdade de conhecimento, como a anarquista; é saudável cancelar o que não estiver na dinâmica da convocação à participação estendida a todos e para todos; o lugar de fala ou similar passa a ser exaltado (o lugar de fala é um espaço delimitado por uma fronteira e, paradoxalmente, até indígenas, considerados povos originários, povos sem Estado quando do contato com europeus brancos, agora devem ter seu lugar demarcado, com fronteiras como no Estado moderno; o que cai bem para raças consideradas inferiores em situação de recuperação de perdas, principalmente pelo escravagismo). Enfim, para superar a antiga condição de subalternidade colonial (desde o século XVI), a de raça (desde o século XVII), seguida pela de classe (a partir do XIX) ficou configurado um pensamento evolutivo sobre a dominação que levou a mudanças na identificação dos subalternos e com as continuidades uniformes dos dominadores (brancos, europeus, capitalistas, eugenistas, etc.).

O dimensionamento no conhecimento por meio de inclusão, diversidade e igualdade de direitos passou a absorver no âmbito da continuidade da dominação a noção de governança pela extensão de direitos como direitos de minorias sob o comando da racionalidade neoliberal. E as dominações passaram, agora, a ser democráticas sob a inspiração e a orientação estadunidense, incluindo a formação de uma *new left*, a levar adiante a perspectiva do século passado em torno de

possível desenvolvimento, agora, paradoxalmente, dentro e fora da relação estadunidense-russa em favor da direção chinesa.

Em poucas e boas palavras estamos sob a racionalidade neoliberal, pela qual a melhor maneira de responder à convocação à participação a quase tudo é por meio da conduta resiliente. É preciso ter a capacidade de retornar à antiga posição (de povo originário, de povo antes da escravidão) de povo sempre dominado por uma abstrata nação que incute a crença na pátria e em Deus, agora sob a forma de ecumenismo. Por isso mesmo é que deixamos de ser contabilizados trabalhadores para sermos incluídos como capital-humano.

O capitalismo mudou desde a racionalidade neoliberal fincada após as revoltas de 68 e o conservadorismo dos anos 1970. Não se trata mais de força de trabalho, mas de capital humano em cooperação com o capital por meio de relações democráticas compartilhadas.

Os anarquistas vão aprendendo que a luta deixou a fábrica que ficou para a produtividade pela robótica. Eles e elas sabem que houve o deslocamento para o plano do trabalho intelectual, e que têm muito a pensar e fazer vibrarem práticas outras diante da conformidade em andamento. As crianças e jovens sabem de seu potencial de revolta contra superiores, dos efeitos nefastos da cultura que pretende pacificar a chamada violência da criança relacionada à condição social de pobre sob a rubrica brutalidade. A criança, lembra Max Stirner, luta pelo objeto, não por ideias. Por isso, não fomenta em suas lutas a construção de inimigos. As crianças disputam um objeto e depois voltam a se relacionar no jogo, nas brincadeiras. Não há um direito superior de pais, normas fixas (*compliances*) e leis. Anarquista não é democrata; anarquista é libertário.

A força anarquista nas fábricas e sindicatos e centros de cultura da primeira metade do século XX passou por uma reviravolta depois da II Guerra Mundial. O anarcossindicalismo foi gradativamente sendo

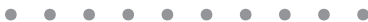
devorado pelo sindicalismo de Estado, a classe operária passou a produzir lideranças à imagem do tirano, e a burocracia do Estado em nome da neutralidade funcional cresceu e se estabilizou. O arquivo Edgard Leuenroth, com sua morte em setembro de 1968, dois meses antes do AI-5<sup>7</sup>, foi parar na Unicamp e passou a ser dirigido pelos comunistas universitários. Muito material, dizem, de lá desapareceu. Centros de Cultura Sociais e Núcleos Anarquistas foram fechados até depois da chamada abertura política (distensão gradativa do autoritarismo para a democracia representativa) do governo do General Ernesto Geisel entre 1974 e 1978 e, a seguir, levada adiante no governo do General João Figueiredo, até chegar na Constituição de 1988, acomodando as forças tolerantes da ordem.

Mas nada passou batido. Em novembro de 1967, em O Protesto, lê-se: “devemos incendiar a história e ficarmos sós em um mundo de cinzas. Sós! Terrivelmente sós: sem defesas, sem firmeza, sem estufas para nos aquecer. Pré-históricos ou apocalípticos? Sinceramente sós. Porém, loucos, alegres e tremendamente loucos. Temos que fazer algo grande! Mas assim, não podemos; não devemos continuar”. Nem ontem, nem hoje.

---

7 - Ato Institucional n. 5. Disponível em : [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/AIT/ait-05-68.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm)

# ESCRITOS

*Educação Cristã!!!*<sup>8</sup>

**Resistência**, de 04.08.46 publicou a seguinte notícia que, *data vênia*, transcrevemos:

Os jornais vespertinos comentaram ontem o fato, realmente grave, ocorrido em Niterói, onde um colegial, aluno do Salesiano de Santa Rosa, foi encontrado desacordado no Largo de Maracanã.

O menor, de nome Bernardino, de 14 anos de idade, filho do engenheiro Bernardo José de Castro e d. Maria José Gonçalves de Castro, residente na avenida 28 de setembro 74, casa 02, foi barbaramente espancado pelo “Padre-Prefeito” do Colégio pelo fato de ter reclamado contra a comida infame que vem sendo servida aos alunos naquele educandário.

Socorrido, próximo de sua residência pela Assistência, e diante de seus pais, relatou o fato que vai ser devidamente apurado pelas autoridades fluminenses, de vez que já não é a primeira vez que aquele padre agride e espanca covardemente a menores sob sua responsabilidade, praticando, pelo visto, um cristianismo às avessas.

O menino, que conseguiu fugir do colégio, ainda depois de espancado, vinha sofrendo maus tratos, desmaiara de fraqueza quase ao chegar à casa.

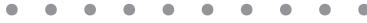
Não há dúvida de que as autoridades do Estado do Rio devem agir com o máximo rigor, contra elementos, como esse “padre prefeito”, que estariam muito melhor, empregados na polícia do sr. Pereira Lyra, do que dirigindo colégios onde se educa a juventude brasileira.

04.08.46 – “Resistência”.

---

8 - (Não assinado). **Ação Direta**. Rio de Janeiro – RJ. – Ano 01 – Nº 19 – Página 02 – 10.09.1946.

## *Os companheiros de Campinas, São Paulo, distribuíram o seguinte manifesto:*



### **Um brado de alerta contra o clericalismo**

É chegado o momento de reiniciar a luta anticlerical, com o firme propósito de anular o efeito da propaganda deletéria que essa facção obscurantista vem desenvolvendo com a finalidade de exercer domínio sobre as consciências, e de perpetuar o erro e a mentira.

Com a conivência de políticos sem escrúpulo, aproveitando-se desse período de decomposição moral que a enxurrada totalitária nos proporcionou, o clero, que nunca negou seu apoio aos movimentos liberticidas, estendeu mais ostensivamente seus tentáculos em todos os setores de atividade humana, como sejam: escolas, lares, fábricas e oficinas, esforçando-se, com a cumplicidade dos detentores do poder, para consolidar essas conquistas, erigi-las sobre a inconsciência e sobre a ignorância, através das quais a igreja católica se vem mantendo e persiste ainda em projetar sua sombra pelos séculos afora, como um ultraje à livre manifestação do pensamento.

Interferindo, com seus manejos ardilosos, na educação da criança, o clero não desconhece que as impressões que o cérebro humano recebe na infância são as que mais facilmente se gravam; daí os cuidados especiais que os potentados da igreja mandam dispensar a esse mister, porque disso depende a formação das futuras legiões de papa- hóstias, que a ação embrutecedora do clericalismo tornará incapazes de pensar livremente, constituindo um poderoso entrave às ideias de renovação

9 - (Não assinado). **Ação Direta.** Rio de Janeiro – RJ. – Ano 02 – Nº 35 – Página 04 – 16.05.1947.

social.

Sobejamente conhecidos são os métodos jesuítas usados pelo clero para infiltrar-se no seio da família, onde a mulher, que o confessorário reduz à submissão servil, é o instrumento de que ele se serve, com frequência, para tecer essa enorme rede de intrigas que, tendo o lar como ponto de partida, vai envolvendo o organismo social até alcançar as esferas graduadas da política, para mais facilmente poder concretizar as aspirações despóticas da igreja de cercear todas as liberdades públicas.

Percebendo o rumo que vão tomando as ideias emancipadoras, esses oportunistas de faro aguçado, arvoram-se em defensores dos direitos dos trabalhadores, simulando interesse pela solução dos problemas ligados à situação angustiante em que se encontram. Aduladores, que sempre foram dos déspotas, seriamente comprometidos que estiveram com o extinto fascismo italiano, sustentáculos que são dessas torvas figuras de jesuítas, Franco e Salazar, eles rotulam seus partidos políticos de democratas e socialistas, como se, na sua significação autêntica, socialismo fosse compatível com os ensinamentos de uma religião que é a mais completa negação de todo e qualquer princípio de liberdade e que contrapõe o absurdo dos seus dogmas à luz brilhante da ciência e da razão.

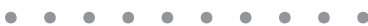
Ante essa onda de clericalismo que avança ameaçadora, sentimo-nos no dever inelutável de sair a campo, para sustentar uma luta frontal contra esses impostores.

Daquí lançamos este brado de alerta, para que seu eco atinja as regiões mais distantes e desperte as consciências adormecidas e, numa conjugação de esforços com aqueles que sentem a necessidade imprescindível de colaborar nesta jornada, fundemos Ligas e grupos anticlericais, cerrando fileiras ao seu redor para que nossa ação se desenvolva mais eficientemente.

Não subestimamos a força desse nosso adversário, nem tão pouco

ignoramos que alguns séculos de influência clerical deixaram sulcos profundos na mentalidade do povo; mas, com firmeza e perseverança, levaremos avante essa campanha e, assim, teremos contribuído para que se aproximem os dias em que a história assinalará o triunfo definitivo do livre pensamento e da razão, sobre o reinado das trevas e do arbítrio.

## *“Esta Faculdade está em greve no uso de um direito!”<sup>10</sup>*



### **Estudantes Rebelados**

#### **“Esta Faculdade está em greve no uso de um direito”**

Foi o que lemos, e muitos leram em larga faixa, à entrada do velho casarão do Largo de S. Francisco, de onde saíram grandes vultos da engenharia brasileira, e de onde saíram, também, outros menos felizes, que se espalharam pelo duro magistério secundário ou foram a despachar papéis nas repartições públicas, não porque não fossem capazes, mas porque não têm onde aplicar os conhecimentos que, com tanto trabalho, adquiriram em seis longos anos, ou porque os quiseram atirar, ou teriam de atirar-se, desprotegidos dos mais elementares recursos, a regiões onde entregariam a saúde a pouco preço.

“Esta Faculdade está em greve”, repetem uníssonas todas as outras.

Mas... qual a causa da greve daqueles jovens, que muitos supõem nada levarem a sério?

O dinheiro, eis a causa! Há um ministério, um galho político, é preciso seiva para os membros dos partidos que ajudaram a conquistar o Executivo, é preciso recompensá-los... e aos parentes, pupilos e protegidos.

São eles piores do que gafanhotos, são mais vorazes! Não há dinheiro que chegue para saciá-los! Diminuem-se verbas de instituições que deviam tê-las aumentadas, criam-se selos de educação e logo se lhes duplicam o preço, descobrem-se outras tetas e esmagam-se os estudantes sob o peso de taxas exorbitantes.

---

10 - (Não assinado). **Ação Direta**. Rio de Janeiro – RJ. – Ano 02 – Nº 38 – Página 01 – 18.07.1947.

No entanto, não se querendo confundir com o Carneiro do Ministério, rebelam-se os estudantes e não pagam a última majoração. Mas o Carneiro para os grandes é Leão para os pequenos: usa da prepotência e brande injusto golpe contra aqueles que supunha feitos à sua imagem.

Greve! — é a resposta. Enterro simbólico é o ridículo!

“Esta Faculdade está em greve no uso de um direito”. Eis uma faixa que dignifica uma plêiade de jovens!

Com a greve, poderão ir à conquista de novas reivindicações. É preciso lutar pelo ensino inteiramente gratuito que o Governo já prometeu em parágrafos da constituição, mas não cumpriu. É preciso obrigá-lo a cumprir, porque só prometeu por pressão da opinião pública. Esta, porém, vendo prometido, supôs conquistado, e confiou. E os Governos, que não sentem tal reivindicação, uma vez que se lhes seca uma fonte ubérrima, e os obrigam a dar à coletividade, em forma de instrução o que a ela pertence, como fruto do seu trabalho, vêm fazendo o inverso.

Como taxa pesadíssima, imposta aos estudantes, bastam os livros, cujos preços não permitem a muitos adquiri-los. As bibliotecas, estas ou são deficientes ou não podem atender às exigências do modo de vida dos estudantes pobres.

Ensino inteiramente gratuito! — eis uma reivindicação urgente e justa! E quem melhor do que os estudantes para lutarem por ela. Sim, porque só pode bem avaliar o quanto vale a instrução quem teve a ventura de adquiri-la.

Os que têm instrução devem pô-la a serviço das grandes causas! Por não terem compreendido isso quase todos os intelectuais, é que hoje assistimos, estupefatos, à dolorosa perspectiva de uma nova guerra, por ser quase impossível, dentro dos cânones do capitalismo, privado ou de Estado, consolidar a Paz! É que se tem usado da cultura egoisticamente.

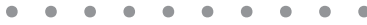
E a ignorância aí está, campo farto para todas as especulações egoístas,  
cancro corrosivo da fraternidade universal.

Dignamente! Avante!

Parabéns, estudantes! Ação Direta!

78

## *Uma lágrima e um grito de revolta*<sup>11</sup>



**Minha filha morreu!...**

**Terezinha morreu!...** Fechou os olhos para o mundo na noite trágica do dia 23 de fevereiro, e morreu como ela tanto desejara, nos últimos dias do seu doloroso calvário, abraçada contra o meu peito, com o rosto meigo e carinhoso bem pertinho do meu coração!...

Quis ter, nos últimos momentos de vida, o consolo de ver ao seu lado o que fora, durante a sua existência, não apenas o pai, como também o amigo, o companheiro de ideias e de sofrimentos.

Com a sua morte, perdi uma filha querida, uma amiga boa e dedicada que, sentindo como eu as injustiças do mundo, ajudava-me a lutar pela conquista de uma existência mais livre e feliz.

Não pretendo, com esta crônica, glorificar a memória da filhinha querida, pois penso, com relação aos mortos, o mesmo que pensava o grande mártir do Livre- pensamento, Francisco Ferrer y Guardia, que, momentos antes de ser fuzilado, no fatídico castelo de Montjuich, escrevia aos amigos e discípulos estas palavras sublimes:

**– Não choreis a minha morte, não empregueis em glorificar os que morrem, um tempo que necessitais para orientar e educar os que vivem.**

–

Se a morte de uma filha é dolorosa para um pai de sentimentos elevados, maior é esta dor quando ela estava unida à nossa existência, não só pelos laços familiares, como também pela compenetração

<sup>11</sup> - PERES, Manoel. **Ação Direta**. Rio de Janeiro – RJ. – Ano 14 – Nº 136 – Página 04 – 17.04.1948.

ideológica e pelas mesmas ideias de redenção humana!...

O meu maior orgulho, ao chegar aos 60 anos de idade, é ter conquistado o meu lar para a nobre causa que defendo desde a mocidade, que é a da liberdade e da justiça, para chegar à instauração de um sistema social que assegure, a todos os seres humanos, uma existência plena de amor, de paz e de felicidade!...

Pensei sempre, e hoje mais que nunca, que o homem de ideias, o que propaga por toda a parte as suas doutrinas, não pode ter duas condutas distintas, uma na vida pública e outra na vida privada, já que o exemplo e a bondade dos nossos atos, na intimidade do lar, repercutem poderosamente na propaganda pública das nossas ideias.

Queremos conquistar um mundo melhor, levando a bondade dos nossos postulados a todos os corações que tem sonhos de amor e de liberdade, não podemos esquecer que o nosso lar é uma parcela deste mesmo mundo, e que nele devemos iniciar a nossa propaganda, fazendo de cada filho um idealista, um amigo e um companheiro de lutas, de alegrias e de sofrimentos, porque também no sofrimento comum existe algo de felicidade...

Na minha peregrinação pela Espanha, Portugal, França e Bélgica, onde quer que eu fosse, perseguido, ou cumprindo com os meus deveres de propagandista, levei sempre ao meu lado a boa companheira, e com ela as três filhinhas, Aurora, Carmen e Terezinha.

E nesta luta através do mundo, uns dias alegres e outros amargos e cheios de dores, temperamos as nossas almas, unindo mais e mais os nossos corações, para formar um bloco de granito, uma pequena organização, tão forte e tão potente que só a morte poderia destruir!... E a morte levou um pedacinho deste lar querido... **A minha Terezinha...**

Recordo que, em junho de 1940, quando eu era prisioneiro do fatídico Franco, na tétrica Bastilha de Sevilha, a companheira e as filhinhas, embora passando privações, com um rasgo solidário e

generoso, levavam à prisão o pequeno pão negro que recebiam, já que aos presos não era fornecido este alimento.

Um domingo, à hora da visita, vi, através das grades, a minha Terezinha. Era, então, muito gordinha, muito meiga e muito bonita, nos seus 12 anos. Pensando que, talvez, não tivesse comido pão esse dia, para envia-lo à prisão, não pude evitar que as lágrimas acudissem aos meus olhos.

Ela, então, ao ver as minhas lágrimas, exclamou com gesto enérgico. – **Papai, não quero que chores, porque os nossos inimigos, os que nos perseguem, ficariam contentes e te chamariam covarde... – E dizendo isto, ela chorava também... Era assim a minha Terezinha...**

Na tarde do dia 24 de fevereiro, sob uma chuva torrencial, num cantinho modesto do Cemitério do Caju, a minha Terezinha baixou à sepultura, num caixãozinho branco, todo coberto de flores, tão lindas e tão puras como a sua alma de idealista.

Ao beijar, por vez última, o seu rostinho meigo e formoso, numa despedida final, brotaram, dos meus olhos, lágrimas ardentes de saudade, e do meu peito partiu um grito de ódio e de revolta contra todos os tiranos do mundo, contra os que mataram a minha Terezinha e matam cada dia milhares de seres humanos.

**O dia da Justiça Chegará!...**

## *Ponto 32. Histórias. Folclore. Narrativas infantis!*<sup>12</sup>

• • • • •  
CURSO DE LITERATURA  
PROF. JOSÉ OITICICA  
(Catedrático do Colégio Pedro II)

1. Essas **histórias** têm o sentido restrito de **histórias da carochinha** ou, como eu ouvia dos meus pais, em criança, **histórias do Trancoso**. Só adulto vim a identificar esse Trancoso, mistério para mim. Chamava-se Gonçalo Fernandes Trancoso. Viveu no século XVI. Ignora-se onde e quando nasceu; provavelmente entre 1515 e 1520. Escreveu 38 **Contos e Histórias de proveito e exemplo**, diz ele, por ocasião da **grande peste** ocorrida em Lisboa, no ano de 1569. Suas **histórias**, sem serem propriamente **contos**, são narrativas com essência procuradamente (*sic*) moral ou instrutiva. Os assuntos, segundo Carolina Michaelis, foram hauridos nas coleções italianas de Sacchetti, Straparola e Boccaccio. Ela exemplifica apontando a história de Grisélia. Algumas dessas histórias merecem apenas a denominação de **casos** ou anedotas.

Em que se distinguem tais **histórias** das narrativas para crianças? Em que são dadas como **possíveis**, não refugam a verossimilhança; dirigem-se, demais, propriamente, a adultos, com o fito de lhes ensinar moral e religião.

2. O assunto, o caráter e o estilo dessas histórias variam muito. Sabem todos o caráter malicioso e, por vezes, fescenino do **Decameron**, opostos aos sempre moralizantes de Trancoso. Os contos de Hoffmann, já muito mais próximos do verdadeiro conto, são narrativas

12 - OITICICA, José. **Ação Direta**. Rio de Janeiro – RJ. – Ano 06 – Nº 84 – Página 02 – dezembro de 1952.

repuxadas ao trágico. Algumas das histórias maravilhosas de Poe são caracteristicamente histórias do Trancoso, com armação, conteúdo e estilo de todo diferentes.

Em resumo, desde que há um episódio meramente curioso, sem relevo algum de um aspecto da vida, escrito com fim cômico ou erótico, puramente estranho ou trágico, classificaremos o escrito entre as **histórias** (do Trancoso). Carolina Michaelis chamou-lhes **noveletas**; mas, embora diminutivo, não caracteriza bem, tal nome, um gênero nada apenso ou análogo à **novela**.

3. Bem característica desse gênero, à moda Trancoso, é aquele **caso** do pai que, opulento, deixou a seu feitor Pedro, por testamento, sua riqueza tendo por morto um filho, João. Este lhe fugira de casa, moço ainda. Ao morrer, fez o pai testamento legando tudo ao feitor, sem se esquecer do filho, possivelmente vivo. Declarou, então, no testamento que, se aparecesse o filho, Pedro “dê ao dito João, meu filho, **o que Pedro quiser** sem ser constrangido a outra cousa, e a demasia lhe fique”. Sabendo o João da morte do pai, e da avultada herança, voou à cidade natal; mas, Pedro lhe opôs o testamento e não lhe quis dar mais que cinco mil cruzados, uma ninharia, comparado ao montante da fazenda.

João, a conselho de um velho amigo do pai, moveu ação e ganhou-a com uma sutil interpretação da letra testamental, apresentada ao rei por um mitrado juiz, indignado com a avareza do feitor e disposto a castigá-lo. Diante do rei, mandou Pedro escrever numa folha de papel tudo quanto da herança queria. Pedro escreveu um rol de quase todos os bens. Em outra folha, pediu a Pedro que escrevesse a sobra que este daria a João. Perguntou se estavam de acordo. Estavam e assinaram. E o juiz lavrou a sentença do seguinte modo:

O testamento manda que Pedro dê a João **o que ele, Pedro, quiser**. Ora, o que Pedro quer é o que está nesta folha, logo, o que está nesta folha deve ser dado

a João.

O rei admirou-se da argúcia do juiz que percebera a ambiguidade da frase e, muito contra a vontade do testador, mas também punindo a avareza de Pedro, resolvia a pendenga ao agrado dos ouvintes. Satisfeito, confirmou a sentença, ordenando se desse apenas a sobra ao feitor.

4. Há um repositório vasto de narrativas dessas. Entre nós, vingaram as assinadas por Malba Tahan e hauridas nesse surrão internacional com adaptações mais ou menos hábeis.

Essas narrativas não se podem catalogar entre as de folclore pois têm, quase todas, fundo literário. Ainda as chamadas **tradicionais** revelam claramente sua estampa culta, malgrado os desgastes do tempo.

5. A epígrafe folclore, é claro, está restringida aqui às sós manifestações literárias, à expressão, pela palavra, do que gira no cérebro popular. Gustavo Barroso em seu livro **Através dos Folk-lores**, assinala, num período, toda a vastidão do folclore:

O folclore abraça vastíssimo quadro da vida popular. Pode-se mesmo dizer que é toda ela: construções aldeãs, marcas de propriedade em cousas e bichos, objetos úteis, arte rústica, psicologia das gentes, costumes, ornatos, vestes, alimentos, cerimônias, regras jurídicas, jogos, folguedos, brinquedos infantis, instrumentos, religião, mitos, lendas, superstições, medicina, canções, provérbios, inscrições, músicas, danças, autos, pastorais, contos, facécias, anedotas, linguajar, denominações de toda espécie.

Essa enumeração, segundo o autor, coincide com o índice levantado por uma autoridade, Hoffmann-Krayer.

Neste curso, limita-se o folclore às manifestações da psiquê popular pela fala. A linguagem, no povo, é geralmente oral. Os eruditos ou amantéticos (*sic*) dessa literatura colhem, no papel ou no disco, isto

é, indireta ou diretamente, toda essa produção.

6. O propriamente literário, nesse acervo, são as lendas, místicas umas, outras zoológicas ou zoolátricas, cosmogônicas ou narrativas de lutas contra a natureza ou contra homens inimigos.

As lendas podem ser universais ou locais, refletindo-se, todavia, em muitos locais, a concepção fundamental das universais.

Demais disso, há tipos figurantes, internacionalmente, em lendas e narrativas com animais. Gustavo Barroso mostra a importância do **papagaio** na lenda universal e no anedotário.

Outros animais, o cão, a raposa, o lobo, o sapo, o burro, homens horrendos, gigantes, anões, reis, príncipes e princesas, **guerreiros incomparáveis, santos e santas, animais ou seres imaginários**, porém definidos, tudo isso é material para essa literatura sedutora e instrutiva.

7. Basílio de Magalhães assim classifica os assuntos da literatura folclórica: **a) ciclo da mística zoológica**; exemplo: a onça e o bode; **b) contos de metamorfoses**; exemplos: a aranha caranguejeira; **c) contos faceciosos exemplo**: o papagaio pelado; **d) contos referentes aos mitos primários do antropismo (sic) áfrico-americano**; exemplo: a mãe d'água; **e) contos éticos**; exemplo: a madrasta; **f) contos maravilhosos**; exemplo: a mulher feiticeira; **g) contos religiosos**, os presos às lendas cristãs.

Gustavo Barroso tem outra classificação. Divide tudo em dois ciclos: **o dos bandeirantes e o heroico** ou dos cangaceiros. (Ver os livros dos autores citados, ou, mais à mão, as **Noções de literatura brasileira**, da professora Albertina Fortuna, pg. 20 e seg.).

8. A literatura folclórica de cada país cria tipos significativos. Os tipos brasileiros são inúmeros e neles se nota a fusão das raças. Verifica-se, demais, o regionalismo natural em país tão vasto. Eis alguns dos tipos mais conhecidos: o **anhangá**, o **curupira**, o **saci**, e o **negrinho do pastoreio**, a **uiara** ou **Iara**, o **tutu** (com várias - designações),

o **boitatá**, o **quibungo**, o **jabuti**, o **teiú**, a **onça**, o **urubu**, o **zumbi**, o **caitetu**, o **lobisomem**, o **minhocão**, a **boiuna**, a **Iemanjá** (que se tornou culto praieiro), o **jurupari**, o **matim-tapêê**, o **mappinguari**, a **curacanga**, o **pé-de-garrafa**, o **cumunjarim**, o **mão-de-cabelo**, o **chibamba**, o **mão-pelada**, o **cabeça de cuia**, o **corpo-seco**, os **zahoris**, a **mulita**, a **mula-sem-cabeça**, etc, etc. Veja-se a relação mais ou menos completa na obra citada de Basílio de Magalhães — n. 69 e sgs.).

9. A colheita de lendas e contos do Brasil já é vasta e podem-se ver nas obras citadas e mais no livro **O folclore negro do Brasil** de Artur Ramos. Impossível enumerá-los aqui.

10. Cabe-nos ainda falar da chamada literatura infantil. Caracteriza-se, geralmente, repito, pela inverossimilhança. São historietas de fadas, anjos, santos e santas, personagens míticos tradicionais, ou até seres inanimados, feitos gente. É célebre, entre as criações modernas, **Pinóquio**, o boneco de pau, do italiano C. Callodi. Os livros de Monteiro Lobato estão cheios de entidades **humanizadas**, algumas ridículas e inadmissíveis até para crianças. Todavia, o êxito de tais livros, e mais os tipos cinematográficos do **Super-homem**, de **Tarzan**, **Popeye** e tantos outros, alguns de indigerível mau gosto (exemplo **Popeye**), revela ser, nesse terreno, tudo possível e dotada a imaginação infantil de infinita elasticidade.

Se, todavia, quiséssemos selecionar uma literatura fim (antípoda do horrendo pato **Donald** e outras deformações), não faltaria abundante literatura em todas as línguas cultas. Ainda aqui, sobrenadam os tradicionais contos de Andersen, os dos Grimm, os de Schmid, os de Tolstói, as célebres narrativas do **Il cuore** de De Amicis (com fundo patriótico), etc., etc., sem remontar-nos aos maravilhosos, antigos, das **Mil e uma noites**.

Modernamente, essas narrativas multiplicaram-se, aplicando-se a todos os conhecimentos. Desceu à população primária aquele processo

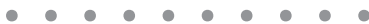
de ensino recreativo, famoso, aplicado à juventude ginásial por Júlio Verne em França e Karl May na Alemanha.  
São inúmeros, ainda, os **contos de Natal**.

Alastrou-se, igualmente, vastíssima epidemia de contos para **jeunes-filles**, meninas castas e sisudas, as denominadas coleções cor de rosa com lastro religioso, verdadeira água com açúcar da literatura.

### **Ponto 33. DO CENÁRIO NO ROMANCE E NO TEATRO**

# 80

## *Sobre a educação social dos jovens*<sup>13</sup>



Muito se tem dito e escrito sobre a educação social e a capacitação da juventude. Porém, a meu ver, são bem poucos os propagandistas afins que têm focalizado, com acerto, o tema em lide. Vários companheiros veteranos, que têm lutado como leões contra todas as tiranias, desde a idade de quinze anos, com o único fim de conseguir a emancipação dos oprimidos, desgostam-se — e com razão — de ver a ignorância em que se acha mergulhada a juventude de hoje, no que toca à educação social. E isto ocorre, de um lado, porque ela somente se preocupa com o esporte (verdadeira e potente arma do capitalismo e do Estado), uma vez que se entretém e se fanatiza com as competições do ciclismo, do box, do futebol, etc. É inútil repetir o já dito, por bom número de companheiros, em relação ao esporte de bilheteria e competição com cujas opiniões condenatórias me encontro de todo identificado.

Existem, porém, outras causas mais profundas que determinam esse estado de cousas. Porque, no fim de contas, — quem é o culpado de que a juventude não se interesse pelos problemas sociais, pelo porvir dos povos, e pelo futuro dela mesma, pelas ideias altruísticas? A meu ver, são muitos dos velhos companheiros que não se ocupam da juventude como deviam, levando a cabo uma propaganda, oral e escrita, persistente, clara e concreta, capaz de lhe captar as simpatias e de induzi-la ao campo libertário.

A juventude de hoje é o porvir de amanhã; ninguém o duvide.

---

13 - CORTÉS, J. **Ação Direta**. Rio de Janeiro— RJ. — Ano 09 — Nº 103. Página 03 — novembro de 1955.

Por conseguinte, se esta é consciente e decidida, o porvir aparecerá brilhante e nele poderão esplender os ideais de liberdade e de justiça por que anelamos. Se, pelo contrário, não nos preocupamos com os jovens, deixando-os permanecer indiferentes aos problemas sociais, ocupados unicamente com o esporte, que os embrutece, assemelhar-se-ão, os homens de amanhã, a rebanhos de cordeirinhos e, então, um futuro sombrio ameaçará a humanidade.

Eu sou um jovem libertário que gosto de esporte — ciclismo, futebol, pilotar barco e, sobretudo, natação, que pratico bastante. Só o faço, porém, como exercício muscular, para a saúde do meu corpo e como distração nos meus escassos momentos de ócio. Jamais me passou pela ideia o exercitar-me para chegar a ser profissional e fazer disto meio de vida, o que acontece a muitos que abandonam o trabalho para viver do esporte.

O mais grave, no meu entender, é que muitos velhos companheiros, aos quais ninguém pode negar a qualidade de terem sido excelentes lutadores, hoje, por cansaço ou por apatia, se desinteressam realmente de tudo; e até conheço muitos deles que repetem constantemente que é necessário atrair a juventude para as ideias. No entanto, eles têm filhos maiores de 18 e 20 anos aos quais não ensinam nada, nem de ideias, nem de lutas sociais. Poderia nomeá-los, mas não julgo prudente. Por que tais companheiros, em lugar de lamentar-se, não começam por convencer os filhos, dando assim exemplo? Dizem outros que os jovens foram absorvidos pelo ambiente. Posso a isso responder que eu mesmo entrei em França ainda menino, mas não me esqueci das lições sobre ideias ácratas recebidas de meu pai. Morreu meu pai faz alguns anos. Eu, porém, continuo a sua obra e a dos nossos. Isto ao menos — e pesa-me ter de dizê-lo de mim mesmo — é um trabalho efetivo.

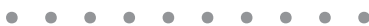
É certo também que isso ocorre porque a propaganda se ressentida da falta de atividade, no sentido de captar a juventude. Felizmente, agora,

se iniciou a publicação da “Novela Ideal”, em língua francesa. Isso está bem; creio, no entanto, que seria conveniente reeditar o famoso folheto de P. Kropotkin intitulado “Aos Jovens”. É já velho, mas é ainda de palpitante atualidade. Outro folheto que julgo importante é o editado, em 1945, pelos companheiros da Bretanha, na “editorial Libertad”, sob o título de “Esboço da autoeducação dos jovens”, por Dédalo. Acho ótimos ambos os folhetos e creio que se devia orientar a propaganda em tal sentido, pois, se queremos alcançar a liberdade integral dos povos, é preciso começar por conquistar as simpatias da juventude.



A respeito do artigo acima, escreveu A. Gonzalez em C.N.T. n.º 541, o artigo abaixo.



*Mais sobre a orientação juvenil*<sup>14</sup>

Li o artigo do companheiro J. Cortés, em “C.N.T.” nº 538, que trata, com clareza meridiana, da triste realidade da conduta atual da juventude sobre cultura, ideias, etc.

Com efeito, no que concerne aos jovens, estou completamente identificado com esse companheiro e me congratulo de que haja quem diga desembaraçadamente a verdade, ainda que ela seja amarga. Sou partidário de apontar os nossos defeitos para corrigi-los. Em seu artigo. Cortés diz:

O mais grave, no meu entender, é que muitos velhos companheiros, aos quais ninguém pode negar a qualidade de terem sido excelentes lutadores, hoje, por cansaço ou por apatia, se desinteressam realmente de tudo; e até conheço muitos deles que repetem constantemente ser necessário atrair a juventude para as ideias. No entanto, eles têm filhos maiores de 18 e 20 anos, aos quais não ensinam nada, nem de ideias, nem de lutas sociais.

Sim, é isso uma realidade; eu o vejo e verifico com dor no coração. Conheço também muitos jovens robustos e com certa instrução, filhos de companheiros veteranos, criados aqui no exílio com seus pais. Os pais falam das nossas ideias por toda a parte, mas em casa, imagino que devem falar pouco das nossas cousas, porque os filhos não sabem nem o A B C da acracia, nem o que é a nossa organização, nem como marcham

---

14 - GONZALEZ, A. **Ação Direta**. Rio de Janeiro— RJ. — Ano 09 — Nº 103. Páginas 03 e 04 — novembro de 1955.

as JJ. LL.<sup>15</sup>, nem o que é o C. libertário; sabem somente, alguma coisa de esporte. Que a juventude, depois do trabalho e das suas horas de estudo, se entregue às suas expansões favoritas, é normal e natural, próprio das inquietudes juvenis. Mas o inadmissível é que a imensa maioria dos filhos dos companheiros desconheçam as nossas ideias. Digo a maioria por não haver regra sem exceção. Mas é lamentável, repito, que a maioria dos filhos dos companheiros procedam como indiferentes, ou como os filhos de burgueses, em relação às lutas sociais de emancipação.

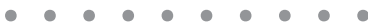
Se pudéssemos ter nas nossas Juventudes Libertárias, em França, 80 por cento dos filhos dos companheiros exilados neste país, poderíamos, então, estar satisfeitos e as nossas JJ. LL. no exílio seriam potentes, capacitadas; em resumo, a escola de militantes para amanhã.

Que os filhos das pessoas sem ideal e os filhos de homens de palha se ocupem somente de esporte de bilheteria e centros de embrutecimento, tem uma explicação. O que não tem justificativa é que a quase totalidade dos filhos de companheiros, velhos militantes, tudo ignore das nossas ideias.

Meditem um pouco os que têm filhos, e pondere bem o homem idealista na responsabilidade que contrai ao ter um filho, ao qual tem o iniludível dever de educar fazendo dele homem culto e livre, animando-o a que lute desinteressadamente para conseguir instaurar uma sociedade de justiça social e de liberdade.

---

15 - **Nota do Org.:** Juventudes Libertárias.



O problema tratado nos dois artigos anteriores é deveras muito sério para a nossa propaganda, além de ser problema muito complexo.

Vários companheiros, por suas ocupações, tanto no campo profissional quanto no da militância, faltando-lhe tempo suficiente para viver mais a vida em família, deixam a educação dos filhos a cargo das mulheres que, não sendo companheiras, passam a orientá-los no sentido da educação recebida e, quase sempre, coadjuvadas pelos parentes contrários às ideias do marido. Este fato se agrava quando o marido vem sofrendo, ou tem sofrido, restrições, preterições, perseguições ou prisões e, principalmente, se agrava quando essas injustiças criam dificuldades financeiras para a família. Não sendo companheira, dificilmente tem a mulher envergadura moral para enfrentar, com resignação e bravura, tão penosa situação. E, às vezes, quando de maneira sublime se dispõe a enfrentar, lá vêm os intrusos a martelar-lhe o espírito moralmente combalido, e ela cede àqueles que, a troco de minguido auxílio para os filhos, lhe impõem uma condição humilhante. Outros companheiros, por um modo de ver que reputamos errado, não querem influir no espírito dos filhos quanto ao ensino das ideias, por achar que eles as devem procurar espontaneamente. Deixam, assim, que outros influam com outras ideias, com grandes possibilidades de bom êxito, por serem concepções dominantes no ambiente. Mal orientados de início, dificilmente virão a conceber o que pregamos. Há outros bons companheiros que, ou lutam, ou lutaram bravamente, mas que, no íntimo, não se sentem muito seguros

---

16 - S. P. **Ação Direta**. Rio de Janeiro—RJ. —Ano 09 — N° 103. Página 04 — novembro de 1955.

das ideias que pregam e defendem. Daí a indecisão quanto ao seu ensino aos filhos. São bons companheiros, são leais companheiros, são bravos companheiros, são desprendidos, mas, no íntimo, têm a dúvida a corroer-lhes a consciência. Quando marido e mulher são companheiros, ainda assim lutamos em condições difíceis. Temos a resistência do meio. Temos, a contrapor-se à nossa ação, a ação da escola. E, como nem sempre uma criatura que foi educada num seminário se faz padre, que foi educada num colégio militar segue a carreira das armas (e estas são educações que, quase sempre, anulam a vontade do indivíduo), também uma criatura a que se ministrou ensino anárquico, pode não seguir o anarquismo. Entretanto, o caso em que marido e mulher são anarquistas é, evidentemente, o que proporciona mais possibilidades de bom êxito.

Cumpra, pois, aos anarquistas meditem maduramente sobre este problema. No mínimo, devem procurar anular a influência de outras concepções no ânimo de seus filhos. O ideal, no entanto, é que, anulando-a, façam triunfar as suas ideias, se é que estão seguros da sua incontraditável (*sic*) superioridade.

## 83

# *Defendamos as Crianças e seus Direitos*<sup>17</sup>



**Só a escola leiga faz irmãos às crianças e aos homens, consideradas pelas escolas confessionais inimigas irreconciliáveis**

**DANIEL CANDEL LOPES**

Da criança, mimo de delicadeza, temo-nos de abeirar, trêmulos de emoção e respeito. Não podemos achegar-nos à criança como na triste escola das violações, como louco podador que corta brotos e brotos de otimismo para enxertar, prematuramente, tristezas e amarguras. Ela tem seu espírito e sua vida.

Por que nos havemos de atrever a castrar-lhe a força interior?

**Dewey**

**UNIÃO SOCIALISTA LIBERTÁRIA**

**Milre 747 – Rosário – maio de 1956**

**LUTA ENTRE O FANATISMO E A LIBERDADE**

O país acha-se abalado por uma luta renhida entre grupos com interpretações opostas acerca do ensino nas escolas primárias, secundárias e na própria universidade.

O problema é vasto e complexo, porém, mais simples e decisivo no tocante ao ensino primário. A escola, tradicionalmente leiga, em

---

17 - (Não assinado). **Ação Direta**. Rio de Janeiro – RJ. – Ano 11 – Nº 110 – Página 04 – setembro de 1956.

nosso país, foi transformada em religiosa durante a tirania rosista<sup>18</sup> e reimplantou-se por influências e interesses da turma governante do regime recém deposto, convertendo-se num campo de ação exorbitante do clero, que aproveitou seu apoio eleitoral à ditadura para empalmar sua presa cobiçada: o espírito em formação da criança.

## **O ENSINO RELIGIOSO SEMEIOU ÓDIOS E DIVISÕES**

Relatar o que foi a escola argentina durante o predomínio do ensino religioso mereceria especial estudo para demonstrar os excessos, apetites e infâmias cometidas. Basta assinalar que muitas crianças, cujos pais se atreveram a notificar que não desejavam o ensino de tal matéria, sofreram perseguições, expulsões e mofa dos companheiros de colégio e até de muitos mestres fanáticos e intolerantes.

## **O CLERO DAS TIRANIAS NÃO PODE INVOCAR LIBERDADE**

Os que sempre hão sido aliados das tiranias e dos poderosos, como foram os hierarcas da Igreja com Mussolini, a quem apoiaram com seu famoso tratado de Latrão, com Franco, que, depois de sangrar a Espanha e mantê-la aferrolhada, conta com a benção papal, que gozam de privilégios, sem denunciar as atrocidades das ditaduras de Portugal, Colômbia, Venezuela, Peru, Paraguai, etc., etc., não têm direito de falar em liberdade. Nenhuma sensibilidade mostrara com a dor do povo. Têm aproveitado todos os privilégios em nosso país durante todos os regimes e, especialmente, sob o nefasto reinado do despotismo, enquanto eram perseguidos implacavelmente os setores democráticos, os estudantes reformistas e os trabalhadores dignos.

18 - **Nota do Autor:** do ditador Rosas.

Os dignatários da Igreja só se sentiram feridos quando, num desses rebojos arbitrários de todo totalitarismo, foram privados de algumas suculentas participações nas cifras do orçamento e viram cerceadas certas normas de sua influência.

### **O ENSINO LEIGO OU COMUM UNE E APROXIMA AS CRIANÇAS**

A afirmação de que obrigar a receber ensino leigo a quem a não deseja é totalitarismo, embora possa impressionar os desprevenidos, se mostra, à menor análise, tremenda falsidade. Consultaram-se as crianças para averiguar? É possível consultá-las? O ensino, comum ou leigo, não vai contra religião alguma. É a escola que, sempre perfectível, tende a considerar todas as crianças no mesmo plano de respeito para, sem imposições, lograr o desenvolvimento da personalidade individual e social do educando.

### **A CRIANÇA DEVE SER RESPEITADA, TEM DIREITOS PRÓPRIOS**

A criança não deve ser instrumento de nenhuma pessoa, nenhuma seita, nem do Estado. Nem os pais devem impor seus dogmas e ideologias aos filhos. A criança deve desenvolver sua personalidade, o que não exclui ser ela acostumada à convivência e responsabilidade social, isenta de todo fanatismo. Isso, por si só, conforma normas morais cuja origem ética saberá cada um achar quando tenha consciência e raciocínio para decidir sua posição ante os problemas que se lhe deparem, sejam de natureza filosófica, religiosa, artística ou política.

## **NÃO ATEMORIZEMOS AS CRIANÇAS, NEM LHES TURVEMOS A ALMA**

**É preciso assinalar que a criança pode desenvolver-se normalmente na vida comum, com elementares noções do que é bem e mal, sem necessidade de lhe introduzir, na tenra mente, alucinantes visões de tormentos, complexos de culpabilidade ou ameaças de castigos infernais. A criança pode ser mais feliz e viver mais plenamente com impressões dadas pela beleza, bondade e solidariedade que enobrecem e elevam.**

## **O TOTALITARISMO QUER DEFORMAR AS CRIANÇAS PARA AS FAZER ESCRAVAS**

Mas, as forças obscurantistas, sejam materialistas, como na Rússia, deificadoras do Estado, sejam das igrejas, que tudo relegam para o outro mundo de pesadelo, desejam deformar, desde sua mais tenra idade, as plásticas mentes infantis para criar indeléveis sulcos convertedores da grande maioria em seres sem vontade, apoucados e sempre necessitados de auxílios espirituais. Os sacerdotes de todas as seitas e dogmas têm vasta experiência nesse sentido.

Há nisso um sinistro jogo para manter o poder do clero e seus domínios de clara filiação totalitária.

## **FORJEMOS UM MUNDO FELIZ PARA AS CRIANÇAS E ASSEGUREMOS A LIBERDADE DOS POVOS**

Essa é a realidade que o povo deve conhecer e desmascarar. Atrás do ensino religioso, ou dogmático, está a ameaça à liberdade, o

fanatismo, a intolerância e a fogueira da inquisição totalitária.

A escola deve ser leiga e comum. Não se deve fomentar ódios nem divisões entre crianças. Já bastante dividida se acha a humanidade com suas fronteiras, raças, seu Estado e guerras.

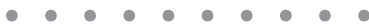
A União Socialista Libertária chama fraternalmente a atenção de pais e mestres a que sigam educando as crianças num ambiente de respeito, solidariedade social, emulação no bem que une e irmana. Incita a compreender os direitos da criança e considera que deve procurar-se, para a infância, uma criação que lhe permita viver limpa de alma, sã e na alegria que flui de sua própria existência, sem os temores que os dogmáticos lhe querem inculcar.

**União Socialista Libertária**

**Mai de 1956**

# 84

## *Inquietudes juvenis*<sup>19</sup>



*Meus companheiros.*

*Somos como uma luzinha que brilha dentro da escuridão imensa.*

*Somos como uma janela que se abre quando todas as portas se fecham. Somos jovens e já somos alguém, porque pensamos, porque agimos, porque lutamos.*

*A palavra sem ação é incompleta, como o ideal sem batalha é inútil.*

*Falamos, idealizamos, planejamos, mas damos corpo ao nosso ideal, damos forma ao nosso plano, damos ânimo ao nosso trabalho. Viver é lutar até o fim, até o dia em que as nossas forças terminarem.*

*Tenhamos em mente, pela existência afora, que o prazer da luta é muito maior do que o da própria conquista.*

YARA LEU-SOU

*Nota* – Trabalho lido na festa de fundação do Grêmio Juvenil do Centro de Cultura Social de S. Paulo.

---

19 - LEU-SOU, Yara. **Ação Direta**. Rio de Janeiro – RJ. – Ano 14 – Nº 136 – Página 02 – outubro de 1959.

# 85

## *Grêmio juvenil*<sup>20</sup>



Como mais um desdobramento de sua atividade, o Centro de Cultura Social de S. Paulo está empenhado a também interessar a juventude na obra de cultura para a qual foi fundado.

Com esse intuito, está empenhado em tornar efetiva a existência do Grêmio Juvenil, para reunir os jovens das famílias de seus associados e de outros que possam ser atraídos para a consecução dessa finalidade.

Tornando prática tão útil iniciativa, já têm sido realizadas, na sede da rua Rubino de Oliveira, 85, no bairro do Brás da capital bandeirante, interessantes reuniões lítero- recreativas, com resultados satisfatórios.

---

20 - (Não assinado). **Ação Direta**. Rio de Janeiro – RJ. – Ano 14 – Nº 136 – Página 04 – outubro de 1959.

## *Ser jovem é... ser jovem, bolas*<sup>21</sup>



A juventude não é um período da vida. Ela é um estado de ânimo. Um efeito da vontade, uma qualidade da imaginação. Uma intensidade emotiva. Uma vitória da coragem sobre a timidez de gosto da aventura; sobre o amor do conforto. Não é por termos vivido certo número de anos que envelhecemos. Por abandonarmos o mesmo ideal é que aparecem as rugas em nosso rosto. Renunciar ao ideal enrugam a nossa mente. As preocupações, as dúvidas e os temores são os inimigos que, lentamente, nos fazem inclinar para a terra e nos tornem pó antes da morte.

Jovem é aquele que se admira. É aquele que se maravilha e pergunta. Como a criança insaciável no saber. Que desafia os acontecimentos e encontra alegria no jogo da vida.

És tão jovem quanto o teu ideal, tão velho quanto a tua descrença. Tão jovem quanto a tua confiança em ti e a tua esperança. Tão velho quanto o teu desânimo. Serás jovem enquanto te conservares receptivo ao que é belo, bom e grande. Receptivo às mensagens da natureza. Do homem ao infinito.

E se um dia teu coração for atacado pelo pessimismo, ou corroído pelo cinismo, é porque já te faz falta a juventude.

---

21 - SENIGAGLIA, Felício. **Dealbar**. São Paulo – SP. – Ano 01 – Nº 04 – Página 03 – janeiro de 1967.

# 87

## *o menor abandonado*<sup>22</sup>



Entre todos os problemas sociais que nos afetam, um dos mais sérios é o problema do menor abandonado. É uma chaga social que todos precisam combater. Não só por ser a origem da delinquência, mas pela necessidade de visar um futuro melhor a seres humanos que, como tal, têm o direito de desfrutar seu quinhão de felicidade.

A má organização social é fator preponderante para que esta chaga não só subsista, como prolifere e seja, dia a dia, mais atuante.

O menor é um ser indefeso, e que sofre as influências diretas do meio em que vive. Se ele provém de um bom lar, bom no sentido humanitário, que lhe dê constantemente amor e carinho; que este lar o faça sentir-se querido; esta criança crescerá sob signo de responsabilidade, honesto para consigo mesmo e apto a cumprir suas obrigações para com os demais.

Mas se, pelo contrário, este menor foi criado por pais desajustados; se ele não tem amor; se ele vive ao relento ou, por outra, se ele é um ser abandonado, naturalmente vai se ressentir; vai sofrer as influências do que vê, sendo moldado pelos exemplos que observa. E, como emérito imitador, copia o caráter dos que o cercam.

E aqui cabe a pergunta: o que é dado observar à estas crianças?

É simples. A criança tem uma lógica que ainda não foi condicionada à falsidade em que vive o adulto. O que ela vê é uma sociedade que desvaloriza os sentimentos. Uma sociedade que adora o Deus Dinheiro; que vai às igrejas e defende a guerra; que dá esmola a

---

22 - COSTA. **Dealbar**. São Paulo – SP. – Ano 01 – Nº 08 – Página 02 – outubro de 1967.

um pobre, mas não a oportunidade dele se recuperar. A tudo isso ela vê e não compreende.

No caso particular dos abandonados o problema é mais sério. Eles veem alguns com amor e eles não. Alguns com pais e eles não. Alguns com alimentos e brinquedos e eles não. Por que? E vem então a revolta! Tornam-se agressivos. Procuram compensar o que lhes é negado através da destruição do que outros possuem.

É aí que entra em cena a pseudo-justiça.

Ao invés de tratar os menores com carinho, com amor, como seres que precisam de proteção, ou até mesmo como injustiçados a caminho de um futuro melhor, não! Fazem o contrário. Tratam-nos como criminosos. Pegam-nos e os colocam em Casas de Corrupção, isto é, Casas de Correção, os SAMS, abrigos de delinquentes.

Esta instituição é algo que precisa de urgente reforma. Os menores que para lá são levados sofrem uma série de massacres: físicos, mentais, morais, etc. Fazem-lhes uma série de imposições, uma série de obrigações que, pelo seu condicionamento anterior, não estão aptos a assumir. E o que é pior: aplicam grandes castigos que, longe de ajudar, apenas brutalizam o corpo, embrutecem o espírito e os tornam ainda mais revoltados.

Ora, estas crianças, quando conseguem sair do reformatório ou, antes disso, quando conseguem fugir, a única coisa que obtiveram foi um potencial tremendo de agressividade reprimida que precisa ser liberto.

Então se transformam em ladrões, conscientes de estar fazendo o mal, se transformam em assassinos, em revoltados. Todo o “trabalho árduo” dos “reformadores” se perde.

Mas a solução é bem diferente. Seria necessário acabar com as casas correcionais e construir creches nas quais estes menores tenham oportunidade de desfrutar de trabalho e amor que lhes é negado. Que

eles tenham o amparo de que precisam. É necessário que eles adquiram a noção de liberdade e responsabilidade. Solução que nos dá Neill em seu livro “Summerhill”. É a moderna pedagogia a serviço da humanidade.

E, sobretudo; é preciso ter sempre em mente que “apenas o amor constrói para a Eternidade.”

# 88

## *Página Juvenil*<sup>23</sup>

• • • • • • • • • •

### **Hora de Realizações**

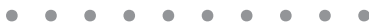
A nada conduzem os estudos sobre problemas sociais, se as deduções a que cheguem não se modelam em fatos concretos. Nada adianta o que, após análise da evolução dos problemas que se apresentam ao homem, amante da liberdade, chegando a uma conclusão da necessidade de uma transformação social, não nos dispomos a tomar nosso posto nessa luta. Não é hora de estudos e atitude contemplativas. É hora, sim, de ação. Primeiramente, se impõe a organização de todos nós, que sentimos inquietudes sociais, para criar uma força capaz de impulsionar a evolução social. Somos jovens, tanto por razões físicas como temperamentais e somos chamados a ocupar as linhas avançadas da luta por um amanhã melhor e o dique que há de se opor às forças que tratam de impedir o livre desenvolvimento da liberdade.

Temos de dar vida a uma organização que, ademais de agruparmos, represente nossos sentimentos de solidariedade, justiça e igualdade socioeconômica. Não uma organização que utilizaríamos para conquistarmos melhores posições político- econômicas, e sim para prestar nosso concurso na elevação da classe humana. Referimo-nos a um movimento juvenil libertário no qual, sem distinção de raça, classe, sexo ou nacionalidade, sejamos a vanguarda do pensamento e da luta por um amanhã mais humano.

É a hora da Juventude não permanecer à margem da missão que nos pertence cumprir. Disponhamo-nos a ocupar nosso lugar, organizando as Juventudes Libertárias e, através delas, faremos frente aos inimigos da evolução social, constituindo-nos em baluarte de nossa capacidade ideológica. O amanhã necessita de Jovens.

---

23 - COSTA. **Dealbar**. São Paulo – SP. – Ano 01 – Nº 08 – Página 02 – outubro de 1967.

*Nova mensagem à juventude*<sup>24</sup>

Se Piotr Kropotkin vivesse em nossos dias, certamente se sentiria tentado de escrever novamente o folheto, aquele em que, fazendo esplendor da sua imensa cultura e da sua infinita bondade, se dirige aos jovens. Mas, as novas verdades, que redigisse, não fariam mais que reforçar as contidas no tema em questão, que fez despertar inúmeras consciências juvenis para dispô-las à ação, animados da chama do ideal libertário.

Aquelas verdades são reais e imortais. Toda a história posterior, desde o momento em que foi escrita, “Aos jovens” é a confirmação das palavras [que] ele, Kropotkin, escrevera. Os males, que ele assinalava, subsistem agravados; os remédios que propunha, se revelaram como os únicos eficazes para acabar com a opressão totalitária.

Diz o adágio que: “nada de novo existe baixo ao sol”, mas as velhas verdades aparecem revestidas com a capa dos feitos novos. Seus traços foram desaparecendo com o tempo. Pouco a pouco, seu relevo se faz cada vez mais obscuro e é necessário projetar de novo a luz sobre eles para que seus contornos voltem a se destacar. Daí surge a necessidade de recapitular, de ordenar, de apoderar-se dos conceitos esquecidos para rejuvenescê-los e dar-lhes novo brilho.

Não pode caber em nós a néscia pretensão de esquecer o que nossos precursores disseram antes de nós. Não é possível esquecer o patrimônio espiritual que nos foi legado, porque tem sido, para todos, a fonte comum de onde bebemos nossas primeiras lições.

Mas, também nós possuímos nossa própria vontade. Verdade que

---

24 - PARRA, C. **O Protesto**. Ideias, crítica e combate – RS. – Ano 01 – Nº 01 – Páginas 04 e 09 – outubro de 1967.

não nasceu de interpretações mais ou menos livrescas, ainda que os livros nos guiem, nos orientem em sua busca. É uma verdade amassada com dor, feita da luta constante e do esforço diário, verdade única em cada ser humano e diversa no conjunto da sociedade.

E se o acervo comum de todas as experiências individuais constitui a sabedoria coletiva de toda a humanidade, cada homem leva em si sua própria mensagem, para lançá-la aos quatro ventos.

Estas linhas querem ser uma nova mensagem para a juventude. É, quiçá, uma pretensão atrevida a de crer-se com condições de falar aos demais, adotando a posição de conselheiro. Muitas vezes, a paixão que colocamos numa palavra faz com que nos forjemos a ilusão de que os demais as sintam conosco e as compreendem igualmente. Mas, quando se recolhe o fruto da semente semeada, compreendemos o quanto pobre foi a colheita, em proporção ao grão lançado no sulco. Não obstante, ainda contando com a existência dos indiferentes, nosso dever é de semear. Que importa que haja muitos que não nos escutem?!...

Nestas horas cruciais para o mundo, é necessário falar fortemente aos jovens. Nunca, como agora, foram maiores as possibilidades de liberdade, mas nunca foram tantos os perigos que rodeiam a juventude e que se cerram sobre os povos. O terrível dilema que atormentava a Hamlet, apresenta implacável para a jovem guarda. O “ser ou não ser” não constitui já uma figura retórica, senão uma realidade crua e presente.

Os progressos materiais e científicos abrem, à juventude, as mais amplas perspectivas para se desenvolverem. Um mundo maravilhoso se oferece ante eles, mas o regime social imperante os impede do acesso. Não há, para os jovens, outra perspectiva que a de uma vida estúpida e rotineira, que a do exercício de uma profissão, escolhida não por inclinação, senão por necessidade, que o destina fatalmente a servir como massa de manobra aos militares profissionais, que não vacilam em fazer-lhes matar, se assim convém aos interesses do capitalismo.

Se dirá que estas verdades já são por demais sabidas. Mas, estas verdades, ditas a princípio de século, ou repetidas em 1967, tem diferentes tons. Então, as guerras ainda tinham um caráter local. No máximo eram 02 ou 03 nações, as que se lançavam ao massacre. Depois, e por 02 vezes consecutivas, o conflito repercutiu nos 05 continentes, e foram muitíssimas as nações beligerantes. A princípios do século, os resplendores da Comuna de Paris, primeiro grande incêndio proletário, já quase se tinham extinguido e só restava uma tênue lembrança que ia cobrindo cinzas do esquecimento. Depois, as fogueiras foram acendidas por todas as partes, cada vez com maior força e mais violência. Na Rússia, em 1917; na Baviera, na Itália, na Hungria, nos anos da pós-guerra, na China em 1927 e, finalmente, na Espanha em 1936. Os resultados conseguidos não são, em seu conjunto, muito reconfortantes. No livro de suas ações, conta até hoje com um passivo de derrotas. Derrotas relativas, como são todas as que se sofrem quando entram em jogo aspirações materiais e impulsos éticos.

Mas, não cabe dúvida que o feito de que tenham sofrido reside em nossas próprias faltas e debilidades. Que todo o generoso esforço da classe operária tenha servido para fazer, aparentemente, mais insolente o domínio da reação internacional, é um fenômeno, devendo dar matéria para reflexão aos jovens que se lançam agora pelas sendas da luta social.

Tais reveses não podem ser nunca filhos da casualidade. O azar é um fator que influi no desenrolar dos feitos históricos, mas não até o extremo de repetir-se continuamente. Se Stefan Zweig nos falou dos momentos estelares na história da humanidade, os casos apresentados como exemplos se relacionavam com circunstâncias e ambientes diferentes em cada um deles. Se sucessivas repetições fracassaram, deve buscar-se este fracasso em causas inerentes às mesmas. Temos de pensar quem, em toda ação empreendida, proliferavam os germens da sua derrota.

Que melhor tarefa, para a juventude, que a de analisar todas essas experiências para poder fazer mais fecunda sua ação no futuro? Na atualidade, a simples crítica do sistema social imperante já não é suficiente. Se tem feito já tantas vezes que sua repetição [é] marcada de uma sensação de falta de argumentos mais sólidos para condenar a atual sociedade. É necessário extrair do monte de feitos, que se apresentam em tropel ante nós, os elementos essenciais que nos deem uma ideia de uma natureza íntima. Ao mesmo tempo, este exame pode servir-nos para fazer mais ágil e mais eficiente nossa atuação.

Nos momentos atuais, está se produzindo uma polarização de forças adversas, condenadas a enfrentar-se cedo ou tarde.

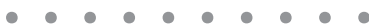
A luta contra o nazismo pode calar, por um certo tempo, a violência das lutas sociais em cada país. Mas, apenas o perigo desapareceu, as eternas lutas agudizam-se e os antagonismos entre as classes aparecem à luz do dia. No desconcerto atual, as forças progressivas da humanidade lutam por abrir caminho. E, como reação lógica, os elementos reacionários tentam fechar o caminho a uns acontecimentos, que poderão frear, mas nunca que conseguirão evitar.

A juventude deve ter a vontade firme para enfrentar as lutas do futuro. Este futuro será tal como nós o façamos. Não pode ser feito com os moldes fieis da autoridade, que só servem para cercear a iniciativas individuais e para preparar o terreno para novos despotismos. Só a luta pela conquista da liberdade merece o esforço da juventude. Toda ação que não tenha esta finalidade não merece ser tomada em consideração.

Quando a ação se apresenta, forçosamente se apresentarão mais de uma, tenhamos bem presentes os ensinamentos que nos brinda a história, para que a vitória, conseguida com nosso esforço, não sirva para entrosar novos tiranos.

# 90

## *Mãe e filhos*<sup>25</sup>



### Por uma infância feliz

Continuo pensando em ti, leitorazinha proletária, e em teu filho. Já és mãe; já estás pagando para a Vida tua dívida com outra vida.

Teu filho é produto do amor, e da dor que isso seja a Vida. Não em partes iguais para ti, nem para as tuas irmãs de classe; tampouco para teu filho. Te dói sabê-lo, verdade? E dizes: como evitá-lo? Tua bondade, teu instinto de mãe, quer limpar as ervas daninhas da senda da Vida que teu filho há de percorrer.

Difícil missão a tua, mas inesgotável tua vontade e o amor para teu filho. Quanto já se conseguiu com vontade e amor! Se não consegues todos teus, humanitários, nobres propósitos, tem fé que conseguirás uma boa parte. Farás feliz a infância do teu filho, porque o amas e ele te adora. Logo... a Sociedade te o roubará; a Sociedade te sucederá nos cuidados para o teu filho, mas a Sociedade... não amará o teu filho; a Sociedade é uma má madrasta. Sabendo isto, faz feliz sua infância!

Não penses, jamais, que teu filho é mau; nem que é todo bondade; nem sábio, nem burro; é um animalzinho gracioso, menos esperto que outros animaizinhos na sua idade, menos forte, mas capaz de ser educado, não domesticado! Não esqueças isto.

Te dizia que tua missão é difícil, para que não ignores que não estás preparada para tão importante obra. Não é tua culpa.

Em outros artigos tratarei de te mostrar os responsáveis. Na escola te falaram somente do mistério da Santíssima Trindade, da lista dos reis magos, até do volume da esfera, possivelmente esquecendo de iniciar-

---

25 - UM PROFESSOR Rural. **O Protesto**. Ideias, crítica e combate – RS. – Ano 01 – Nº 01 – Página 09 – outubro de 1967.

te na puericultura, cuja mesma definição acaso ignores. Tua vontade e amor saberão superar estas deficiências que a descuidou a Sociedade.

Deixa-te guiar por teu coração de mãe e rompe abertamente com a tradição. Teu instinto te advertirá quando teu pequenino ser sofra, e alguma coisa dentro de ti te aconselhará o remédio. Dá liberdade desde os primeiros momentos; será a única etapa do caminho que ele gozará. Bem dizia Rousseau que, ao nascer nos envolvem entre fraldas, enquanto vivemos com leis sociais e, de mortos, com as madeiras pregadas do ataúde.

Rompe com a tradição das fraldas, faixas, cintas, etc., que impedem ao teu filhinho mover-se na fase da sua vida que os órgãos, mais liberdades e movimentos, necessitam para a aprendizagem das funções que os adultos realizaram. Faz de suas roupinhas seus protetores e não seus opressores. Assegura-te que está limpo o alimento e que seu sonho é tranquilo.

Se o ouvir chorar! Não se alarme. Teu bebê, felizmente, não sabe chorar ainda. O que chamamos pranto é sua primeira linguagem, seus exercícios fonéticos, são manifestações naturais. Em troca, um silêncio, uma inatividade prolongada pode ser sintoma de uma indisposição.

Não tenhas pressa em que aprenda a caminhar, a “ir-se sozinho”. Rompe com a tradição que aconselha diversidade de aparelhos fabricados pela indústria para acelerar o aprendizado do “ir-se só”. Deixa-o sobre o chão, em lugar não úmido e limpo e, ajudado de braços e pernas, aprenderá a ficar de pé, logo a dar os primeiros passos, que serão seguros, por basear-se em suas próprias forças e não no auxílio artificial e estranho. Ele “irá só” quando tenha forças em suas perninhas e confiança em suas habilidades. Muitas deformações das pernas e da coluna vertebral podem ter sua origem no fato de terem obrigado a criancinha a caminhar antes de estar fisicamente constituída para isto.

Teu ardente desejo de o ouvir falar, também o verás coroadado.

Fala-lhe como se fosses compreendida; assim, exercita seus sentidos auditivos e lhe proporcionas o único meio de progressar (*sic*) na sua balbuciante linguagem. Procura vocalizar bem, falar corretamente, e que teu pequeno ser veja o movimento de teus lábios. Tantos desejos de lhe ouvir falar, penso eu se, quando for maiorzinho, não lhe dirás algumas vezes: cala-te que não tenho vontade de te ouvir! Alegro-me se estiver errado.

Quando começar a “fazer travessuras”, corrige sempre e não castigues nunca. Sempre haverá ocasião de correção, porque é imperfeito, porque é um aprendiz;

nunca o ponha de castigo, porque não há falta, nem é um delinquente. Na correção, deves ser oportuna e constante: não corrijas a travessura de ontem hoje, nem a de hoje, amanhã; faz no ato, e ainda que te mostres contrária, antecipa-te ao mesmo; queres que não tome em suas mãozinhas a faca de mesa? Não a ponhas ao seu alcance; é uma correção que fazes antes de cometida a travessura.

E não acredites que o teu bonequinho de carne não repetirá as ações que tu corrigiste; por isso hás de ser uma constante na correção.

A educação é uma soma de hábitos. O hábito é uma facilidade para a ação, física ou coletiva, que se adquire pela repetição. Procura, pois, que não repita aquelas ações que possam formar um mau hábito. Não esqueças que a educação começa desde o berço e que tem suas épocas de preferência; certos hábitos se adquirem na primeira idade e tenha em conta que é mais fácil criar um bom hábito que desalojar um outro mau hábito adquirido.

Mostra-te sempre alegre e contente, que a tristeza e a dor se contagiam. Quanto sofrerá teu filho te ver chorar! Sorri com ele; brinca com ele... os dissabores da vida, já os conhecerá; deles se encarregará a madrasta, de quem te falei.

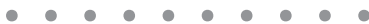
Para não esgotar tua atenção, que em nome de teu filhinho

te agradeço, por último te aconselho não fales nunca de medo; não o ameaces com a aparição de seres fantásticos; não cries, para o teu filhinho, o que não existe e que, portanto, ele não deve temer. Faz feliz a infância do teu filho!

Teu coração te dará mais conselhos. Segue-os, pois, o coração de uma mãe não se engana.

# 91

## *Subversão e Subversivos*<sup>26</sup>



Hoje, mais do que nunca, nós jovens, futuro de uma nação, manifestamos, quando possível, a pureza do nosso caráter, seja numa livre discussão, seja dentro de uma atuação efetiva.

Necessitamos, dadas nossas condições, de uma satisfação nos nossos mais íntimos anseios.

O estudante, principalmente, em virtude de sua formação, é classificado como consciente de uma situação instável, predominante há várias gerações. Mas o momento de agora demonstra que só uma camada alcançou este grau de compreensão. Para se alcançar um melhor padrão de vida e uma satisfação intelectual, é necessário a participação da coletividade.

Nada buscando, ou fazendo, por buscar se pode alcançar, desta maneira nada podemos reclamar.

O inconformismo dos demais vive em constante choque com a sociedade e com as leis feitas por esta para se proteger, principalmente, de uma justa reivindicação.

Todos, jovens ou adultos, em quaisquer circunstâncias em que se encontrem, no meio social que frequentemente, fazem sentir o seu desapontamento na sociedade e em seus defensores, quanto ao aspecto físico, moral ou espiritual.

Uma manifestação existe. Diferem as formas, mas existe. Seja seguindo uma ideia ou manifestando um ideal, seja qual for. Desde que vise um nível de desenvolvimento igual ou superior a qualquer já

---

26- PUIG, H. **O Protesto**. Ideias, crítica e combate. Porto Alegre – RS. – Ano 01 – Nº 02 – Página 04 – novembro de 1967.

existente no mundo.

Nuns indivíduos, essa rebeldia desperta-se mais cedo que em outros, deixando-se conduzir num turbilhão de ideias e de pensamentos.

Todas estas manifestações espontâneas, no homem constituem fator primordial, elas nem sempre são levadas a cabo, sendo poucos os que vencem nesta árdua e dura batalha. É a luta de um rochedo contra a fúria dos elementos no meio de uma tempestade. Se é um rochedo caracterizado pela firmeza de suas partes componentes, nem o bater d'água durante séculos o conseguirá destruir, e toda a energia empregada neste sentido, por matéria de pouca consistência, será polarizada para a de maior magnetismo.

As causas da frustração do homem, todo o bom psicólogo pode definir; sua alienação provém de uma cultura burguesa, torna-o incapaz.

A sociedade capitalista, na luta pela aquisição do “vil metal”, esquece os princípios humanistas, transformando uns em máquinas de fazer dinheiro e outros a desfrutar estas vantagens.

Mas todos, neste momento, deixaram de ser homens para transformarem-se em máquinas humanas, embrutecidos por fanatismos de toda a ordem. Sendo o seu querer e sua vontade limitada àquele círculo vicioso em que se encontram.

O “querer” é vontade fundamental que nos é sugada pouco a pouco. O mal, nesta luta, usa armas mais variadas, ou seja, as que foram impostas através de uma falsa moral. É a chamada moda, não só de vestir como de pensar. Quando algo soa fora disto tudo, ou é fora de moda, ou são injúrias, ou simplesmente “subversão de comunas”. Engano total, justificado pela má-fé dos que estão na posição de ditar regras e leis. Inconscientemente, levam o indivíduo a ser o que repudia ou, talvez muito conscientemente, já que os extremos se encontram. Seus métodos não diferem fundamentalmente um do outro, o que difere é a denominação. Nós, como marionetes no meio de tudo isto.

Os jovens, estudem ou não, buscam a razão da existência humana e devem ser encarados, por todos, não como criminosos, sim como idealistas. Todos buscam a superação do indivíduo, apesar do caos reinante. Numa peça de teatro, no cinema ou num centro de estudos, qual seja a sua atuação, sempre será considerada válida, uma vez que é um princípio básico libertário.

*Apelo aos jovens*<sup>27</sup>

*A ti jovem! Rico ou pobre; proletário, camponês ou empregado; intelectual, artista ou parasita... A ti eu apelo!*

*A ti, que padeces a dor de tua vida miserável; a ti, que sofres a calúnia dos covardes; e a ti também, que és castigado pela desorientação de teu destino sem rumo...*

*Tu, o angustiado, o melancólico, o esquecido, o oprimido. Tu, tu e tu! Que, de anos sem esperanças, que gemes baixo o chicote, o que não sabe levar a pobre vida inútil! Escuta a mensagem! Escuta...*

*Temos que fazer algo grande! Luminoso e terrível; alegre e trágico. Revolucionário! Algo que nos lance fora de nós mesmos, por cima de nossa escravidão, e por baixo de nossa tranquilidade aburguesada.*

*Porque assim, não podemos continuar... Não devemos continuar, se é que queremos ser homens vivos e não cadáveres que se transladam. Forças fecundas e não fantasmas errantes. Temos que fazer algo grande... E o faremos!*

*Temos que dar volta ao nosso corpo e à nossa alma, e ficarmos com o forro para fora. Com as vísceras ao ar livre, com os pensamentos, as intempéries, com os sentimentos ao nu; que desapareça a fetidez de nossa confinção e se evapore a névoa da angústia, que fiquem descobertos os tumores, se encham de oxigênio os pulmões, se renove o cérebro e se refresque o instinto.*

*Porque assim não podemos, não devemos continuar! Esta vida*

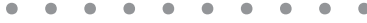
---

27 - REY, C. **O Protesto**. Ideias, crítica e combate. Porto Alegre – RS. – Ano 01 – Nº 02 – Página 04 – novembro de 1967.

*miserável que nos dão já pronta, terminará de transformar-nos em pobres idiotas, autômatos, sem grandezas para o bem ou para o mal...*

*Devemos incendiar a história e ficarmos sós em um mundo de cinzas. Sós! Terrivelmente sós: sem defesas, sem firmeza, sem estufas para nos aquecer. Pré- históricos ou apocalípticos? Sinceramente sós. Porém, loucos, alegres e tremendamente loucos. Temos que fazer algo grande! Mas assim, não podemos; não devemos continuar.*

## *Os estudantes e sua rebeldia*<sup>28</sup>



Ao falarmos em estudantes, temos que nos referir aos “Beatles”, aos praticantes do “agogô”, a determinados tipos que, por esnobismo, praticam a delinquência. A essa juventude que, em nome de abrir novas causas para a produção intelectual e artística, distorcem, deformam e desprezam a música, a poesia, a pintura, a dança, a literatura e todas as manifestações do pensamento. Suas produções parecem melhor obras de mentalidade esquizofrênica, um produto de irresponsáveis, aos quais se lhes podem aplicar a célebre frase que Schopenhauer dedicou às mulheres: “Animais de cabelos longos e ideias curtas”.

Aplaudimos aqueles jovens que defendem a firme atitude estudantil frente a toda ditadura militarista, os que defendem, ante tudo, o desfrute pleno de uma autonomia universitária, que para eles tem um aspecto dobrado: o libertário e a autodeterminação.

Por um lado querem a liberdade de cátedra e de expressão; por outro, a codireção, isto é, formar uma união de professores e alunos que irá facilitar o alcance de suas máximas expressões na paridade de uns e outros, nos organismos acadêmicos e de direção nas Universidades. E sustentam suas lutas porque esta autonomia tem sido destruída pelos militares, em todo lugar que eles se impuseram.

A esta juventude estudantil devemos aplaudir e sustentar, porque tem por objetivo defender algo essencial da dignidade dos povos. Enfrenta-se o militarismo por ser este um eterno rival da liberdade universitária e estudantil. Os militares costumam ver, em cada

---

28 - TORRES, F. **O Protesto**. Ideias, crítica e combate. Porto Alegre – RS. – Ano 01 – N° 02 – Página 06 – novembro de 1967.

estabelecimento de ensino, um inimigo em potencial, um obstáculo que se atravessa em sua marcha e domínio.

Daí a agressiva atitude de todos os ditadores militares que, quando uma grande maioria da classe estudantil não se submete a seus domínios, limitam-se a mandar fechar suas entidades representativas, negando-lhes recursos econômicos e prendendo jovens que se opõem a seus desígnios.

Este processo de tirania vem sucedendo na Espanha, Portugal, Bolívia, Argentina e também em nosso país.

Na Argentina, as forças militares têm realizado atos dignos de serem criticados. Porém, ninguém o faz, com medo que lhes aconteça o mesmo que sucedeu ao estudante de engenharia, Santiago Pompillón, que as forças militares metralharam em Córdoba. No dia seguinte, quando numerosos grupos de estudantes se dispuseram a render seu último tributo ao companheiro assassinado, os sucessos alcançaram maiores proporções, já que, nas imediações da Faculdade de Medicina, as autoridades obrigaram aos estudantes a se dissolverem. Estes, resistiram durante duas horas, resultando bastantes feridos dos dois lados, entre eles o fotógrafo da A. P., Manuel F. Martinez.

Nada mais que violência a nossa juventude vai sofrendo, pois estamos em um mundo onde só encontramos guerras. E quando os jovens se revoltam contra o tal estado de coisas, são, às vezes, criticados pelos mais velhos, que preferem o comodismo e a crítica destrutiva à juventude, defensora de seus direitos e dos direitos de toda humanidade.

Isto é a juventude, uma juventude cada vez mais consciente de sua missão, mais responsável de seus atos e mais disposta a lutar em defesa de um conceito superior da vida e de justiça social.

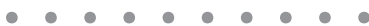
*Página estudantil*<sup>29</sup>**Encontro nacional de estudantes libertários**

*O estudante libertário encontra-se divorciado das atuais organizações de classe em virtude de sérias diferenças, tanto de ordem moral, como de interpretação. Não se sentindo representado em suas aspirações, nem na interpretação que da atualidade tem, encontra-se na necessidade de unir seu esforço e aparecer à vida pública, para fixar posição e dar combate. O objetivo desse encontro, julgando-o pelo seu amplo e variado temário, é de interesse não só do estudante libertário, mas, também, para o estudantado (sic) em geral. Propõem-se os estudantes libertários terem presença ativa nas lutas de classe e ideológicas, marcando rumos mais de acordo com os princípios federalistas, que devem reger a vida de toda organização de classe.*

*“O PROTESTO” informará, aos seus leitores, das resoluções que sejam adotadas por este primeiro encontro de estudantes libertários, e desde já espera que, no futuro, a classe estudantil veja suas lutas clarificadas e engrandecidas por uma apartação de indubitável (sic) valor.*

---

29 - (Não assinado). **O Protesto**. Ideias, crítica e combate. Porto Alegre – RS. – Ano 01 – Nº 02 – Páginas 06 e 07 – novembro de 1967.

*Não uniformizemos a infância*<sup>30</sup>

Os conhecimentos da psicologia não são necessários para se chegar à conclusão de que o homem, em sua conduta, é grandemente influenciado pela educação recebida em sua infância e adolescência, e pelo ambiente em que conviveu. Esta razão deve ser a que sirva de orientação aos Juizes de Menores, para ditarem as proibições que alcançam, desde os programas de televisão e cinema, até participação social em determinados atos públicos, para menores de certa idade. No entanto, essas mesmas autoridades não se manifestam com relação a dois fatos que prejudicarão a formação e mentalidade juvenil. Ignoramos se deve-se ao caráter dos organizadores ou a outra razão qualquer. Referimo-nos aos “Pedro e Paulo mirins”, a incorporação, ao exército, de jovens que, considerados marginalizados da sociedade, podem ser “recuperados” ao serviço dela.

A uniformização da juventude embrutece o sentimento humano do homem, do qual deve estar dotado, para viver em sociedade e prepará-la num sentido determinado, porque contribui considerar-se mais forte que seus semelhantes e com “autoridade” para impor a conduta dos demais. Isto é o que todo ditador se preocupa em realizar, pois não é de homens, com discernimento próprio, que precisa e sim de autômatos que obedecem e executem as injustiças determinadas, pois individualmente não pode realizá-las.

Sempre é o exército, ou as pessoas imbuídas do espírito totalitário que têm iniciativas dessa índole. É necessário combatê-las, pois expressam deformação do caráter humano.

---

30 - M. P. **O Protesto**. Ideias, crítica e combate. Porto Alegre – RS. – Ano 01 – Nº 03 – Página 02 – dezembro de 1967.

Existem pessoas que, inocentemente, consideram uma “gracinha” um menino uniformizado de brigadiano. A atitude de aprovação está contribuindo a criar inimigos de todo elemento progressista, pois criança uniformizada é futuro homem retrógrado, amigo da “ordem” imposta, que não é a ordem natural.

O que afirmamos, com respeito ao “brigadiano mirim”, o fazemos extensivo à incorporação ao exército de “marginalizados”. Se o que se pretende é fazê-los úteis à sociedade, deve-se-lhes proporcionar educação necessária, profissão útil ou os estudos precisos, para desenvolver qualquer atividade intelectual. Assim, acreditaremos na sinceridade desse pretendido trabalho de recuperação. Outro procedimento só faz pensar na intenção de criar autômatos que defendam, através da força, se for necessária, a sobrevivência de uma sociedade que, pelas suas múltiplas contradições, tem que fazer-se-lhe desaparecer.

Nós convidamos todos que lutam por um futuro de solidariedade entre os humanos, a se oporem à deformação que se pretende realizar com as medidas acima expostas.

A juventude não pode ser deformada na sua personalidade, orientando-a por caminhos que levam ao ódio aos seus semelhantes ou à valorização da força, como regularizador das relações humanas. Já o fabricante e comerciante de brinquedos de guerra, pelo egoísmo ganancioso, contribui à deformação do espírito infantil. Agora se apresentam esses “colaboradores” para “melhorar” a obra e, ainda mais, pretendendo apresentá-la como benéfica à sociedade.

# 96

## *Página Juvenil*<sup>31</sup>

• • • • • • • • • •

### 0 jovem e o militarismo

O mundo atravessa um período difícil para a sobrevivência da humanidade, mormente a dos jovens de nossos dias.

A juventude, hoje, encontra-se tolhida por uma série de obstáculos provenientes não do jovem, mas, sim, da sociedade em que vivemos.

Milhares de crianças, dia a dia, morrem de fome, tanto no Brasil, como na Índia ou na África.

Levas e mais levaras de jovens são engolfadas pelos horrores das guerras. São gente nova, como nós – “que amavam os Beatles e os Rolling Stones. Giravam o mundo sempre a cantar, as coisas lindas da vida” – Agora não cantam mais, pois estão mortos, ou vão morrer por determinação de “nossos” generais.

O militarismo, haja guerra ou não, domina os destinos do mundo. É a consequência da influência que possui a “força bruta” para os governos.

No Brasil, por enquanto, não temos guerra, mas somos preparados constantemente para tal. Não querem que o mundo viva em paz.

Nossa pequena e brava Porto Alegre, hoje, está fervendo de revolta, com as brutalidades praticadas contra um jovem, culminando com a sua morte. Quantos anos de uma vida cheia de sacrifícios se perderam... quanta ilusão se foi... Terrível perda, não só para a humanidade, como também para os seus genitores. Quem sabe lá, se ele vivesse, o que representaria para o mundo ou para a sua família? Por triste ironia, era oficial do exército brasileiro.

---

31 - (Não assinado). **O Protesto**. Ideias, crítica e combate. Porto Alegre – RS. – Ano 01 – Nº 03 – Página 04 – dezembro de 1967.

Já é fato corriqueiro, nos anais da crônica policial, registrarem-se fatos dessa natureza, ou semelhantes. Atentatórios à dignidade humana e da coletividade. A “gloriosa” Brigada Militar tem patrocinado, diariamente, um vasto caudal de atitudes não menos “gloriosas”. São cenas tiradas de filmes de “gangster”, no autêntico velho estilo do Far-West americano. São atitudes como essas que nos fazem repudiar o princípio da força bruta e repressiva.

Tudo é praticado sob os olhares dos responsáveis pela ordem pública, ou desordem organizada.

Nossa geração, quanto protesta contra essas barbáries, ou quando defende princípios considerados justos, encontra a mais violenta repressão, como foi a das últimas passeatas, realizadas em nossa capital, como no país. A omissão criminosa de certa parcela do povo, é a responsável pelo que corre. Pois se esse povo deixasse de lado a frivolidade e os pensamentos fúteis, e se preocupasse mais com os problemas de nossa existência, é certo que fatos como esses não se repetiriam.

Muito se fala em nome do povo. E muita gente boa se sacrifica pelos trabalhadores do mundo inteiro. São ideias altruísticas, postas a frente de qualquer interesse material, cheias de confiança na emancipação do homem e na sua valorização individual.

Se bem que pese, suas atitudes de complacência não podem ser levadas em conta. Existe muito embrutecimento moral, muito egoísmo, muita vaidade e muita ignorância.

O que se precisa é uma reforma violenta, radical, no sentido cultural e moral. Mas isto requer liberdade para falar, pensar, viver e discutir. Pois da “discussão vem a luz”. Só desta maneira se alcança algo de positivo, firme e concreto.

Apesar que se diga que existe liberdade no Brasil de Costa e Silva, ou que existiu no anterior, de Jango e Brizola... ainda não se conseguiu

falar livremente sobre religião, sexo, moral, política ou ideias livres.

Sempre se encontram pessoas comprometidas e indispostas para analisarem profundamente nossos anseios.

E, como disseram: o maior criminoso somos nós mesmos, pois calamos e quem cala consente.

Conclamamos nossa juventude para que se una em torno de nós, para juntos alcançarmos soluções imediatas.

*A rebelião da juventude*<sup>32</sup>**Os Beatniks**

1 – O problema do mal da “juventude de blusão de couro” foi posto em termos para conhecimento do grande público através dos filmes de James Dean. Em juventude transviada, filhos de burgueses americanos se precipitam, com frenesi, em automóveis, procurando emoções especiais e a morte certa. Por muito chocante que fosse a problemática apresentada ao espectador, surgia imediatamente a racionalização: “Isto é apenas um filme, nada tem a ver com a realidade”!

2 – Durante a mesma época, iniciou-se a menção da “beat Generation” e seus revoltados. Certos “papagaios” da imprensa chegaram até a falar de “anarquistas” com tudo que esse termo comporta, para eles, de bizarro e insólito.

**3 – A geração vencida.**

O adjetivo “beat” apresenta diferentes sentidos no inglês. Pode significar, literalmente, vencido e, apostado ao substantivo **generation**, dá a expressão **geração vencida**. Convém recordar que, após a guerra de 1914-18, os jovens escritores dos EE. UU., entre outros, Dos Passos, Faulkner, Steinbeck, Hemingway, foram denominados de **geração perdida**. Por que? Simplesmente por terem presenciado a grande carnificina de perto e constatarem que o mundo se preparava, com total indiferença, para a próxima aniquilação... Daí uma crítica severa, através de seus livros, a uma sociedade que eles consideravam, com razão, totalmente apodrecida. Poderíamos, então, perguntar: a **geração perdida** foi substituída pela **beat generation**? No fundo, o velho “mal

---

32 - (Não assinado). **O Protesto**. Ideias, crítica e combate. Porto Alegre – RS. – Ano 01 – Nº 03 – Páginas 04 e 09 – dezembro de 1967.

da juventude”, que temos a pretensão de descobrir a cada geração, é, em essência, sempre o mesmo. Sobretudo quando a juventude emerge de uma guerra, é bem certo que o “mal” reaparece, vestindo as características da época.

#### **4 – O escândalo dos Beatniks.**

É por demais evidente que, para a grande massa do povo, os Beatniks constituem objeto de escândalo e reprovação. Sem participar da indignação virtuosa das pessoas bem comportadas, nós podemos dizer que os anarquistas não estão de acordo com **todos os gestos e todas as ideias dos Beatniks**. E isto é perfeitamente normal, porque se, entre eles, encontramos autênticos rebeldes, encontramos, também, pequenos exploradores e psicopatas. E, finalmente, Revolta não significa, necessariamente, Revolução. Mas, feito este reparo, como poderemos deixar de subscrever a denúncia, feita pelos Beatniks, dos sacrossantos preceitos da vida burguesa?

#### **5 – Origem dos Beatniks.**

Encontramos, como origem desse **movimento**, ou **corrente de ideias**, um apelo feito por jovem poeta de New York, Jack Kerouac. Inicialmente, estava confinado aos intelectuais, artistas e poetas. Em segunda fase, se difundiu nas diferentes camadas da população. Atualmente, o Beatnik tanto pode ser o estudante, como o filho de uma família pobre. A predominância é de intelectuais e se situa no domínio da juventude.

O dr. Masserman em estudo interessante assim escreve<sup>33</sup>: “Os Beatniks diferem entre si, da mesma forma que nós, os mais velhos. Há os que protestam, real e construtivamente, contra a ordem corrente, contra nossas inibições ultrapassadas, proibições e regras de comportamento, limitações de interesses, adesão à estereotipadas regras de estética, etc. Eles desejam explorar diferentes modalidades de música, dança,

---

33 - **Nota do Org.:** a citação tem a indicação do seu começo, com a abertura das aspas, mas não tem indicação de seu fim, com um inexistente fechamento das aspas. Deixo aqui o registro, sem interferir no texto original.

teatro, arte, e, também, nas suas relações pessoais. Procuram um meio de viver mais versátil, interessante e compensador. São os denominados **Beatniks Superiores**. Sim, muitos deles são altamente inteligentes, educados e, dentro de seus próprios meios, cultos. Estão preocupados com a guerra, a ética e com a verdadeira democracia. Perturbam a ordem vigente, estão inquietos, ansiosos e produzem efeito.

#### **6 – Outros tipos de beatniks: inferiores e falsos.**

**Os Beatniks Inferiores** são mais arrogantes e nos fazem sentir mais incômodos. Podem usar os cabelos mais compridos, ser mais descuidados no modo de vestir, na maneira de atar a gravata, na higiene pessoal. Eles também protestam, mas não são tão construtivos quanto os primeiros, pois não dizem o que devemos fazer. Provocam dores de cabeça à geração mais velha. Entretanto, também nos fazem sentar e pensar no que está errado. Na realidade, as gerações passadas têm que admitir que não fizeram grande coisa para melhorar o mundo. A confusão impera. Nunca, em toda a história da humanidade, existiu tão pouca segurança, um sistema universal definido de valores, tão poucas lealdades duradouras, ou conhecimento de para onde nos dirigimos. As religiões estão em crise, os sistemas políticos, experimentados: comunismo, ditadura, democracia, etc., em falência total. Não obstante a validade de sua crítica, os **Beatniks Inferiores** não apontam nenhuma solução, nada de construtivo e renovador. Existe um terceiro grupo de Beatniks, que são as verdadeiras ovelhas negras de cada geração. Procuram evasão no álcool, roupas estranhas ou drogas entorpecentes. A estética, para eles, não possui ritmo ou razão: pop-art, roupas peculiares, danças primitivas, músicas alucinantes. Entregam-se à promiscuidade sexual e a experiências várias, sem defender nenhum ponto de vista pessoal: fumam maconha, tomam mescalina, LSD e outras drogas – tudo para escapar de um mundo, fugir, antes mesmo de pensar em modifica-lo. Vivem um verdadeiro processo neurótico de falsa tentativa

de solução de seus problemas psicológicos. São os **Falsos Beatniks** e alguns estão dentro das fronteiras francas da psicopatia.

### **7 – Alguns aspectos do problema.**

Sem superestimar a importância do que denominamos espírito de revolta, julgamos importante seguir com interesse o “fenômeno” em questão, por termos outros pontos a julgar. Assim, numa sociedade onde a bomba atômica tornou-se a fiadora, os Beatniks são, resolutamente, pacifistas e denunciam, com ênfase, a guerra e seus preparativos. Outro ponto importante: o Beatnik é antirracista, e num país onde o problema do negro é explosivo, ele frequenta ostensivamente os bairros negros. Há, de sua parte, uma vontade deliberada de provocação face ao racismo, quer seja virulento ou latente, que infecta a mentalidade dos americanos.

O “slogan” empregado por eles: “Amor em vez de guerra”, tem certa dose de bom senso. O protesto dirigido contra as diferenças baseadas em raça, posição econômica e superstições religiosas, pode ser estendido para o protesto contra fronteiras artificiais e antagonismo de nações. Para muitos desses jovens de avançadas ideias globais, o pensamento de uma guerra dos Estados Unidos com a China é, simplesmente, ridículo.

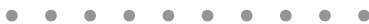
### **8 – Os libertários e os Beatniks.**

Descartando os Falsos Beatniks, que realmente são casos psiquiátricos, a maioria derivando para a psicopatia franca, vendo neles um enxame de parasitas, alcoólatras e aficionados de LSD, que nada poderão fazer pela modificação dos padrões sociais. Restam os Beatniks Superiores e Inferiores que, com sua crítica contundente, e modificação de padrões de cultura, muito concorrerão para que se modifique a moralidade sexual, os hábitos de vestimentas, as ideias arraigadas de pátria, nacionalidade, militarismos. Uma nova estética poderá surgir, assim como a renovação do bom gosto pela arte, literatura. Novos

padrões de comportamento humano. Mais desinibido, mais espontâneo, mais vital. O repúdio da guerra e do extermínio humano. A filosofia existencial de fruir plenamente o momento presente, fazendo da vida uma obra de arte.

# 98

## *Porque lutamos*<sup>34</sup>



Como é do conhecimento de todos, as manifestações estudantis foram bastante agitadas nos últimos meses. Não só em nosso estado, mas, também, nas grandes capitais do país: S. Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Recife, etc.

As opiniões que se formaram a esse respeito são das mais diversas e, assim sendo, nos achamos com todo o direito de expressar a nossa.

Somos estudantes, não porque nos obrigam, e sim porque queremos, almejamos, algo superior em nossa vida. Para consegui-lo somente dedicando-nos ao estudo.

Toda a vez que os nossos desejos nos estão sendo dificultados pela atual situação em que se encontra o nosso país, somos obrigados a recorrer a meios tachados de ilegais, para consegui-lo.

Por isso somos sempre os primeiros a nos manifestar, contra tudo e contra todos que tentam nos impedir de alcançar um ideal.

Porém, ainda nos falta algo, pois sabemos começar, mas não sabemos terminar, porque nos amedrontamos por qualquer coisa e recuamos, esquecendo realmente o que queríamos.

Que espécie de estudantes somos, que iniciamos as lutas, para defender nossos direitos, e não seguimos adiante?

Que espécie de homens somos, que começamos a luta e, por causa de algo, recuamos como feras encurraladas pelo fogo, sem saber o que fazer ou para onde ir? Não devemos esperar ordens, devemos agir por nós mesmos, não nos deixemos amedrontar por qualquer um. Devemos

---

34 - CHICO. **O Protesto**. Ideias, crítica e combate. Porto Alegre – RS. – Ano 01 – Nº 03 – Páginas 06 e 07 – dezembro de 1967.

lutar pelo que nos pertence e, se não conseguirmos, devemos continuar a luta, se quisermos conservar os direitos que nos restam.

Somos estudantes, ricos ou pobres, perfeitos ou imperfeitos. Porém, nada deve nos impedir de alcançar nossos ideais, para uma perfeita formação da sociedade. O ideal faz o homem e, por ele, tem que lutar, custe o que custar, e não esperar que venha.

# 99

## *Os acordos MEC-USAID e os estudantes*<sup>35</sup>



1 – A história desse famigerado acordo nos faz lembrar a anedota dos cinco cegos que tentaram descrever um elefante. Cada qual o descreveu consoante a parte tocada, fazendo um quadro surrealista ou de pop-art. Corretamente ninguém ainda teve a ventura de ver o acordo por inteiro. Os “técnicos” do Ministério da Educação o afirmam extraordinário, para o bem da pátria. Porém, teimam em não o exhibir de vez ao nosso boquiaberto e enfezadinho povo, para que usufrua desse régio pitéu. Não obstante tanto pudor em descobrir um naco apetecível, uma ou outra visão fantástica vai filtrando na imprensa. Aos pouquinhos pingados, para não engasgar aos famintos excitados.

2 – Foi por isso que saltitamos de alegria ao ler um artigo de Mário Martins no Jornal do Brasil, em que o agressivo deputado mostrava a toca do bicho cabeludo. Era o Diário Oficial, de 16 de dezembro de 1966, e que estava esgotado. Conseguida a referida folha, nossa decepção foi tremenda: nada constava sobre o acordo Med-Usaid. Que houvera? Alguma falha de revisão? Ou mais um engano coió?

3 – Entretanto, o deputado em análise, acusado, afirma que foi o embaixador Pio Correia quem assinou o referido acordo. E vai muito além, professoralmente nos ensinando que: “A finalidade do contrato é a criação de uma comissão mista, paritária, de funcionários brasileiros e norte-americanos, para planejar, adotar e executar um programa de educação no Brasil”. Como já podemos perceber, é um planejamento

35 - LEITÃO, Sérgio. **O Protesto**. Ideias, crítica e combate. Porto Alegre – RS. – Ano 01 – Nº 03 – Páginas 06 e 07 – dezembro de 1967.

total do ensino, desde o primário até o superior, passando pelo técnico e industrial.

Que temos de efetuar uma reformulação do ensino no Brasil, está na cara. Que não tenhamos técnicos e homens capazes, no Brasil, para essa reformulação, é deplorável, mas bem nacional. Que tenhamos que ir ao estrangeiro pedir essa ajuda já seria humilhante, mas aceitável. Porém ir a USA que, desde 1957, apresenta o sistema universitário em crise e decadência, onde apenas escapam as universidades de Havard, Berkley, Yale, Princeton, onde o resto pode ser misturado com coca-cola, goma de mascar e invólucro de plástico é, perdoem a expressão, simplesmente cair de quatro e zurrar. Que poderíamos buscar a experiência em outras plagas, está certo. Por que não em Paris, Basileia, Leydem, Leipzig, Cambridge? Por que a camisa de força tem que ser a made in USA?

4 – Mas, prossegue o sr. Mário Martins: Em seu artigo 1º fica dito, a propósito de fundos e créditos, que “tais somas, assim como os bens que possam ser adquiridos, nos termos do presente acordo, serão considerados, no Brasil, como propriedades de governo estrangeiro”. E, para que não reste qualquer dúvida de que as escolas e salas de aulas construídas com esses recursos passam, de fato, ao domínio dos Estados Unidos, acrescenta o artigo 11:... “no caso de denúncia desse acordo, todos os fundos e bens da Comissão tornar-se-ão propriedade do Governo dos Estados Unidos da América”... Depois desta, e como emblema do acordo Mec-Usaid, propomos a figura de um marine circunscrito pela frase de Wilson: “AAmérica para os americanos... do norte”!

5 – O acordo Mec-Usaid, no que tange às Universidades é, simplesmente, o transplante do sistema americano para o Brasil, sem se levar em conta as diferenças culturais, raciais, psicológicas e econômicas. É bem claro que, atrás desse sarapatel, há perninha de

barata, que denominamos consequências políticas. Quem observa atentamente o movimento universitário no Brasil facilmente constata que ele se tornou o bastião do protesto e da inquietude política e social desta senzala. Nada mais fácil suprimir a agitação, colocando-o na argola, instituindo a chibata do feitor como lei, e estabelecendo a paz de cemitério. Para tanto, é preciso impedir que as pessoas, vindas das camadas pobres, possam ascender à universidade, para onde levam a inquietude e as amarguras de uma experiência de vida. Ora, isto foi proposto pelo relatório ATCON, pai e mãe dos acordos Mec-Usaid.

### **O QUE É O RELATÓRIO ATCON?**

6 – O relatório Atcon, em 1958, com o título de Anteprojeto de Concentração da Política Norte Americana na América Latina na Reorganização Universitária e sua Integração Econômica. Em 1961 passou a se intitular The Latin America University. Em 1963, aparece em tradução na revista colombiana Eco e é encampado pela USAID, para formar a espinha dorsal de seu plano educacional para a América Latina. Através de uma análise lúcida, o autor do relatório afirma que “o desenvolvimento socioeconômico de uma comunidade é função direta de seu desenvolvimento educacional” (pág. 09), que, “para desenvolvimento da América Latina, a educação superior constitui o verdadeiro ponto de partida” (pág. 18), e conclui que

o clã dos graduados universitários domina todos os aspectos significativos da vida social; acresce-se a isso que apenas 04 em cada 10.000 latinos americanos atingem um grau acadêmico, e podemos prontamente concluir que é nosso dever consagrar a máxima atenção, quando não INTERFERIR decisivamente nesta instituição social denominada A Universidade (pág. 20).

Por mais beócios e subdesenvolvidos mentalmente que sejamos,

o assunto está exposto de maneira que entra pelos olhos. Intervenção na universidade, para formar uma casta de dirigentes tupiniquins, que mascam chicletes, sejam fã do Imperialismo Americano, em conúbio com os potentados do país. E é evidente que essa classe de gente não poderá sair do proletariado e da média burguesia.

Com o título de Recomendações (pgs. 147-157) propõe o relatório:

- a) Desenvolver uma filosofia educacional para o continente...

Bem entendido, a filosofia deles, americanos, que sirva a seus interesses e propósitos. No item sobre a Universidade, afirma:

O melhor sistema legal, para alcançar o grau de autonomia, é a transformação da universidade estatal em fundação privada.

Onde, acrescentamos nós, americanos poderiam influir mais livremente, sem os óbices de interferência de um organismo estatal. Mas não é só... veja agora essa belezinha contida no item da Reforma administrativa:

eliminação da interferência estudantil na administração, tanto colegiada quanto gremial.

E que entendam, de uma vez a massa estudantil, que sua função é ficar de cócoras na Universidade, fazer festas de formaturas e... morrer empalados no Vietnã. Para arrematar: colocação do ensino superior em bases rentáveis, cobrando-se matrículas crescentes durante um período de dez anos. Isto quer dizer que pobre só poderá ser operário e bucha de canhão. Por muito talento que tenha, não conseguirá atingir as portas de uma Universidade. Assim ficará eliminada a subversão, o protesto, o grito, - -----<sup>36</sup> meio nacional e o bom burguês ---gente e o coronel

---

36 - Nota do Org.: palavras ilegíveis no exemplar original digitalizado.

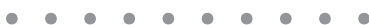
latifundiário poderão fazer, em paz, a digestão, no ripanço, soltando flatos e outros gases mal cheirosos. Idem, também, para os que, paternalmente, tutelam o bom comportamento nacional. Que Freud os abençoe! Está, assim, enterrada a subversão carnavalesca do país, inspirada pelo Mao-Goulart, pelo Chê-Brizola, pelo Ho-Chi-Arraes, secundados pelas guardas verde-amareladas legiões estudantis.

Mas, em que pese tudo isso, os problemas permanecem, ainda que o programa esteja em franca execução, a grita se avoluma. O protesto continua. Os Congressos se realizam. Os jornais vão levantando o véu desse cadáver insepulto.

E o estudante, macaco velho de guerra, saltitando de galho em galho, que tem esse mau hábito de pensar, não meterá a mão nessa combuca USAIDA.

# 100

## *O Movimento Libertário Estudantil ante o acordo MEC- USAID<sup>37</sup>*



Tendo o acordo MEC-USAID provocado uma onda de polêmicas e debates nos meios estudantis, onde, a par de verdades contundentes, são disseminadas falsas razões e falazes argumentos, o Movimento Libertário Estudantil resolveu fixar posição ante assunto, que afeta diretamente os estudantes e, indiretamente, o povo de modo geral.

Para uma análise concreta, seria indispensável dispor da regulamentação do acordo na íntegra. Mas isto é totalmente impossível, pois forças indeterminadas impedem sua integral publicação. Valemos do que é dado a conhecer, através de informações filtradas pela imprensa e, principalmente, de uma análise consciente, fruto de reuniões e debates sobre o assunto.

O assunto MEC-USAID é um instrumento que pretende transplantar o sistema universitário de um país de estrutura social, econômica, psicológica e racial, totalmente diferente do Brasil. Consideramos certa a necessidade de uma reformulação geral do ensino. Também é certo, apesar de constrangedor, que não tenhamos técnicos e homens capazes para essa reformulação. Assim sendo, é lógico pedir ajuda e experiência a outros países. Mas, por que justamente aos Estados Unidos que, desde 1957, apresenta o sistema universitário em crise e decadência? Por que não em Paris, Basileia, Leydon, Lispzig, Bolonha, Cambridge que, além

---

37 - MOVIMENTO Libertário Estudantil. **O Protesto**. Ideias, crítica e combate. Porto Alegre – RS. – Ano 01 – Nº 03 – Páginas 06 e 07 – dezembro de 1967.

de apresentarem um passado universitário digno de nota, enfatizam uma cultura do tipo global e humanisticamente determinada?

Os estudantes, diretamente interessados, não foram nem ouvidos, nem cheirados sobre o assunto. Os estudantes conscientes não querem, de nenhuma forma, que às suas costas seja atrelada a canga de uma filosofia totalitária, anti-humana e tecnológica.

A reforma universitária, independente de esquemas e países, tem que apresentar quatro pontos básicos:

1º – Criação de uma Universidade que atenda às necessidades mínimas do povo.

2º – O ensino deverá ser gratuito, a fim de possibilitar a ascensão do realmente

mais capacitado, e não de determinada classe social privilegiada.

3º – Liberdade total de filosofia e cátedra, tanto para alunos como para professores.

4º – Participação ativa dos estudantes através de assessorias aos postos administrativos.

O exame do pouco que realmente se conhece sobre o acordo e, principalmente por isso, nos leva às seguintes indagações:

1º – Por que, havendo bons exemplos de Universidades na Europa, temos de importar a experiência de uma Universidade em crise?

2º – Por que, sendo o acordo tão bom, não se promovem estudos e debates com a participação dos estudantes?

3º – Por que não se divulga o acordo na íntegra?

4º – Por que o Conselho Federal de Educação se abstém de um esclarecimento positivo?

A resposta a todas estas perguntas é uma só:

Os burocratas, militaristas, totalitários e tecnocratas que detêm o poder em todas as partes do mundo, necessitam de seres robotizados,

para seus desígnios de opressão e manutenção do “status quo”. Sabendo-se que, nos países subdesenvolvidos, aos estudantes compete, em futuro próximo, a detenção dos pontos-chaves da sociedade, nada melhor do que torna-los inertes, insensíveis, anti-humanos, indiferente às misérias sociais e ao sofrimento. E isto facilmente será conseguido através de uma Universidade desagregada, tecnológica e alienante.

Nada de reformas autênticas!

Nada de cultura centrada no ser humano!

Nada de direitos para o povo!

Nada de conquistas sociais e econômicas!

Estes são os seus lemas. E, contra a falsa reforma, se insurge o Movimento Libertário Estudantil, manifestando seu repúdio ao acordo fantasma MEC-USAID, ao mesmo tempo em que conclama os estudantes a exigir:

Divulgação total do acordo!

Debates sem o “argumento das borrachadas”!

Diálogo com os estudantes e educadores!

# 101

## *Gerações e Problemas*<sup>38</sup>



**Atribuir os desmandos da presente geração às gerações passadas é desconhecer o procedimento da mocidade no tempo e no espaço**

Afigurasse-nos de não ter havido, na história, épocas iguais a nossa, em que novas gerações fizessem tanta carga cerrada contra gerações que as antecederam, responsabilizando-as e, de modo global, das angústias, dos vícios e das frustrações com que se defronta. Em depoimentos públicos na televisão, temos visto jovens de ambos os sexos culparem diretamente os pais, e a geração destes, pelos insucessos e frustrações que sofrem, sobretudo, pela insegura perspectiva que a sociedade lhes oferece. Sem querer blasonar autoridade em tão emaranhado problema, quer nos parecer que não está devidamente equacionado, quando se pretende reduzi-lo a uma simples querela entre moços e velhos ou, para sermos mais precisos, entre a velha e a nova geração. A matéria é de muito maior profundidade, extravasa os limites das idades e situa-se entre as grandes cogitações sociais que tomam, como objetivo principal, o homem em si, ou melhor, os homens com seus pendores e particularidades, sem ter em conta a que folhinha pertencem.

Com a devida complacência dos “Experts” no assunto, nos atreveríamos, para melhor expressar o nosso pensamento, a dividir tão magno problema em dois aspectos de capital importância, que seriam: o primeiro de caráter social, que é o que mais nos interessa no esclarecimento que nos propomos, e o segundo de fundo puramente familiar que, por sua vez, assume os mais diversos aspectos da vida particular ou doméstica de cada pessoa. No primeiro caso entendemos

---

38 - CATALLO, Pedro. **Dealbar**. São Paulo – SP. – Ano 02 – Nº 11 – Página 01 – janeiro de 1968.

que não se pode tomar uma geração como uma entidade única e indivisível, à qual se pudesse culpar ou premiar. Todas as gerações trazem em seu bojo aquela **antítese** tão defendida pelo filósofo alemão Hegel e perfilhada também pelo sociólogo francês do século passado, Pierre Joseph-Proudhon. Há fatores determinantes nos meios sociais estabelecidos que fracionam a geração, dividem os homens que a compõem, dando-lhes os mais contraditórios destinos geradores, na maioria das vezes, de encarniçados conflitos. Dentro de uma mesma geração observam-se profundas discrepâncias de interesses e de escalonamentos sociais, que colocam pessoas da mesma idade em posições completamente antagônicas.

Estas divergências notamo-las já entre a juventude que compõem a presente geração. Enquanto uma ala de moços define-se por uma certa facção política, artística ou religiosa, outra o faz em sentido completamente diverso. E, moços há, inclusive, que põem todo o ardor da sua juventude para alimentar e prolongar regimes de força reconhecidamente totalitários, prepotentes e injustos. São estes, na verdade, os mais revoltosos, os que mais imprecam contra as velhas gerações. Já imaginaram o que dirá a juventude futura quando estes moços, totalitários de hoje, constituírem a velha geração? Em cada geração que nos antecedeu houve notáveis parcelas de homens de extremada abnegação que, com despreendimento até das próprias vidas, procuram romper os rígidos condicionamentos políticos, éticos e econômicos, que amparam as desarmonias coletivas. Se se levantar um pouco a casca da pintura que recobre os tétricos muros que serviram de cadeias nas gerações passadas, encontrar-se-ão manchas de sangue salpicado dos corpos lanhados, e inscrições corajosas daqueles que, em luta desigual contra as tiranias e os despotismos políticos, afirmavam, com seus sacrifícios, a fidelidade aos princípios humanitaristas de transformação social. As deportações, fuzilamentos, forcas, cadeias

elétricas, câmaras de gás, garrotes, leis de arrocho, espancamentos, sumiços e outras mil diabólicas maneiras de torturas, não são criações recentes e nem foram inventadas especialmente para as gerações modernas. Esses repulsivos processos vêm de longe, de muito longe, e neles foram imolados grande número de homens excepcionais, que deram suas vidas para que as injustiças sociais fossem definitivamente removidas. Infere-se, disso tudo, que as gerações foram sempre fragmentárias e não se pode, portanto, considerá-las como um bloco único e com uma única forma de pensar.

Isto posto, concluímos que o mal que tanta aflição causa aos moços de hoje é o mesmo mal que afligiu também os moços de ontem. É um mal que não pode chamar-se de **virose de velhas gerações**, mas sim, **endemias de regimes**. E é para essas endemias que a juventude deve assestar os microscópios eletrônicos da indagação social, para que aqueles vírus políticos ultramicroscópios, que sempre escapam ao “visor” comum, sejam captados e destruídos em seu poder de contágio. Não é tarefa fácil, bem o sabemos, mas a época é de transição e a transição apresenta-se sempre com visos dialéticos de onde pode resultar, ou o encaminhamento para uma vida comunitária, humana e justa, ou a repetição e prolongamento dos erros milenários que ainda curtimos com desgosto. Temos o exemplo ao alcance das nossas mãos com o episódio da revolução russa. Ela representou, em 1917, o ponto de partida para a modificação radical da vida em sociedade. Tinha tudo para inaugurar novas formas de inter-relações humanas. Porém, os comunistas, embriagados de Poder, levaram o Estado à sua mais aviltante hipertrofia, de onde resultou meio século de retardamento nas conquistas dos **Direitos dos Homens**. Dolorosamente, os erros nas lutas sociais dos povos não são de fácil correção. Daí todo o cuidado, porque a sua duração é imprevisível. Cinquenta anos de ditadura comunista na Rússia; quarenta e mais anos de salazarismo em Portugal; quase trinta

anos de franquismo na Espanha; mais de vinte de fascismo na Itália; quase quinze de nazismo na Alemanha; outro tanto de peronismo na Argentina; Batista e Fidel Castro em Cuba e outras ditaduras, dispersas e disfarçadas em outros países e paisezinhos deste desgraçado mundo, são quadros dantescos de negra história que a nossa juventude deve mirar para não repeti-los e não complicar-se nessas fraudulentas e trágicas etapas da trajetória humana. Fatalmente os moços de hoje serão os condotieres de amanhã. Serão também esmagados pela velha e enferrujada engrenagem milenar ou saberão sobrepujá-la. É muito difícil, ou quase impossível nos dias de hoje, dizer aos moços o que se deve fazer; porém, é fácil saber o que **não** se deve fazer. Os males aí estão, intensos e gritantes. Começar a removê-los é sempre um bom princípio.

# 102

## *Caráter social do problema do menor abandonado*<sup>39</sup>

• • • • •  
**Pobre criatura humana abandonada, mesmo antes de nascer**

A colaboração de Costa “O menor abandonado”, (Nº 08 de “Dealbar”) desperta- nos considerações que submetemos aos leitores e ao autor.

O tamanho desse menor deve ser medido em toda a sua extensão. Na vida intrauterina, sofredor das carências da geratriz. Que incalculável número de gestantes, neste Continente, são acometidas de anemia, verminoses graves, sífilis, tuberculose, a transfundirem ao feto seu pobre sangue?

Teríamos, assim, um primeiro tipo de menor abandonado ou, enfaticamente, gestacional.

Quando do nascimento, um múltiplo número de agressões atentando contra sua fragilidade e sofrendo sérios danos por desprotegido e abandonado de muitos.

O parto da curiosa e seus graves riscos, logo de início. Socialmente, essa solidariedade deve ser levada em conta, não obstante os tremendos agravos. As paralisias cerebrais do parto demorado, comprometendo a oxigenação cerebral e ocasionando débeis mentais; o tétano umbilical (mal de sete dias) onde a falta de noção da desinfecção (tesouras não fervidas no corte do cordão, colocação de borra de café, teia de aranha e outras abusões) fazem proliferar o bacilo tetânico que ceifa, estupidamente, vidas no nascedouro. Também nos berçários, mesmo os mais organizados, a terrível ameaça dos estafilococos gangrenosos, além

---

39 - ROLLAND, Jaime R. **Dealbar**. São Paulo – SP. – Ano 02 – Nº 13 – Páginas 01 e 04 – março de 1968.

de outros contágios. Surge, então, um outro tipo de menor abandonado, pós-natal.

Cotejem-se as estatísticas de mortalidade neonatal que evidenciam o alto índice desse abandono e descaso e lembremo-nos de Malraux em sua frase de que a morte dá um destino a vida — e até quando?

Prossigamos com o menor que teve o parto normal e vai sofrer uma série de agressões, ainda por desproteção e indiferença.

Embora existam Postos de Puericultura mantidos pelo Estado, cúmplice revel, a desnutrição vai se instalando irrecorrivelmente em face das carências oriundas do banditismo do regime dominante.

O despreparo do meio circundante à criança faz a mãe menosprezar seu próprio leite, recorrendo ao leite industrializado que, através de solerte e certa propaganda, vai desmaternizando-a (*sic*). Nessa fase surge o complemento alimentar e calcule-se o custo de uma sopinha com legumes, 200 grs. de carne, gema de ovo, batata, cenoura, creme de arroz, tempero e feitura. As desencantadas mães disfarçam esse sofrimento subalimentação, entronchando-lhes farinhas. Abandono proteico, digamos.

Seguem-se os agravos da habitação, insolação, umidade, promiscuidade contagiante... Associemo-los com a desnutrição, quando então teremos a presença da terrível pneumonia, eliminando centenas de vida infantil.

Abandono habitacional, ou melhor, favelar.

E a ronda dos germes, provocando variadas infecções. A tuberculose, onde o B. C.

G. se mostra impotente, mormente em nosso meio, que é dado por via oral. E a peste branca vai grassando em face da desnutrição e falha resistência.

A vacinação contra a poliomielite tem tido grande impulso, contrastando com outras vacinações, que deveriam ter a mesma ou maior atenção. No caso do sarampo, pasmem com o preço de uma dose,

(16 cruzeiros novos). Vacinação para privilegiados.

A ciência médica, em poder dos detentores dos meios, passa a servir àqueles que podem pagar. Crime infantil, no caso dessa vacina do sarampo, sabendo-se as graves complicações que acarreta essa virose nas crianças do nosso continente.

Tudo isso acontece numa humanidade jungida a princípios religiosos, escudada em rica jurisprudência, ilustrada com academias médicas, insensíveis, porém, à problemática.

Permitam que transcreva o testamento de Morgan, um dos homens mais endinheirados do mundo, segundo John dos Passos, em “1919 — USA”.

Entrego a minha alma ao seio do meu Salvador, plenamente confiante de que, redimida e purificada pelo sacrifício do seu preciosíssimo sangue, a apresentará imaculada perante o seu Pai celestial e emprazo meus filhos a manterem e defenderem, a todo o preço, e sem olhar a sacrifícios pessoais, a bendita doutrina da redenção completa dos pecados pelo sangue outrora derramado por Jesus Cristo e somente essa.

E quando morreu em Roma em 1913, entregou para a Casa Morgan, representada por seu filho, quatro bancos federais, três companhias monopolistas, três companhias de seguros, dez linhas de caminhos de ferro, três companhias de carros elétricos, uma de correios, a indústria de aço, a General Electric, telégrafos e telefones americanos, 13% dos recursos bancários de todo o mundo.

Em favor da criança estadunidense nada entregou.

Mas voltemos a nossa, quando começa a andar. Tínhamo-la deixado ao abandono dos germes, vírus, protozoários, vermes, fungos (et caterva).

Continua desnutrida, macambuzia e prejudicada no seu

desenvolvimento mental. Atingiu o pré-escolar em condições desfavoráveis, o que equivale a abandono, e parte para o escolar onde é recebida numa escola individualista, artificial, fria e desencorajadora.

Neste Continente as escolas, como as igrejas, dizem amém a esse abandono. Que fazem as escolas por melhorar, denunciar e dar ao aluno uma significação social? A Igreja tenta concertar desacertos seculares. Contudo não podemos contar com professoras e médicos, indiferentes à temática, apegados ao “Salve-se quem puder”.

Mas estão se salvando para onde? Para um egoísmo conformista, deixando de ser aquilo que deveriam se converter: ardorosos defensores do espoliado menor.

O tão bem estigmatizado por Costa, que nos abrigos e educandários procura armar-se com um pedaço de arco de barrica, afiado na pedra e colocado num pedaço de madeira, a servir de arma. Ele aparelha-se agressivamente contra o mal que lhe fazem, numa desforra simbólica. Também aquele que vai corromper-se na pederastia, instintiva fuga, da vigilância exercida por mentecaptos funcionários, broncos, provindos das mesmas raízes.

Ainda aquele que, tendo os pais ao seu lado, sofre uma série de privações, desabonadoras de uma Sociedade que se inspira em religiosos, juristas, sociólogos, filantropos e catedráticos de Medicina. E o frequentíssimo filho de mãe solteira, entregue a terceiros e, às vezes, negociado ou recolhido por gente consciente.

Observe-se que as mães esmoleres, trazendo filho ao colo, em geral tem-nos nutridos, pois é rendosa a arte de mendigar e o sustento plenamente garantido.

Tem sido cogitado, e parece ser verdade, que um melhor atendimento ao menor abandonado seria a criação de um Serviço de Colocação Domiciliar e a entrega às famílias capacitadas. Mas quantas são as famílias que se inscreveriam e dispostas a esse

atendimento?

Leve-se em conta que haveria ajuda financeira.

Um reduzido número a dispensaria. Seriam aqueles de pais sem filhos.

Um maior número de famílias com filhos, aceitá-la-iam, entrando no rol das despesas comuns. Melhor que pagar per capita a educandários. Poderíamos confiar, no Estado, de que essa ajuda se manteria e se corrigiria com o escorchantes custo de vida?

Admitamos que tenha sido posto em prática. E os resultados por que não se divulgam? Ajudas espontâneas, contínuas, irradiando-se de todos nós, nessa colocação familiar, seria de grande alcance e uma grande semente na confraternização social.

Em São Paulo temos uma Faculdade de Filosofia e eis um bom tema de pesquisa para seus alunos: o levantamento na capital na extensão do problema. Em vez de quixotescas greves e agitações, voltarem-se para um fenômeno que atinge todos nós e entregue à sua argúcia de jovens estudiosos. Não confiemos em órgãos estatais burocratizados. Agite-se o problema com fecundidade. Quantidade. Custo per capita. Número de famílias interessadas em receber. Condições das mesmas. Planejamento. Direção sem ingerência política. Esses jovens descobrirão coisas notáveis. Aqui vai a nossa sugestão a essa Faculdade. Mãos à obra jovens, no levantamento do problema. Aliciar forças. A John, a Nestlé e outras organizações, que ganham dinheiro no comércio das utilidades infantis, não se recusariam. Vamos fazer um painel do menor abandonado no Salão da Criança. Pintores que viveis em abstrações subjetivas, vamos cooperar nessa estigmatização, retratando o pungente drama.

Poetas e artistas de mãos dadas em rimas e dolentes mensagens, num festival de grande porte. Confiemos em todos esses moços que hão de trazer à tona os naufragos e apliquemo-nos num esforço comum para a melhoria da situação. Não basta estigmatizar. Temos que curar,

mesmo que com remédios caseiros. A terapêutica heroica e salvadora há de chegar um dia. Enquanto não chega, descruzemos os braços, fazendo alguma coisa. A difusão dos preparados anticoncepcionais? Está sendo desaconselhada em continentes de explosão demográfica como o nosso. O que é lícito esperar dessa pressão demográfica? Um bem, sem dúvida, mas não vemos o inconveniente dessa limitação, pois decrescendo o índice do menor abandonado, poderemos cuidar do restante com mais profundidade e hão de valer por muitos na chamada agitação populacional.

A mesma traz em seu bojo o desassossego e reivindicações das massas campestres e citadinas e terá de provocar manifestações de consciente altivez contra os opressores, em manifestação de grande porte, genuína, sem politicalha.

A gravidez casual deixou de existir, com o emprego de comprimidos hormonais, fabricados por laboratórios diversos e devem ser recomendados na luta contra a miséria, contra o abandono do menor, contra a degenerescência infantil.

A gravidez voluntária ressurgiu com a suspensão do uso oral hormonal e cujo custo equivale ao preço de duas latas de leite em pó, de meio quilo cada.

Pressão demográfica e limitação da natalidade poderão coexistir, posto que os altos índices de mortalidade infantil não têm detido a explosão populacional e a limitação hormonal tolheria vítimas da conjuntura existente e revoltante.

Já disse Sartre que numa revolução não importam os meios, mas a sua eficácia. O mesmo conceito para o menor abandonado, em sendo eficaz, nos descortinará a perspectiva de uma realização revolucionária.

A mensagem do colaborador Costa descortina o atroz em toda a sua extensão de cada falso. Detenhamos os verdugos.

# 103

## *A juventude e a realidade brasileira*<sup>40</sup>

• • • • •  
**Trechos de uma palestra pronunciada pela vereadora Ida Rego em  
Itapeninga, Bahia, por ocasião do Congresso Estudantil, em 15 de fevereiro  
de 1968**

Meus jovens compatriotas:

Cedemos, de bom grado, ao encanto do mais honroso e amável convite para falar aos moços da nossa terra sobre os principais problemas da mocidade brasileira. Aqui entre vocês prazerosamente nos encontramos. Fora, pois, natural viéssemos falar-lhes com os surrados chavões da retórica imperante a respeito da nossa realidade. Pensamos, porém, que a festa de hoje, festa juvenil, que é sempre um sorriso de beleza e esperança, não deve reduzir-se aos moldes sedições desses estilos da praxe. Previmos mesmo a emoção que nos embarga, em lhes dirigirmos, como jovem, a nossa palavra. E sentimos, em verdade, que a pequenina tribuna a que ora nos assomamos, se alarga e ilumina, transformando-se, como por encanto, na majestade destas tribunas populares de que tanto necessita o povo para as suas reivindicações.

É que falamos a moços, falamos nesta querida Bahia neste ano decisivo de 1968. Falamos, sobretudo, nesta hora extraordinária e indecisa, em que se faz mister lançar os mais vibrantes toques de reunir todas as forças vivas e sãs da nacionalidade. E ninguém pode negar que a mocidade seja uma dessas energias poderosas, senão mesmo a

---

40 - REGO, Ida. **Dealbar**. São Paulo – SP. – Ano 02 – Nº 13 – Página 03 – março de 1968.

mais de todas, principalmente em nosso país onde mais da metade dos habitantes é constituída de moços. Dois terços da população brasileira têm menos de 25 anos e desses, cerca de 15 milhões são os estudantes, os novos trabalhadores, os moços rebeldes de hoje.

A velha classe política brasileira se demite pela omissão, e o chamado “homem de amanhã” se mostra muito mais adulto do que o “homem de hoje”. Ninguém se iluda quanto a determinação da mocidade, a nova geração que surge sabe perfeitamente o que quer. Idealista e engajada, não se conforma com a estrutura social injusta em que vivemos, onde questões fundamentais são preteridas por interesses mesquinhos. A juventude é despida de preconceitos e se faz agora caixa de ressonância do nosso século, no sentido de urgência no equacionamento das soluções dos nossos problemas. Os jovens estão vinculados às aspirações do povo e, como ele, marginalizado do processo histórico do Brasil. Todas as portas lhes estão fechadas, desde uma esdrúxula estrutura partidária, reservada com exclusividade aos privilegiados, até os processos políticos atuais de uma pseudodemocracia que condena e abomina.

Assim é que falamos aos estudantes baianos, falamos aos moços que são e não lhes encaramos somente a profissão. Consideramos especialmente a mocidade que lhes pulsa nos corações e irradia nas frentes, fazendo-os mais abertos ao progresso e mais sensíveis às causas justas da humanidade. Não teremos a estulta pretensão de inculcar- lhes o dever nesta hora grave. Queremos apenas, como uma jovem mais experimentada, apontar o modo a consagrarmos nossas vidas em flor, à salvação e redenção do Brasil nos dias apreensivos que vai vivendo e retome o caminho da redemocratização e o lugar de destaque que lhe cabe, pela sua posição no mundo futuro. Um Brasil onde desapareçam as desigualdades gritantes e onde não seja possível negar aos seus filhos o dever de instruí-los, de prepará-los para ombrear

com os cidadãos de outras pátrias. Pois, infeliz a democracia que chegue a esquecer a alfabetização do povo. É justamente esta referência sobre alfabetização que chega a envergonhar-nos, pois, apesar de todos os labores para solucionar o problema da alfabetização, ela continua tão falada quanto esquecida, aviltada pelas dissipações da politicalha. Como acentuamos, malgrado os esforços para solucionar a questão, mais de 50% dos nossos irmãos brasileiros, que escaparam de morrer na primeira idade pela desnutrição, ainda não analfabetos. Há apenas 160 mil jovens nas Universidades do país, representando menos de 2% da população entre 19 e 25 anos. Em comparação, 7% dos jovens ingleses, 10% dos franceses, 40% dos norte-americanos cursam universidades e 22% dos cidadãos soviéticos tem seu grau universitário. Mas, no Brasil, o governo pretende, na verdade, fazer da universidade uma casa fechada, cujas portas somente se abrem para uma elite minoritária e privilegiada. O ensino superior marcha a passos largos para uma discriminação econômica. O estudante pobre não pode aspirar ao seu acesso à universidade.

Esta é a realidade irrefutável que os homens de governo tentam confundir, à custa de um palavrório cheio de contradições e à custa de uma manipulação maliciosa de estatísticas, estabelecendo imagens falsas, apesar de todos reconhecerem que a educação é a base fundamental do desenvolvimento econômico e do progresso social. É bem mais fácil entrar na escola do que permanecer lá. De cada 100 crianças brasileiras que ingressam no curso primário, apenas 18 o completam. O número de crianças excedentes na área da escola primária eleva-se a mais de 5 milhões. Não há escolas secundárias suficientes para abrigar todos os estudantes que deixam a escola primária. A universidade é um sonho quimérico; só uma elite minoritária consegue chegar lá. O baixo rendimento do nosso sistema educacional, constitui outro dos principais problemas nacionais a ser equacionado e resolvido.

Vamos reformar o sistema educacional fugindo à alienação servil para poder mobilizar as forças intelectuais adormecidas da Nação. Com um grande número de escolas teremos a possibilidade de desenvolver o povo, formando, destarte, os técnicos necessários ao desenvolvimento do país. O Brasil tem de dar escolas para todos, a fim de assegurar, sobre a natural desigualdade dos homens, aquela igualdade inicial sem a qual é iniquidade. Por isto mesmo, não pode tratar a educação como um prêmio aos campeões da política de clientela, aos parasitas do orçamento nacional, aos fantasmas escusos da rotina e da mediocridade, da corrupção e da indigência intelectual. Todas essas questões precisam da consciência e do coração dos brasileiros, sobretudo, da compreensão da juventude que tem energias bastantes para solucioná-las.

# 104

## *Arquivo do vovô<sup>41</sup>*



Por incrível que pareça, o arquivo reunido por Edgard Leuenroth teve início com o seu começo como jornalista em 18 de julho de 1897, como atesta o primeiro número de “O Boi”, por ele publicado naquela época e que constitui a primeira peça histórica que iria integrar o grande acervo documentário que hoje representa. Como homenagem ao grande, paciente e perseverante esforço realizado por este extraordinário pesquisador da questão social, damos, a seguir, uma carinhosa e pequena crônica escrita pela sua neta (quando tinha dezesseis anos).

Vocês nunca tiveram um avô que possuísse um arquivo? Pois sim! Se o tivessem saberiam o que isto representa!!!

Pois bem, o meu velhinho goza de um, de um grande arquivo de jornais e livros de todo o mundo, desde que o mundo é mundo. E onde foi guardada esta preciosidade? No porão do velho e austero casarão habitado por nós. Mas, desde que me conheço por gente e que se falou em mudança, e, não se mudou. Motivo? O Arquivo!

As maiores bibliotecas mundiais não se comparam a ele, creio eu. Nos cubículos em que a geração moderna reside, espaço que é a necessidade exigida, é “manga de colete”. Entretanto, um dia anunciam a casa. E é, afinal, vendido o castelo da rua Fernão. Ai de mim! De nós! E de vocês! Se tivessem um avô que possuísse um arquivo. E,

---

41 - SOUBIHE, Yara Leuenroth. Dealbar. São Paulo – SP. – Ano 02 – Nº 17 – Página 03 – dezembro de 1968.

nem precisariam o ter porque só de olhá-lo já causaria uma espécie de perturbação, uma tonteira!

Mas, todos estimamos a coleção que, embora sendo um trambolho que nenhuma casa moderna suportaria, segundo vovô e tios, é um patrimônio. Compra-se, depois de ver muita casa por aí, uma ideal. Ela, entretanto, necessita de reparos, uma garagem a ser construída a qual ocuparia parte do arquivo do vovô e a maioria seguiria para o sítio. Estava tudo, enfim, resolvido. Começamos, então, a empacotar, a embrulhar a livraria. Pois estava sempre começando. E saiu livro daqui, jornal de lá, pasta de acolá, cadernos, tudo que se possa imaginar, desde o início da história escrita. E, por mais que tivéssemos refletido sobre o arquivo, não o tínhamos calculado tão grande!!!

Ai! Ai! Ai! Ui! Ui! Ui! Tínhamos vontade de chorar, espernear. Que canseira! Que quebradeira! Puxa vida! Isso não acaba mais! E não acabava, não acabou e nem acabará, pois o que contém o arquivo, nem a poderosa ONU e outras talvez, ninguém, nada se iguala ao “arquivo do vovô.”

# *PARTE II*

# *Sobre Idalina*

# 105

## *Um ajuste de contas*<sup>42</sup>

• • • • •  
**Que fizeram de Idalina? – É morta? – Onde a puseram os infames?  
A menor Idalina**

Até hoje o mistério que rodeia o desaparecimento da infeliz Idalina permanece o mesmo. Para o aclarar, a polícia e a justiça ensaiaram um arremedo de processo, porque esbarraram com a formidável muralha dos sotainas.

Os corvos que dirigem o orfanato devem prestar contas dessa criança que lhes foi confiada; devem ser obrigados a esclarecer esse mistério que, evidentemente, envolve um crime monstruoso, um desses crimes em que eles são suspeitos. E a opinião pública é que há de vir exigir contas aos masmarros cínicos e brutais que, além de a fazerem desaparecer, ainda tiveram a coragem de tentarem, com algumas mentiras mal engendradas, desfazer a má impressão do fato, noticiando que a criança fora vista no interior.

Porque não se concebe que um estabelecimento destinado a recolher órfãos pratique do modo por que se praticou no Orfanato. Não se entrega uma asilada a qualquer pessoa que, sem provas de espécie alguma, a venha reclamar, alegando a qualidade de progenitora.

Idalina fora ali entregue pelo sr. Stamato; sabiam que era órfã de pai e mãe e, conseqüentemente, só a este senhor a deveriam entregar. E por que não o fizeram?

Abre-se aqui um campo imenso às suposições, todas as hipocrisias são admissíveis e, portanto, conhecidos como são os instintos dos tonsurados, existindo uma extensa lista de crimes praticados em estabelecimentos religiosos. É claro que a suposição única é esta –

42 - (Não assinado). **A Lanterna**. Nova fase. São Paulo – SP. – Ano 04 – Nº 08 – Página 02 – 14.04.1909.

Idalina fora vítima de um crime nefando, violaram-na e, receosos de que o delito, descoberto, os pusesse à mercê de alguma vindita tremenda, apressam-se em fazer desaparecer a prova evidente de sua torpeza.

Nós o confessamos franca e desassombradamente: – esta é a convicção que alimentamos!

Para a prática desses delitos, que sabem rodear de precauções inúmeras, os padres têm a primazia e, principalmente, os que dirigem estabelecimentos onde a boa fé e a ingenuidade de certa gente lhes entregam inocentes crianças, que eles se encarregam de corromper, moral e fisicamente.

Idalina é morta? Onde a sepultaram?

É viva? Onde a esconderam?

De qualquer forma, é necessário que os reitores do orfanato falem, quer para atestarem sua inocência, quer para revelarem sua culpabilidade.

Se há um delito a punir, sejam castigados os criminosos, sofram as naturais consequências de seu crime. Se há inocentes, em seu próprio interesse é que uma rigorosa devassa deve ser feita, para que a verdade surja em meio dessas trevas.

Basta de vacilações. A batina não traz imunidades. O ajuste de contas tem de se fazer. Já muito tempo tem decorrido, depois que a infeliz criança desapareceu; já estava sendo olvidado o estranho fato; já os roupetas antegozavam a impunidade...

Entretanto, os homens de boa vontade, e livres, não descansam, não hão de descansar, enquanto não houver cabal explicação do fato.

É necessário impedir que a audácia desses tonsurados aumente; é indispensável opor um dique à sua impudência e cinismo.

É imprescindível que eles confessem se efetivamente mataram a criança, após a ter violado, e onde a enterraram. E se está viva, onde se acha. Emprazamo-los.

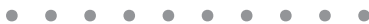
Damos, nestas colunas, o retrato de Idalina Stamato, cujo desaparecimento do Orfanato Cristovam Colombo ainda não foi explicado, porque se os padres dizem que ela foi retirada por uma mulher que se dizia sua mãe, as freiras afirmaram o contrário.

Em nome da inocente vítima da perversidade dos representantes do clero é que a nossa voz se ergue, com a verdade e com a justiça, reclamando a punição dos culpados.

E se há inocentes, devem ser eles os primeiros interessados a que tudo se esclareça por completo.

# 106

## *E a Idalina?*<sup>43</sup>



Sobre a pobre menina abusada e assassinada pelos padres no orfanato Cristóvão Colombo, há um silêncio de bandido.

Não se diz que ela esteja morta, não se diz que tenha sido estrangulada pelas mãos imundas de um padre que covardemente a maltratou, e que tenha sido enterrada tranquilamente, há algum tempo, em alguma vala da *várzea* ou em algum corredor do hospício. Fique quieto!...

As freiras ficam em silêncio porque, sendo padres velhos e vadios, não querem acusar seus irmãos de capa.

Os diretores do orfanato permanecem em silêncio por cumplicidade moral com o assassino (ou assassinos) e também por medo da justa indignação popular que exigiria o fechamento imediato daquele bordel.

O tribunal dos órfãos está em silêncio porque os padres infames, que fazem a chuva e o bom tempo em S. Paulo, souberam fechar a boca.

Os polícias mantêm-se em silêncio porque, sendo padres, mesmo sendo criminosos, não se atrevem a perturbá-los.

Toda a imprensa está em silêncio, com exceção de alguns jornais, porque a infame vagabunda é subsidiada, proxeneta e prostituta dos padres.

Os magistrados estão em silêncio, com exceção de um, que absolveu três figurões do orfanato, acusados do desaparecimento da infeliz menina, fingindo que só levarão uma mulher a julgamento, porque estes jesuítas de toga, os maiores padres dentre os padres,

---

43 - (Não assinado). **La Battaglia**. Periódico setimanale anarchico. São Paulo – SP. – Ano VI – Nº 223 – Página 04 – 08.08.1909.

acharam apropriado acabar com o escândalo público com “sem pressa para proceder” ainda mais escandaloso agora, em favor dos principais responsáveis pelo crime.

E assim se faz justiça. E assim se dá conta da criança desaparecida, que certamente nunca mais aparecerá.

Pensamos com horror na tragédia silenciosa e imunda que pôs fim para sempre à vida de -----<sup>44</sup>Idalina, à terrível cena que deve ter ocorrido, no profundo silêncio da noite, entre as quatro paredes de uma alcova, e a todas as criaturas que em todos os lugares semelhantes, nos seminários, nos mosteiros, nos lugares religiosos em geral, naquela atmosfera inflamada por paixões reprimidas, estímulos bestiais, psicopatia erótica e libertinagem, permaneceram vítimas da mais abominável imundície.

O caso de Idalina não é único nem raro. Uma visita médica a uma instituição de ensino de beneficência ou a um lar de idosos revelaria uma devassidão e uma pompa que fariam corar a humanidade.

Mas sob este belo céu republicano não há proteção para a infância, nem controlo sobre o trabalho dos seus autoproclamados guardiões e educadores.

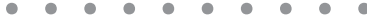
Padres, freiras e frades têm o governo do país pelos cabelos. Aliás, são eles que governam e fazem o que querem.

Ótimo! Mas até quando?<sup>45</sup>

---

44 - **Nota do Org.:** palavras ilegíveis no exemplar original digitalizado.

45 - **Nota do Org.:** artigo publicado originalmente no idioma italiano, por mim versado para o português em tradução livre.

*Estuprada e assassinada?*<sup>46</sup>

**Uma menina desaparecida misteriosamente do Orfanato Cristovam Colombo – As infâmias dos padres**

Até hoje a polícia e a justiça desta terra têm deixado em paz os responsáveis pelo desaparecimento da menina Idalina Stamato, que se achava recolhida ao Orfanato Cristovam Colombo.

Bafejados pela impunidade, à sombra de uma criminosa tolerância, os delituosos que se aboletam no dito orfanato, cinicamente, com o mais vivo despudor, têm tecido uma série de mentiras para explicar o misterioso desaparecimento.

Ora, Idalina se encontra em Monte Alto em casa de um padre, e verifica-se que isto é mentira.

Ora acha-se em uma fazenda em Ariranha e o alferes João de Oliveira a vai buscar e, com vinte soldados, tem de fugir repellido pelos capangas.

Tudo isso é farsa.

E, mais que farsa, é infâmia.

Os padres do orfanato fazem desaparecer uma infeliz órfã e ainda chacoteiam dos que exigem contas do delito, zombam da justiça e tripudiam...

É necessário que seja esclarecido o fato; que o mistério se desvende, pois é bem possível que Idalina tenha sido estuprada e depois suprimida, para que seus algozes continuem a mostrar, ao mundo, a face de histrião untada de santidade.

E para isso empenharemos todas as nossas energias. Queremos saber o que há de verdade no caso.

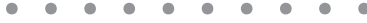
46 - (Não assinado). **A Lanterna**. Nova fase. São Paulo – SP. – Ano 04 – Nº 07 – Página 01 – 27.11.1909.

Nosso colega *La Battaglia* promoveu uma longa e enérgica campanha sobre o caso, até agora sem resultado, infelizmente.

A colega chegou a oferecer um conto de réis pelo depoimento de alguém que, por acaso, tivesse visto ou percebido qualquer coisa.

Mas o mistério permanece, porque a justiça e a polícia, não sendo impelidas pelos grandes rotativos, nada fazem, nada vêm, nada ouvem.

Continuaremos, no próximo número, publicando o retrato da infeliz  
Idalina.

*O caso Idalina*<sup>47</sup>

**Continua o mistério – Os padres não respondem**

Certos delitos, em países em que a opinião pública raramente se faz sentir, parecem destinados a ficar impunes. A impunidade, quando os suspeitos autores do crime são pessoas que dispõem de influência monetária, é até aceitável, até certo ponto recebida como um fato natural, o lógico desfecho de um tenebroso crime.

Muito fácil, quando quer a justiça, não encontrar provas e arquivar o processo, como fez com o caso da Idalina, que os diretores do Orfanato Cristovam Colombo não sabem dizer onde para.

Absolvidos pela justiça, não o foram pelo público que, perante indícios veementes, julga responsáveis os tais padres que dirigem aquele estabelecimento.

Por muito menos têm sido fechados congêneres institutos. Bastam os maus tratos a alunos, castigos excessivos a internos, escândalos, etc., para que a justiça prenda e processe os padres que se acham à testa do instituto, que é logo fechado.

Fato muito mais grave, o desaparecimento de uma criança, sua morte, talvez porque esta criança ainda não apareceu em parte nenhuma, mal abala a justiça desta terra, enquanto que os responsáveis por esse delito conservam-se tranquilos, placidamente digerindo seus opíparos jantares.

A justiça os considera intangíveis.

Diante das evasivas dos diretores do Orfanato, e de suas contradições, sem poderem explicar de um modo cabal o desaparecimento dessa

47 - (Não assinado). **A Lanterna**. Nova fase. São Paulo – SP. – Ano 04 – Nº 09 – Página 01 – 11.12.1909.

criança, que não podia ser entregue à primeira pessoa que aparecesse dizendo-se sua mãe, tanto mais que, aos oitos anos de idade bem podia desmentir essa alegação, as suspeitas se avolumam, as suposições mais arrojadas, e de algum modo justificadas, se fazem.

Certamente Idalina está morta, porque se estivesse viva, teria reaparecido em qualquer ponto do estado.

E se está morta, por que tanto interesse em esconder essa morte e o lugar em que foi sepultada?

Agora a exumação nada revelaria. Sobre o esqueleto da desgraçada, ninguém iria encontrar vestígios de violência se, como é de supor, ela foi estuprada pelos seus algozes. Em caso diverso, nenhum interesse havia para a fazer desaparecer tão misteriosamente

Idalina foi vítima de um crime. Se não o fosse, os diretores do orfanato seriam os primeiros a provocar a ação da justiça, para que a sua inocência ressaltasse, inconfundível.

Mas a sua atitude é a de criminosos, apenas protegidos pela sotaina. Criminosos ou inocentes, é preciso que este caso se deslinde e se aclare. Para isso continuaremos a batalhar.

# 109

## *Onde está Idalina?*<sup>48</sup>



**A viagem das três... freiras**

---

**Seria o Espírito Santo?**

Já há muito tempo que a nossa pergunta — onde está Idalina? — permanecia sem resposta. Em torno do seu desaparecimento a caligem do mistério era compacta. Nem o clamor da imprensa, nem a ação, aliás indecisa, da nossa inefável polícia, nem a justiça, tinham podido arrancar um indício, um esclarecimento, nada.

Já supúnhamos morta a infeliz criança; a imaginação, excitada pelos maus precedentes desses jesuítas que dirigem estabelecimentos de educação, evocava o pequeno corpo seviciado, maculado, infamado, pasto da concupiscência dos sacerdotes, o irredutível mutismo dos padres do orfanato dava-nos a impressão de um pavoroso delito, da espécie dos que essa casta sabe urdir habilmente.

Parece-nos, entretanto, que nada há de trágico nem de horrível no caso Idalina, que talvez sirva para uma opereta com música ofenbachiana.

Segundo recentes informações, ainda um pouco vagas, e que procuraremos ampliar, Idalina, e mais duas meninas internadas no orfanato C. Colombo, estão na Europa, aonde foram em companhia de três freiras, que escolheram aquela parte do mundo para a sua *delivrance*, porque as três esposas de Cristo enganaram o divino esposo e, daí, já se sabe...

Esperamos obter informações mais precisas, que daremos aos nossos leitores, sendo bem possível que o próprio sr. Stamato nos 48 - (Não assinado). **A Lanterna**. Nova fase. São Paulo – SP. – Ano 04 – Nº 19 – Página 02 – 19.02.1910.

esclareça sobre o fato. Idalina, e mais duas internadas do orfanato, estão na Europa. De certo escaparam à lubricidade dos reverendos, que se contentaram das freiras.

E como, se aqui ficassem, o escândalo seria inevitável, mandaram-nas à Europa para ali deixarem o fruto... do Espírito Santo?

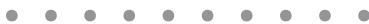
Três freiras grávidas a um tempo! É de alegrar aos que vivem preocupados com o povoamento do solo. É pena que os filhos das beatas criaturas fiquem na Europa, abandonados, talvez, a algum asilo.

É de preferir que os padres prefiram as freiras às crianças que lhe são confiadas. Evitando-se o caso recente de Cantu e de Marsala, na Itália, ainda há a vantagem, para os países novos, de um rápido aumento de população.

O pior é que nem todos os estabelecimentos de ensino religioso têm freiras; por isso é de bom aviso que o papa providencie para fornecer tantas quantas forem necessárias.

# 110

## *O caso Idalina*<sup>49</sup>



**Ns nossas pesquisas continuam – Idalina está na Europa – Crescei e multiplicai...**

Nossas revelações sobre o desaparecimento da menina Idalina, publicadas no número passado, provocaram grande sensação. Enfim, conseguimos apurar, positivamente, que a criança está na Europa, e não morta, como supúnhamos, e que para lá foi em companhia de algumas freiras de ventre protuberante — esquisita anomalia física em esposas de Cristo...

Apraz-nos saber que a criança escapou à peçonha jesuítica e que a libidinagem se contentou apenas com algumas freiras, embora arrostando o perigo, que se verificou, de concepções nada espontâneas, que isso de espontaneidade de gerações é coisa de que os padres não querem ouvir falar.

Embora lutando com algumas dificuldades bem fortes, estamos, pacientemente, investigando e apurando tudo quando possa trazer mais pormenores ao caso, para o que temos de vencer, naturalmente, muita esquivança e muito temor infundado.

Esperamos poder, em breve, oferecer aos leitores, novos particulares do fato, para o que temos de cotejar, joeirando, narrativas, depoimentos, trechos de conversações, pacientemente colhidos.

Insistimos, contudo, no desfecho inesperado, irresistivelmente cômico, desse caso Idalina, que a todos se afigurava tenebroso e sinistro, como um romance de Anna Rackliff: três freiras, três cândidas esposas do Senhor, que se acham grávidas por obra e graça de algum

---

49 - (Não assinado). **A Lanterna**. Nova fase. São Paulo – SP. – Ano 04 – Nº 20 – Página 02 – 26.02.1910.

masmarro...

*C'est trop fort...*

E são estes senhores os que pretendem combater a pornografia! Falta-lhes, para isso, o necessário critério! Que formidáveis, que extraordinários tartufos estes padrecos!...

# 111

## *Mistério desvelado*<sup>50</sup>



Duas meninas estupradas e assassinadas pelos padres do Orfanato C. Colombo A Idalina foi estuprada e assassinada no “Orfanotrófio Cristóforo (*sic*) Colombo”

- As primeiras escaramuças – Um simulacro de inquérito
- As escapatórias dos padres – Contradições e mentiras
- As nossas suspeitas
- As nossas acusações – Novas investigações – Em plena luz – Como foi assassinada Idalina – Quem são os assassinos – Outro estupro – Outro delito – Mais uma menina assassinada – Faça-se justiça – Prosseguiremos.



A orfã Idalina Stamato

---

50 - (Não assinado). **A Lanterna**. Suplemento extraordinário ao número 55 – São Paulo – SP. – Ano 10 – Nº 55 – Páginas 01 e 02 – 29.10.1910.

Enfim! Sim, enfim, depois de meses e meses de uma luta incessante e enérgica, o povo vai ter, diante dos seus olhos atônitos, as provas irrefutáveis e materiais do horrível crime praticado pelos padres do Orfanato Cristóvão Colombo.

Desde os seus primeiros números que vem a *Lanterna*, desassombradamente, afirmando, em suas colunas, que um crime, um crime monstruoso, havia sido praticado por detrás daqueles fatídicos muros do famigerado colégio do Ipiranga.

Quem lhe dava ouvidos, quem se interessava pela nossa gravíssima denúncia, já anteriormente feita pela *Battaglia*? Ninguém, ou antes, poucas eram as pessoas que acompanhavam com interesse a nossa campanha.

A imprensa diária não lhe dedicava nem uma linha, e as autoridades encolhiam os ombros, como se se tratasse de assunto estranho às suas atribuições.

Mas nós, apesar de todo esse indiferentismo, continuamos a cumprir o nosso dever, renovando constantemente a denúncia de que Idalina Stamato havia sido estuprada e assassinada.

Entretanto, como somente a nossa firme convicção da existência do crime não bastava para interessar aos diários, para fazer mover as autoridades e agitar o público, não nos cansávamos de procurar, aqui e ali, novas informações, fazendo amiudados passeios às imediações do Orfanato, procurando entrar em relações com pessoas conhecedores da vida do colégio, etc.

A nossa preocupação era conversar com algum ex-aluno e interroga-lo a respeito.

Mas o trabalho era dificultoso. Todos se negavam a prestar-nos informações, ou então falavam vagamente, sem muito adiantar. Todos tinham receio de imaginárias consequências.

Ultimamente, porém, foram encontrados dois ex-alunos que se

dispuseram a falar francamente.

Disseram-nos tudo, tudo quanto era de seu conhecimento, pondo-nos no caminho de proveitosas indagações, com as quais o duplo crime foi completamente descoberto e o público tem dele detalhadas notícias.

Agora conseguiremos mover as autoridades, os diários falarão clamorosamente, levando o telégrafo por toda a parte a notícia de mais este horrível crime praticado pelos padres em seus colégios, e em que duas pobres órfãs, crianças ainda, cheias de vida, foram infamemente estupradas e depois assassinadas covarde e barbaramente!

E, depois disto, ainda continuarão abertos os colégios clericais, onde esses homens ociosos e cheios de lascívia saciam a sua animalidade brutal na inocência de infelizes criancinhas?

Responda quem é pai, quem é mãe carinhosa. Pense bem cada um sobre esse inacreditável crime, que a nossa pena não é capaz de descrever devidamente, e coloque os seus entezinhos queridos no lugar dessas duas pobres crianças assassinadas pelos tonsurados.



Fazendo estas revelações, pedimos o auxílio da imprensa, afim de se fazer luz completa e não ser, a justiça, por mais tempo burlada pelos assassinos que passeiam impunes pelas ruas de S. Paulo.

O mistério do desaparecimento de Idalina Stamato do Orfanotrófio Cristóforo (*sic*) Colombo está desvelado.

### **A POBRE ÓRFÃ FOI ESTUPRADA E ASSASSINADA.**

Não se trata já duma suspeita, duma hipótese, mas dum fato, duma espantosa realidade.

Reconstruamos, antes de tudo, esta lúgubre história.

#### **Quem era Idalina**

Idalina era fruto dum amor desgraçado. Sua mãe, Francisca de

Oliveira, abandonada pelo marido, suicidara-se num acesso de desespero, deixando na orfanidade seus dois filhos, Idalina e um irmãozinho cujo nome ignoramos.

Compadecido da sorte deles, uma pessoa honesta e de coração, o sr. Domingos Stamato, hoje residente na Bahia, recolheu-os; mas, tomado inteiramente pelas suas ocupações, resolveu, há dois anos, interna-los, por intermédio do padre Greco Nunzio, de Jaboticabal, no “Orfanotrófio Cristóforo (*sic*) Colombo”, aonde, de vez em quando, ia visitá-los.

Um dia, indo lá para a visita de costume, disseram-lhe que

### **Idalina já ali não estava,**

que uma mulher misteriosa, dizendo-se mãe dela, a reclamara, e que as freiras, duvidando da sua identidade, não a teriam querido entregar, mas deixaram-lha (*sic*) levar, por ordem do padre Cappelli, reitor substituto do Orfanotrófio.

Esta inverosímil historieta provocou, em Stamato, uma terrível desconfiança: como entregar Idalina a uma mulher que se pretendia mãe dela quando, no Orfanotrófio era sabido, pela própria declaração de Stamato, que a mãe legítima, autêntica, se suicidara? Aí devia haver, fosse o que fosse, de horrível, provavelmente um crime!

E quem vinha a ser a tal mulher? Para onde fora? Que interesse podia ter tido em raptar, com ardis e falsidades, a pequena Idalina? Mistério!

Todas as investigações foram infrutíferas. Tratava-se, pois, duma personagem fantástica, posta em cena pelos padres afim de esconderem, com a simulação dum rapto, os vestígios dum crime.

### **Outras mentiras**

Alvo das mais negras acusações da imprensa, sobretudo de *La Battaglia*, a Diretoria do Orfanotrópio (*sic*) procurou defender-se,

inventando a balela que a menina fora vista passeando em Monte Alto, no jardim do vigário (o que este logo desmentiu) e, depois, que se achava em S. João de Ariranha, como refém, na fazenda de um tal Vicente Delfim (outra personagem fabulosa e completamente desconhecida em S. João de Ariranha), que a teria mandado raptar para se apossar dum dote dado a ela por um certo Antônio Crisóstomo, de Bebedouro, o qual, interrogado, declara nunca ter visto Idalina e ser de todo ridículo o havê-la ele adotado, pois não passa de um pobre diabo que vive de esmolas!

Para cúmulo do cinismo e audácia, acrescentava a Diretoria do Orfanotrófio (*sic*) que o alferes Gallinha — o terror do sertão — fora, com 20 soldados, à tal fazenda para libertar Idalina e tivera de recuar diante dos numerosos capangas de Delfim.

Mentira estúpida e grosseira, filha do medo. Idalina não fora raptada, não estava retida na fazenda, não vivia: fora perfidamente violentada e morta.

O que era um presságio, uma intuição, uma suspeita fundada, é hoje certeza.

### **Como foi morta Idalina**

Um dia, a pobre órfã, internada no Orfanotrófio Cristóforo (*sic*) Colombo do Ipiranga, foi à banheira tomar um banho.

O PADRE STEFANI entrou no quarto de banho, fechou-se por dentro e, à viva força, estuprou-a.

Consumado o crime bestial, a pobre criança, manchada, magoada nas partes genitais, queixou-se de dores insuportáveis e chorava desesperadamente.

O boato do sucedido espalhou-se logo entre padres e freiras, suscitando grande apreensão, tanto mais que a menina não cessava de chorar e revelar a todos os que dela se aproximavam, o ato obsceno de que fora vítima.

No dia seguinte, iludindo a vigilância da madre superiora, Idalina conseguiu fugir. Duma janela do Orfanotrófio (*sic*), o padre Faustino viu-a fugir pela estrada, seguiu-a, trouxe-a para dentro e matou-a com uma pazada na fronte. O padre Cappelli, a madre superiora, e outras freiras, sabem deste fato.

Data de então o desaparecimento de Idalina. Desde então não mais foi vista, viva nem morta.

Foram as mãos assassinas do PADRE FAUSTINO, cúmplice do PADRE STEFANI, que puseram horrível termo aos dias da desventurada órfã.

Há, sobre isto, todos os esclarecimentos, que não se publicam por prudência. Não é tudo, porém. Idalina não é a única vítima.

### **Depois de Idalina, foi estuprada e assassinada outra órfã.**

Era uma bonita rapariga de quatorze anos. Chamava-se *Josephina* (o sobrenome ainda não o pudemos saber). Era órfã de pai. Sua mãe, na impossibilidade de a manter e educar, tinha-a internado no Orfanotrófio Cristóforo (*sic*) Colombo, cuja seção feminina, após o fato de Idalina, foi transportada para Vila Prudente.

Foi ali que se deu a tragédia, nas mesmas circunstâncias da primeira. Josephina foi tomar um banho. O quarto de banho, muito afastado, é um lugar propício.

O padre Faustino, que há muito a cobiçava, entrou logo atrás dela, fechou a porta à chave e, antes de ter a menina tempo de gritar, tapou-lhe a boca com a mão e submeteu-a violentamente à sua luxúria bestial. Em seguida estrangulou-a.

Momentos depois, o cadáver da rapariguita (*sic*) jazia no chão, coberto apenas com a camisa, enegrecido e com a face extraordinariamente inchada.

Muitas meninas a viram, ficando de tal modo aterradas, que muitas saíram e não quiseram voltar.

Como e onde foi enterrado o cadáver desta estrangulada, ninguém jamais o soube. Certas coisas ficam sepultadas no coração dos padres e das monjas que constituem, nas duas seções do Orfanotrófio (*sic*), uma cadeia de cumplicidades interessadas.

Mas, serão só estas duas as vítimas da psicopatia erótica dos masmarros daquele antro de delinquência chamado Orfanotrófio Cristóforo (*sic*) Colombo?

Há motivos para crer que o número dos delitos seja muito maior, e que se impõe um inquérito urgentíssimo, imediato, completo.

Recolham-se todos os testemunhos possíveis, vigie-se o Orfanotrófio (*sic*), proceda-se imediatamente a uma visita médica de todas as crianças de ambos os sexos ali internadas; há já indicações suficientes.

De acordo com *La Battaglia*, gritamos:

Acusamos os padres Faustino e Stefani do Orfanotrófio Cristóforo (*sic*) Colombo de estupro e assassinios cometidos contra as órfãs Idalina e Josephina.

Acusamos o reitor daquele instituto, a madre superiora e as freiras, de cumplicidade na ocultação de tais crimes.



Como a infeliz Sarah de Mattos, vítima da lubricidade animalesca de um sacerdote e, depois, morta por envenenamento no colégio de Trinas, Portugal, fato que citamos, entre milhares, por ser dos que mais repercussão tiveram, assim, igualmente, a pobre órfã, a infeliz Idalina, e sua não menos desgraçada colega Josephina, pereceram, a pazadas uma, estrangulada outra, depois de terem sido seus corpos infamados pelo contato horripilante de duas feras, de dois infames, de dois miseráveis,

vestidos de batina.

Durante longo prazo, sem eco, num apelo desesperado e vão, a nossa voz se ergueu — acusando, apontávamos os culpados, aguilhoamos a justiça, tão pronta, algumas vezes, em alcançar o réu de pequeno crime e, neste caso, tão morosa, tão tardia, tão negligente.

Quantas vezes, baldos de apoio, desajudados na campanha encetada, julgávamos que a infeliz criança, cuja vida breve e fugidia foi sempre envolvida na dor e no luto, teria de ficar no olvido, e impunes os seus algozes, os seus lúbricos algozes, os sacerdotes que o celibato tornou erotomaníacos, porcos a se espojarem na lama, a se refocilarem na última das abjecções.

Duas vezes assassinos, duas vezes imundos, sedentos de luxúria e de sangue, metade tigres e metade suínos, oscilando entre o prazer da união sexual, obtida pela violência, e o prazer de se dessedentarem no sangue tépido das duas crianças, hediondos produtos da hipocrisia inaciana, santos na palavra untuosa e dúctil, e monstros nos atos, parecia que iam escapar à pena merecida.

Não podem mais escapar.

Já agora, por muito aligeiros que sejam, não podem mais fugir.

Os cem olhos de Argos os espreitam. Os braços de Hércules estão prontos a os trazer à justiça.

Olhos e braços da opinião pública.

De sobreaviso, vivendo na desconfiança, torturados pelo receio de serem descobertos, bem fácil é que tenham removido os ossos de suas vítimas, talvez queimados os tenham, para apagar as provas materiais do delito. É provável que tenham arredado testemunhas, hajam subornado outras e, assim, pensem estar seguros, sem receios.

Mas, a ação da justiça, que não pode mais parar e, sobretudo, a força irresistível da verdade, hão de triunfar dos obstáculos.

As provas evidentes, inconcussas e irrefragáveis, surgirão; as últimas névoas do mistério, esgarçadas e dispersas por algumas

diligências pacientes, farão ressaltar, e culminar, num fundo negro, feito de paixões vis, de vilanias, de infâmias, a tragédia pontilhada de dores inenarráveis e de lágrimas sangrentas.

E todos evocarão, cheios de piedade para as vítimas, e de ódio para os algozes, aquelas duas crianças inocentes, puras, e que, manchadas, poluídas, cobertas da baba asquerosa dos dois infames, morreram assassinadas, e foram sepultadas em lugar ignoto, nas dobras do mistério e da noite.

Triunfou a justiça! Os culpados, lívidos de terror e espumantes de raiva impotente, contorcem-se nas celas. Implacáveis, sinistros, capazes de todos os delitos, de todas as infâmias, os assassinos de Idalina e Josephina, vão pagar, bem caro, a autoria desses dois hediondos crimes.

Ainda bem.

E, pensando nesses que foram descobertos, e em milhares que ficaram impunes, quem mais irá entregar a esses bandidos seus filhos, puros, imáculos, para serem corrompidos, infamados, quando não forem bárbara e inexoravelmente assassinados?

E os que amam a seus filhos, e os que refletirem um momento nos tremendos efeitos da educação clerical, responderão:

– Ninguém!...

### **Outros pormenores**

Em outra edição daremos mais pormenores sobre este gravíssimo fato.

Provocado por uma denúncia de Edgard Leuenroth, da *Lanterna* e Orestes Ristori, de *La Battaglia*, ao dr. Luiz Ayres, juiz dos menores, foi aberto um inquérito em segredo de justiça, que se acha em andamento. Está, dele encarregado, o dr. Pinheiro e Prado, 1º delegado.

Já tínhamos esta edição pronta há muitos dias, razão pela qual não sai com todas as informações.

Pomo-la na rua devido os interessados estarem cientes do inquérito e, portanto, prejudicado o *segredo* até aqui mantido.

As demais informações serão publicadas em uma nova edição.

# 112

## *Orfanato sinistro*<sup>51</sup>

• • • • •  
Continuam de pé as nossas gravíssimas acusações – A ridícula defesa do  
Orfanato Cristóvão Colombo



Publicamos, em o suplemento ao nº 55 da *Lanterna*, os primeiros informes obtidos e as primeiras declarações de América Ferraresi. A pressa, com que organizamos esse suplemento, causou alguns defeitos naturais numa emergência dessas.

Hoje, continuando a nossa campanha, ampliando as primeiras notícias, publicando outras, procuramos, e havemos de conseguir, que inteira luz se faça.

É preciso que os réus desse tremendo crime tenham a punição merecida à altura do hediondo delito cometido *intra muros* de um orfanato sinistro, nas dobras da noite, à hora do mistério e do crime.

---

51 - (Não assinado). **A Lanterna**. Nova fase. São Paulo – SP. – Ano 10 – Nº 56 – Páginas 01 a 03 – 05.11.1910.

Torna-se indispensável vingar a pobre criança, órfã aos 09 meses de idade e, aos 07 anos, estuprada e morta pelos tonsurados ignóbeis. Passemos ao histórico dos últimos fatos ocorridos.

\*

Idalina Stamato ficou órfã aos 09 meses de idade. Nascera para uma vida curta e dolorosa aquela que, mais tarde, teria de perecer, vítima imbele, às mãos crispadas e nervosas dum tonsurado miserável e ignóbil.

Sua mãe, doentia, fraca, veio a falecer no dia 16 de novembro de 1901, segundo atestado que abaixo inserimos.

Penalizado com a sorte da pequerrucha, que contava, então, menos de nove meses de idade, o sr. Stamato resolveu entrega-la ao sr. Leopoldo Rangel, solicitador em Jaboticabal e padrinho da inocente criança.

Sócrates, irmão de Idalina, também foi entregue ao sr. Rangel.

Decorrido algum tempo, o solicitador escreveu ao sr. Stamato, dizendo-lhe que fosse buscar Idalina por ser esta doentia e não poder ele assumir responsabilidades.

Recebida a missiva, o sr. Stamato foi pessoalmente à Jaboticabal, onde recebeu a pequena, que entregou à sua mãe d. Marianna Stamato, domiciliada em Bebedouro, na casa de seu filho Miguel, fabricante de carros.

Sócrates, também, mais tarde, foi retirado da casa do sr. Rangel e entregue a d.

Marianna, que se tornou mãe extremosa dos dois órfãos.

A falecida mãe de Idalina era casada com o sr. João Patrocínio de Oliveira.

Os dois menores estiveram sob os cuidados de d. Marianna até fins do mês de setembro de 1905. A 01 de outubro do mesmo ano, um irmão do sr. Stamato e José Patrocínio Ramos, casado com Bernardina Cândida Oliveira, — parentes da mãe dos menores — acompanharam

Sócrates e Idalina a esta capital, internando-os

### **No Orfanato C. Colombo**

Nesse estabelecimento, os dois pequenos foram constantemente visitados pelo sr.

Domingos Stamato, pelos parentes deste e pelo tio materno dos órfãos.

Em março de 1907, por ocasião das festas da Semana Santa, o sr. Stamato compareceu ao “Orfanato” pedindo licença para levar Idalina afim de que esta passasse uns dez dias em companhia dos parentes.

Depois de vencidas inúmeras dificuldades, foi a licença concedida e a menor Idalina saiu em companhia de seu pai adotivo.

Decorridos dez dias, a pequena voltava ao “Orfanato”, seção feminina, sendo entregue à soror Serafina, madre superiora.

Em fevereiro de 1908 o sr. Domingos Stamato e sua mãe, d. Marianna, voltavam ao Orfanato a visitar os filhos adotivos.

### **O desaparecimento de Idalina**

Sócrates correu sorridente ao encontro de seus protetores, dirigindo-lhes perguntas próprias da sua idade.

Mas Idalina não aparecia. Intrigados, perguntaram pela pequena, sendo, então, informados de que a menor já não se achava no estabelecimento.

É óbvio descrever o desespero, do sr. Domingos e da progenitora deste.

D. Marianna, inconsolável, pediu à superiora que lhe indicasse o paradeiro da menor.

Erguendo os ombros, a madre superiora respondeu que uma simpática senhora ali comparecera e, dizendo-se mãe de Idalina, reclamara a entrega da pequena, sendo logo atendida.

O sr. Domingos Stamato e d. Marianna protestaram dizendo que a tal “senhora” não era a mãe de Idalina, que falecera em 1901 e mesmo

admitindo, por hipótese, que ela fosse de fato a mãe da menor, teria também reclamada a entrega de Sócrates.

Soror Serafina ergueu novamente os ombros, dizendo:

– Entreguei Idalina à senhora referida porque esta trazia ordem escrita de padre Capello.

E para consolar os pais adotivos disse:

– Idalina não queria ir com a senhora desconhecida, tendo chorado muito quando com ela saiu.

### **Primeiras pesquisas**

Verdadeiramente acabrunhado com o desaparecimento de Idalina, o sr. Stamato tratou desde logo de providenciar, a fim de a encontrar. Para isso, foi ao “Orfanato” onde o padre Consoni, diretor do “Orfanato”, o consolou dizendo-lhe que a menor Idalina, no prazo de quinze dias, teria voltado.

Mas a menina, apesar das circulares que o padre expediu, pedindo às almas caridosas que lhe informassem de seu paradeiro, não era vista em parte alguma, qual duende aéreo, impalpável e invisível.

Também eram feitas em pura perda as diligências em Jaboticabal e Bebedouro, feitas por um professor do instituto.

Nenhum resultado deu, igualmente, a viagem a Monte Alto, feita pelo sr. Stamato, para ver se, porventura, Arthur Nobre, ali residente, e que se dizia pai de Idalina, não a teria raptado e a retivesse em seu poder.

Idalina, a esse tempo, contava 07 anos de idade. Falava correntemente o italiano e o português. Tinha olhos negros e cabelos castanhos.

### **Mulher fantástica**

Para explicar o desaparecimento de Idalina, o pessoal do Orfanato,

frades e freiras, criou a lenda de Itália Fonte, ou Maria Luiza, que teria ido reclamar, chorando, do padre Capello a entrega de Idalina.

E padre Capello, sensibilíssimo, principalmente ante as lágrimas das mulheres, deu logo a licença.

Essa mulher fantástica foi assim descrita: soror Bartholomea disse ser a desconhecida morena, baixa, robusta, cabelos pretos e olhos escuros. Parecia filha da baixa Itália, Era acompanhada de um velho de cabelos e barba branca.

Soror Christina afirmou que a desconhecida comparecera ao “Orfanato” no dia 28 de junho de 1908, ao meio dia, com um bilhete de padre Cappello. Era ela uma mulher de 28 anos de idade, mais ou menos, cabelos pretos, morena, estatura regular, robusta. Era napolitana.

Padre Cappello disse que a mulher se apresentara às 10 da manhã do dia 28, acompanhada de um velho e afirmando ter vindo de Monte Alto. Trazia à cabeça um chale e seu rosto era claro. A desconhecida chorava, quando reclamou a entrega de Idalina.

Enternecido, escreveu o bilhete ordenando a entrega da menor.

O sr. Santanello, secretário do “Orfanato”, disse ser a fantástica Maria Luiza uma mulher bonita e moça, regulando uns vinte e oito anos de idade.

E assim os diretores do “Orfanato” explicaram o desaparecimento. Mas quem podia ser o interessado no furto da menor?

Dizia-se que Francisca Cândida de Oliveira, antes de ir para Bebedouro, vivera em Monte Alto com Arthur Nobre de Godoy, seu amante e pai de Sócrates e de Idalina.

Esses menores, ao que se diz, nasceram em Monte Alto. Nobre, que nunca, nem depois da morte de Francisca, declarara ser pai dos dois pequenos, era acusado como sendo o único interessado no rapto de Idalina.

O sr. Domingos Stamato seguiu para aquela localidade, encarregou

amigos, investigou: a menor não foi encontrada!...

O dr. Cantinho Filho, então delegado de Jaboticabal, foi a Monte Alto e Bebedouro, ali fez longas e repetidas diligências: o resultado foi sempre negativo.

A menor Idalina não apareceu: a polícia não viu a pequena; não descobriu a tal “Maria Luiza”, o delegado de Jaboticabal, dr.

Cantinho Filho, ouviu a população toda daquele município, sem resultado... Apesar disso, a autoridade afirmou ter havido rapto. Os autos foram ao foro criminal e, no dia 22 de junho de 1908, o dr. Silvio de Campos, 3º promotor público, apresentava denúncia contra Arthur Nobre de Godoy, padre João Capello e Maria Luiza ou Itália Fonte.

Concluído o sumário de culpa, o meritíssimo juiz criminal pronunciou apenas a fantástica Maria Luiza ou Idalina Fonte.

E assim terminou o complicado caso.

De Idalina o público não teve mais notícias.

Bom é frisarmos este fato, altamente significativo. — O padre Consoni procurou meios e modos de obstar que Idalina fosse passar os dias festivos da Páscoa em casa de seu pai adotivo, Domingos Stamato, e só concedeu a necessária licença após inúmeros rogos; seu preposto interino, o padre Cappello, já assim não procede. Chocado pelas lágrimas de uma elegante mulher, sem exigir mais provas, sem procurar satisfazer nenhum requisito legal, entrega a menina confiada a sua guarda...

Há quem acredite na existência de Itália Fonte? Desapareceu Idalina e, com ela, Maria Luiza ou Itália Fonte.

E, de balde as pesquisas da polícia se desenvolvem, em vão o sr. Stamato percorre o interior à procura de Idalina; inutilmente “Fanfulla” e “La Battaglia” oferecem recompensas avultadas a quem desse notícias da criança; nenhum resultado deu a campanha da *Lanterna*. Idalina não apareceu. E não apareceu, não veio, com a sua presença, atestar

a inocência dos padres do *Orfanato*, não nos veio dizer que estava em casa de Itália Fonte por um motivo muito simples: *estava morta. Fora assassinada por um tonsurado* receoso de que ela revelasse a hediondez do crime de que fora vítima.

E quiseram, com um delito, apagar outro delito.

Idalina desapareceu em 28 de junho de 1907; no dizer dos padres do Orfanato, foi nesse dia entregue a uma napolitana de nome Itália Fonte, sua mãe. Entretanto, os diretores do Orfanato tinham plena ciência de que a mãe de Idalina havia falecido há muito tempo. Mas... o padre Cappello é que não pôde resistir às lágrimas da mulher misteriosa...

Ninguém esqueceu ainda o rumor, levantado por este fato, aparentemente um rapto que a sensibilidade do padre facilitou e já vimos como, naqueles dias, a ação da polícia foi infrutífera e nem um só traço da passagem de Idalina pode ser achado, quer em Monte Alto, quer em Jaboticabal.

Porém, enquanto a imprensa, em sua maior parte, calava-se, cessava o seu clamor, “La Battaglia” continuava a reclamar a punição dos culpados, fazendo evidenciar indícios e suspeitas de um crime horrendo.

E a *Lanterna*, assim surgiu, disposta para os prélios renhidos para a defesa da verdade e da justiça, secundou aquele colega e abriu campanha, cujos resultados só agora aparecem.

É que a história de um rapto era muito vaga, muito imprecisa, para deixar de ser uma lenda; não houve uma só pessoa que prestasse fé às declarações de um padre que, responsável por uma órfã confiada à sua guarda, entregava, no entanto à primeira mulher que, chorando, o rogasse. Além disso, o exemplo de outros colégios de padres, na França, na Espanha, na Itália e em Portugal, em que eram frequentes os atentados ao pudor, por parte dos tonsurados, robustecia a nossa convicção de se tratar de um crime horrendo.

## O silêncio dos padres

É bem suspeito o mutismo conservado pelos reverendos durante todo o tempo em que viemos, em nossas colunas, responsabilizando-os pelo desaparecimento de Idalina e presumindo ter a pobre criança sido vítima de um duplo crime — estupro e assassinato.

Porventura a direção de um estabelecimento desse gênero, que vive do subsídio do governo e das esmóltulas dos fiéis, e está a cargo de sacerdotes que se dizem representantes da única religião verdadeira, não tem o dever iniludível e imperioso de trazer o seu estabelecimento cercado de toda a confiança e acima da menor suspeita?

Como se explica o desdém desses sacerdotes ante as acusações que lhes fazíamos? Se estavam, realmente, inocentes, por que não apresentavam provas cabais?

Ou não seria esse mutismo a cega confiança na proteção das autoridades, prontas a fechar os olhos às suas faltas e aos seus delitos?

Seja como for, o que é fora de dúvida é que o padre Faustino, ou alguém autorizado por ele, tinha o dever de provocar uma rigorosa devassa em que ficasse firmada sua inocência, ou não descansar, lançando mão dos poderosos recursos do Orfanato, que se pode corresponder com os vigários de todo o Brasil, e exercer, em todo o país, uma grande vigilância, até nos trazer Idalina, mas Idalina viva, Idalina pura, Idalina perfeita, tal qual lhe fora entregue pelo seu tutor.

Deveria, o padre Faustino, trabalhar incessantemente, sem canseira, até vir nos confundir, publicamente, provando que não éramos, senão, caluniadores baratos, despeitados, subalternizados a sentimentos de sectarismo, escrevinhadores de jornais de fãncaria, mas provando com a apresentação ao público da menor que reclamávamos.

E se assim não fez, quem tanto interesse tinha, e tem, de desmoralizar, de confundir a imprensa anticlerical, é porque, leitores, realmente é culpado, realmente é réu: não passa de um vil assassino,

de um nojento e repelente indivíduo, animado pelo mais imundo sensualismo, que mascara, disfarça, esconde e dissimula, sob a austera compostura de sacerdote.

### **As testemunhas Como foram encontradas**

Em conversação com as filhas dos srs. Aniello Paciullo e Augusto Moreira, a menina América Ferraresi disse um dia que, em Villa Prudente, as internadas sofriam muitos maus tratos e que as freiras eram irascíveis, excessivamente rígidas, de uma severidade sem par.

Então uma das filhas do sr. Paciullo, desejosa de saber algo sobre Idalina, cujo desaparecimento conhecia pela leitura da *Lanterna*, perguntou à América se não sabia qualquer coisa sobre a menor.

América, naturalmente, contou o que sabia. As meninas revelaram ao sr. Paciullo o que tinham ouvido e este, por sua vez, avaliando a gravidade das notícias, mandou chamar a Orestes Ristori para ser apresentado à América, desejoso de que esta confirmasse o que anteriormente dissera.

América Ferraresi conta 14 anos de idade. É alta e magra, desenvolvida, fisionomia inteligente. Fala com desembaraço as línguas italiana e portuguesa.

Apresentada ao sr. Ristori que, para não despertar suspeitas declarara ter uma sobrinha no “Orfanato”, América contou o que sabia a respeito.

– Deixei o “Orfanato” há quatro ou cinco meses – disse América – e lá estive um ano, mais ou menos.

– No Ipiranga?

– Não. Na seção feminina, na vila Prudente.

– Eu dormia num aposento em companhia da irmã Carolina. Esta é órfã, tendo sido criada no Orfanato, contando hoje 24 anos de idade. Carolina está ansiosa para deixar o Orfanato, onde todas são perseguidas

pelos padres.

Um mês depois da minha entrada, – prosseguiu América – vi, dentro da banheira, o cadáver de Giuseppina.

– De Giuseppina?

– Sim, de Giuseppina, uma menina de doze anos, mais ou menos, de estatura regular, branca, de cabelos pretos ondedados; vestia apenas a camisa de banho e apresentava o rosto inchado e enegrecido. Fiquei apavorada com a vista do cadáver e, indagando, soube que Giuseppina morrera afogada. Mais tarde, porém, surpreendi uma conversa do padre Faustino Consoni com a superiora. O padre dizia ter feito mal à menina, matando-a depois.

Ninguém viu sair o cadáver e ninguém soube onde foi o mesmo sepultado.

– Esse fato é gravíssimo – disse o sr. Ristori – mas eu desejava saber alguma coisa sobre Idalina.

Eu dormia – prosseguiu a moça – com a irmã Carolina e, por esta, tive conhecimento de que Idalina fora violentada e depois morta e enterrada no Ipiranga, no Orfanato.

Um dia, passeando com a mesma irmã Carolina no campo de foot-ball, no Orfanato, no Ipiranga, a mesma Carolina me indicou o lugar onde Idalina fora sepultada.

Na parede que cerca o campo, disse América, uns meninos fizeram uma cruz, para indicar a sepultura. A irmã Marietta, acrescentou a moça, possui e guarda com carinho os retratos de Idalina e de Giuseppina.

Assistiram a essa declaração a família Paciullo e o sr. Ristori.

Os srs. Ristori e Leuenroth, no intuito de auxiliar a justiça, resolveram denunciar o caso ao juiz de órfãos, dr. Luiz Ayres.

No dia 22 do corrente, o magistrado remetia a denúncia ao dr. Washington Luiz, secretário da Justiça e da Segurança Pública, pedindo providências.

O dr. secretário passou o officio do juiz, e a denúncia, ao dr.

Pinheiro e Prado, 1º delegado auxiliar, incumbindo-o de abrir inquérito.

A nosso convite, para melhor firmar a sua narração, América Ferraresi repetiu as declarações aos srs. Hormisdas Silva e Mário Guastini, respectivamente repórteres do *Estado de S. Paulo* e *Comércio de São Paulo*.

### O inquérito

O sr. Pinheiro e Prado está fazendo um simulacro de inquérito. A sua proverbial pachorra, o seu pendor para a morosidade, que s. s. chama “preencher requisitos legais”, só tem trazido entraves e empecilhos à marcha da Justiça.

Nós suspeitávamos do primeiro delegado.

Começamos por estranhar a hora imprópria em que foi interrogada América e, demais a mais, em presença de seu pai, que era infenso a que a menina declarasse o que sabia, apavorado não sabemos porque cargas d’águas, com as consequências gravíssimas provocadas por esse depoimento.

Vejamos, v. g.<sup>52</sup>, a interferência do pai de América neste caso:

Tendo reduzido a termo as declarações à autoridade, antes das necessárias assinaturas, procedeu à leitura do auto.

Ao chegar no ponto em que América afirmou ter visto o cadáver de Giuseppina no banheiro, o seu pai, que se achava presente, exclamou, dirigindo-se à filha:

– *Veja bem o que diz, pois isso é de muita responsabilidade!...*

América retificou, então, o seu depoimento, afirmando não ter visto o cadáver, mas continuou asseverando que soube da morte de Giuseppina no próprio dia em que ela devia ter-se dado.

E nem podia ser de outro modo. A criança, apreensiva com o tom em que lhe falava seu progenitor, e sem saber bem o que vinha a ser aquela responsabilidade, vacilou, retificando a primitiva declaração.

52 - **Nota do Org.:** VERBI GRATIA. Expressão latina significando sentimento de contentamento, alegria, bem-estar, felicidade.

O que, aliás, não destrói o arguido anteriormente.

Também acresce, para tornar tímida a criança, a hora tarda da noite (o interrogatório terminou à meia noite), a presença de pessoas estranhas, o arremedo de solene que existe no gabinete de um delegado e, enfim, a presença do pai a impedir que falasse livremente. Ajunte-se a isso a arte com que o dr. Pinheiro interroga, meditando 01 hora a pergunta a fazer e teremos explicada a aparente contradição de América.

A dificuldade em obter os depoimentos das crianças é insana. Os pais, quase sempre, procuram obstar a que os filhos falem, sempre receosos das consequências. É o que se deu com o menino Domingos Egídio que, após declarações categóricas, de que temos incontrastáveis (*sic*) testemunhos, vem a negar tudo na polícia, devido às injunções do pai.

Por esse motivo é que o depoimento desse menor, feito no dia 26 de outubro, não pode adiantar coisa alguma.

A polícia tem agida mal.

E tem sido de uma condenável morosidade.

Essa demora é prejudicial.

A polícia, ao nosso ver, recebendo uma denúncia grave, como a que lhe foi apresentada, não pode nem deve tergiversar; deve agir imediatamente; deve apanhar os acusados, embora vítimas de uma calúnia, de surpresa e sem dar tempo a que eles combinem um plano de defesa; deve agir enérgica e imediatamente.

De outro modo os acusados, ouvidos hoje e deixados em paz, logo depois da saída das autoridades, podem avisar os companheiros, também visados pela denúncia e, desde então, a autoridade já não poderá apurar os fatos que procura esclarecer.

É o que se tem feito.

Decididamente, a nossa boa vontade, o nosso esforço titânico em favor da justiça, se anula diante da inércia policial e esbarra com

o obstáculo insuperável da sonolência austera e majestosa do dr. 1º delegado.

### **Má vontade**

Para demonstrar a má vontade, a calculada desídia com que a polícia está tratando tão importante fato, basta dizer que a testemunha Domingos Egídio não foi encontrada por nem um agente.

Sabiam que o pai desse menor morava na rua General Carneiro, do lado fronteiro ao mercado, o que, sobretudo, facilitava a investigação; mas, nem assim...

Tornou-se necessário que um nosso companheiro fosse indagando de porta em porta, descobrir a testemunha e leva-la ao sr. Pinheiro para ser interrogada.

Finalmente, após muito interrogar e arguir, o dr. Pinheiro resolveu ir, de automóvel, à

### **Vila Prudente**

De fato, no dia 27, às 03 horas da tarde, o dr. Pinheiro e Prado, de automóvel, acompanhado do seu escrivão, e de um agente, seguiu para a seção feminina do Orfanato, na Vila Prudente.

Nesse estabelecimento, a autoridade ouviu soror Assunta, madre superiora, Carolina, referida por América e soror Marietta, também referida pela moça.

Desses depoimentos, nada transpirou, pois, o primeiro delegado auxiliar está agindo em segredo de justiça.

Sabemos, porém, que s. s. apreendeu as fotografias de Idalina e Giuseppina que, de fato, estavam em poder de soror Marietta, segundo afirmou o sr. 1º delegado ao sr. Orestes Ristori.

Sabemos ainda que o dr. Pinheiro e Prado, examinando os livros da seção feminina, verificou que ali estiveram duas menores de nome Giuseppina, tendo sido as mesmas, segundo as declarações prestadas,

retiradas do Orfanato.

Falaremos sobre este ponto mais adiante...

Esse ponto não foi esclarecido ainda pela autoridade, apesar de ter destacado agentes para descobrir o paradeiro das famílias das duas menores.

Mas, a visita do dr. Pinheiro à Vila Prudente foi, de todo, ponto contraproducente. Em primeiro lugar, o interrogatório das freiras, por si só, não bastava. Urgia interrogar todas as internadas e, tomando nota da residência das que já estivessem entregues a suas famílias, interroga-las igualmente.

É claro, e bem sabido era, que as freiras negariam. O contrário é que seria a mais formidável surpresa.

Em segundo lugar aquela visita foi o clangor da corneta despertando os que dormiam. Foi o alarma aos culpados para que ficassem prevenidos e, assim, esperassem tranquilos, confiantes, sorridentes mesmos, o *auto* do dr. delegado.

Efetivamente, no dia seguinte, após a visita às freiras, o dr. Pinheiro visitou os frades.

E interrogou os frades que, logicamente, sob juramento, declararam ser tão inocentes como uma criança de ontem.

Os angélicos, os seráficos, os bem-aventurados filhos de Maria, se achavam limpos de mancha e culpa.

E o dr. Pinheiro, já se sabe, veio satisfeito. É assim que a polícia deveria agir?

É esse, e não outro o proceder seu, no caso gravíssimo que ora serve de tema a tantas discussões?

### **O que deveria ser feito**

Não somos nem Holmes nem Carter. Não temos afinidade alguma com os heróis de Conan Doyle, mas, neste momento, refletindo e traduzindo o pensar e sentir do povo todo, que anseia pelo desfecho

dessa tragédia, pensar que não vai de encontro aos dispositivos dos códigos, nem ameaça o prestígio das leis em vigor, entendemos que a polícia deveria agir, se realmente tivesse desejosos de servir à verdade, o direito e a justiça, da seguinte forma:

1º – Separar os alunos dos padres e interroga-los, bem como às freiras e suas alunas, separadamente, com o maior rigor.

2º – Dar busca minuciosa no Orfanato e verificar cuidadosamente os livros e registros desse estabelecimento.

3º – Procurar o paradeiro dos alunos contemporâneos de Idalina.

4º – Submeter todos os internados e internadas a um exame médico, afim de se observar se estavam isentos de sevícias, equimoses e, bem assim, se não tinham sido contaminados pelo contato carnal de seus mestres.

5º – Fazer as imprescindíveis e necessárias acareações.

6º – Mandar proceder a escavações nos sítios apontados pela menina América.

Agir, finalmente, com o maior rigor e a maior rapidez, para não dar tempo aos acusados a eliminar as provas que os comprometiam, como agora já o deverão ter feito.

Não será, contudo, a nossa polícia que cometerá essa empresa. Não será ela capaz desse gesto de energia. Infelizmente a polícia, em nosso país, é apta somente para perseguir a infelizes que roubam porque têm fome, ou à grevistas que pugnam pela obtenção de alguma regalia.

Em regra, nos crimes em que os *grandes* se acham envolvidos, permanecem impunes seus autores, e são arquivados os processos, por deficiência de provas.

### **Segredo de Polichinelo**

Manteve a polícia em segredo o inquérito porque assim o pediam, ao juiz competente, os signatários da denúncia. É óbvio afirmar que, assim procedendo, era intuito nosso impedir que os visados

pela denúncia, os responsáveis pelos crimes apontados, ficassem de sobreaviso e, prevenidos, tivessem tempo para ocultar ou eliminar as provas do delito. Impunha-se, nas circunstâncias, o maior sigilo, para tornar efetiva a ação da polícia.

Ora, esse segredo transmudou-se no de Polichinelo desde que o sr. Pinheiro e Prado, com urna lentidão desesperadora, com um vagar de *bradypus*<sup>53</sup> comprometeu o êxito do inquérito e avolumou as dúvidas existentes sobre a inocência dos acusados.

De fato, no interesse dos diretores do Orfanato, caso fossem inocentes, a ação da polícia teria de ser pronta, enérgica, imediata... E assim não foi!

Os próprios padres, se estivessem inocentes, teriam sido os primeiros a provocar um inquérito rigoroso, implacável, donde pudesse ressaltar imácua a sua reputação.

Sim, os diretores do Orfanato não deviam permanecer inativos e indiferentes às acusações durante tanto tempo. Circundam-nos graves responsabilidades.

É-lhes indispensável manter ileso o nome do estabelecimento que dirigem, quanto mais não seja para evitar a propagação dos escândalos de Fumagalli, a célebre diretora de um colégio na Itália e os de Cantú e Marsala, além de outros, de centenas, de milhares de casos idênticos.

Ora, os padres calaram-se, mantiveram-se mudos, enquanto os clamores só encontravam ecos nos jornais.

Desprezaram as campanhas, desatenderam aos reclamos do sr. Stamato, fugiram sempre à uma explicação clara e precisa.

Agora, ao invés de auxiliarem a ação da polícia, requerendo, eles mesmos, a busca no Orfanato, franqueando todas as dependências à autoridade e requerendo a publicidade do resultado das pesquisas, limitam-se a umas páldas e cloróticas palavras de defesa pelos jornais.

---

53 - **Nota do Org.:** nome científico do bicho preguiça.

Por sua vez, a polícia compromete ainda mais os reverendos porque, ao cabo desse demorado inquérito, as suas conclusões não podem, absolutamente não podem, merecer confiança, tais os vícios, as falhas e os senões de que sairá eivado esse *exaustivo* trabalho do sr. Pinheiro.

E se não houver base para requerer outro inquérito, se, porventura, o caso Idalina ficar sob uma pedra, a dúvida de agora mudar-se-á em certeza e, conosco, dirão os que ainda se mantêm na expectativa: “realmente, os padres do Orfanato Cristovam Colombo são responsáveis pelo estupro e assassinato de Idalina Stamato.”

O segredo de justiça não tem mais razão de ser, desde que os acusados já sabem e estão ao corrente do que se passa.

### **Declarações**

Temos, em nosso poder, vários documentos que, oportunamente, virão ao domínio de nossos leitores e pelos quais se verá que NÃO HÁ APENAS UMA TESTEMUNHA como alegam os tonsurados do Orfanato.

Nós não estamos a dar golpes ao vento e nem somos impulsionados por um sectarismo feroz e irrefletido. Não queremos fazer obra de sectários e, sim, de justiceiros.

### **Patrioteiros**

A nacionalidade do acusador não invalida a acusação. A verdade não é monopólio de ninguém. É de quem a defende e a prestigia.

Os padres do Orfanato “Christovam Colombo” são italianos, expulsos de outros países onde, como aqui atualmente, pesavam sobremaneira no erário público.

Para fazer jus a gordos subsídios, e às esmolas de nababos e

burgueses, simulam educar. À falta de outro mister menos fatigante e mais rendoso, fizeram-se educadores, como se teriam feito fabricantes de licores e conhaques se, de momento, tivessem capital suficiente para importar filtros, alambiques, retortas, etc.

Ser educador, é fácil. Não há necessidade de capital e, em se tratando de roupetas, nem ao menos exigem, os inspetores de ensino, um ligeiro exame de suficiência.

São estrangeiros, os padres do Orfanato.

Entretanto, nós nunca nos ocupamos desse fato, para nós sem valor, porque tanto acusaríamos o frade italiano como o brasileiro.

Porém, os seráficos e santos padres, por boca de seus defensores, querem que sejamos estrangeiros.

Pois sejamos estrangeiros, embora Edgard Leuenroth tenha nascido em Mogi Mirim, Estado de S. Paulo, e esteja registrado e até batizado como brasileiro.

Sejamos, portanto, cafres, hotentotes, australianos, tchecos ou yankees. À vontade dos reverendos. E que tem lá isso?

Então se, realmente, os senhores estupraram e assassinaram duas crianças internadas no Orfanato, e se as provas desse duplo crime aparecem, estais, por isso, livres de punição, isentos de culpa, porque foram os estrangeiros que denunciaram o fato delituoso?

Por que essa mania de querer lançar poeira aos olhos do povo? Defendei-vos, ao menos, mas defendei-vos com alguma habilidade.

Não faleis mal do estrangeiro que para aqui vem trabalhar e engrandecer o país e que não é, como os Sentroul, os Kruse *et caterva*, malta de esfaimados, ladrões ociosos, hipócritas sevandijas a se banquetear com as gordas propinas do tesouro nacional.

Sois patriotas a valer, crápulas! Tão patriotas que perseguis, excomungais e matais, de desgosto, um frade brasileiro, o abade de S.

Bento, no Rio de Janeiro, para favorecerdes a ganância dos beneditinos alemães, com o reverendo Caolen à frente.

### **A defesa dos réus**

É inepta. É claudicante. Forjada muito mal, arranjo de alguns assarapantados indivíduos, veio-nos pela frente disforme, balofa e enfezada.

É mais a manifestação de um ódio impotente, e a custo reprimido, que o pronunciamento sereno, do que se justifica e prova ser alvo apenas de calúnias.

Eles dizem que Idalina foi entregue à sua suposta (*sedicente*) mãe.

Ora, mesmo admitindo, para argumentar, que tivessem entregue a menina a uma desconhecida, sem exigir provas de sua identidade, já se torna impossível admitir que Idalina acompanhasse, sem protesto, aquela que se dizia sua mãe.

Certamente a menina relutaria em acompanhar a aventureira.

Junte-se a isso o saberem, os padres do Orfanato, que a mãe de Idalina, Francisca Cândida de Oliveira, era morta há muito tempo.

E se a menina gritasse, implorasse e afirmasse que não era sua mãe aquela mulher, pode-se acreditar que, mesmo assim, a obrigassem a acompanhar a desconhecida?

A visita feita a Sócrates é uma alegação de defesa insubsistente. Nem Sócrates poderia saber (como de fato não soube) que sua irmã fora retirada do colégio como o delito pode muito bem ter-se dado  
APÓS A VOLTA DE IDALINA.

Ninguém prova que Idalina saísse do colégio ou fosse retirada por alguém.

E, dado que fosse visitar seu irmão, ninguém prova QUE ELA NÃO HOUVESSE VOLTADO AO COLÉGIO.

Os padres escapam de Cylla e esbarram em Charybdes.

## **As Josefinas?**

Quantas Josefinas existiram no *colégio*? Duas? Três? Cinco?

Falarão a verdade os registros? Quem o garante? Têm esses livros as páginas rubricadas? Preenchem os requisitos legais? Todas as meninas ali internadas constam, efetivamente, do registro?

Duas Josefinas e até vinte podem nos trazer, vivas e sãs, mas, ainda assim, todo o arguido permanece. Quem deixará de pensar em alguma Josefina órfã, sem protetores, humílima e desconhecida, que desapareceria sem que alguém a viesse reclamar?

Também amanhã poderão nos apresentar duas ou três Idalinas, todas com o nome no registro do Orfanato sem que, por isso, deixe a Idalina que reclamamos, de continuar desaparecida. Duvidamos, e duvidam muitos, da fidelidade dos registros do padre Consoni, feitos sem inspeção dos poderes competentes.

## **América Ferraresi**

Porque esta criança, apesar da oposição dos pais, disse o que sabia, já os almocreves dos padres do Orfanato, os recoveiros dos sacristas, dizem que a menina não tem educação, e é de mau comportamento.

Para demonstrar a inanidade dessa afirmativa, basta dizer que América, no perfeito uso de suas faculdades mentais, não teve tempo de receber a má educação das freiras de Vila Prudente e é, segundo o testemunho de alguns jornais, bem inteligente.

Seria, naturalmente, bem educada, e de bom comportamento, se vivesse no ambiente mefítico dos colégios das freiras, aprendendo a esconder e a dissimular o que pensa.

Seria naturalmente piedosa e santa se, trazendo para a terra os

olhos castos e contemplativos, soubesse esconder a chama lúbrica dos olhares que as confissões frequentes alimentam e avivam.

Não se quer saber se América é de bom ou mau comportamento, ou se tem ou não educação: o que o povo pretende ver esclarecido é o misterioso desaparecimento de Idalina. Quer saber se, realmente, os conduzidos por vós, almocreves, estupraram e assassinaram as duas internadas.

Irrevogavelmente destruídas as nossas acusações?!... Depressa exultais, tartufos.

Perturbaremos o vosso júbilo.

### **Consoni**

Na época do delito estava ausente.

“*Nessa época...*” Em que época? Quando Idalina saiu do colégio? Mas Idalina NUNCA SAIU do colégio. Em que época estava ausente o padre Consoni? O delito podia ter sido praticado ANTES dessa viagem.

É fácil afirmar isto, como é fácil assegurar que “o menino Sócrates reside e é empregado nesta capital.”

E é de causar hilaridade ler, em um documento firmado pelos padres do Orfanato, “que o caso gravíssimo, de que se há ocupado a imprensa, não encontra nenhuma justificativa ou apoio em quaisquer espécies de provas.”

Até aonde vai o despudor e o desplante dessa cáfila de hipócritas!

### **Documento curioso**

Extraímos do “Diário Popular”, de 01 do corrente:

Eu, abaixo assinada, irmã Fulgência, atual superiora do Orfanato Cristovam Colombo, seção feminina na Vila Prudente, profundamente ferida pelas vergonhosas calúnias levantadas contra a vida intemerata de um herói da caridade cristã, o rev. padre Faustino Consoni, superior provincial dos missionários de São Carlos, no Estado de S. Paulo, e o rev. Padre Stefani, venho protestar solenemente, em meu nome e no de todas as religiosas desta casa e de todas as alunas do Orfanato, e declaro estarmos todas prontas a responder aos interrogatórios da autoridade competente, para que triunfe a inocência de sacerdotes tão dedicados aos interesses da orfandade e apareça a perfídia dos inqualificáveis caluniadores.

Vila Prudente, 30 de outubro de 1910.

Irmãs Fulgência, Assunta, Camilla, Gertrudes, Carmella, Angelina, Maria, Luzia e Antonietta – Carolina Ferraresi, Marcolina Alves, Brazilina Oricchio, Isoleta da Penha, Elvira Benedicta Barreto, Maria Mathea Andreotti, Theodora Borges, Iracema Zanardi e Benedicta Augusta.

As castas monjas não deviam nem podiam proceder diversamente.

E estão, dizem as esposas (!...?) de Jesus Cristo, prontas a responder à polícia, desde que assim ela o queira. Infelizmente as *irmãs* são suspeitas. Andam muito ligadas aos Stefani, Capelli e Consoni, para poderem justifica-los...

O padre Consoni *herói* da caridade cristã!

Esses heróis, senhoras, nós os conhecemos de sobra. Fabricam subterrâneos para ligar conventos de freiras a de frades e engordam pacatamente, à custa das esmolas dadas para os órfãos.

Realmente são uns heróis que ultrapassam aos de opereta!...

### **Apelo à violência**

Sempre foi a violência subalterna dos mansos sacerdotes católicos. Os que mais amor deveriam ter, à discussão serena e maior

tolerância aos erros do próximo, são os que mais depressa recorrem à bala e ao punhal para fazer calar o adversário.

Os pregadores da doutrina do perdão pregando o extermínio dos inimigos!

Não ligamos apreço às ameaças. Fazem-nos rir as contorções do histrião, ainda manchado na face do alvaiade e do zarcão com que se mascarou para o espetáculo e que, tragicômico, animado de furor bélico, quer que os católicos nos façam em postas.

Somente notamos mais essa prova de intolerância feroz, e que transparece claramente nas linhas abaixo, arrancadas a um papelucho onde a peçonha do clero escorre nauseabunda.

Leiam este trecho:

E como é possível que dous outros indivíduos desclassificados possam ousar uma tal campanha de difamação e, sossegadamente, preparar as minas, que um dia hão de explodir? Porque eles sabem que a lei dorme, e que, mais do que a lei, dormem os bons católicos! Esta é a verdade e, ao mesmo tempo, a vergonha de um povo, aliás cordato e crente, que tem medo de reagir! Acorda, pois, católico paulista! Já é tempo, que teu brio, nunca desmentido, alce a voz num brado que ponha termo a esse estado de miséria moral, indigno de tua tradição e de teu nome.

A lei dorme, sim. Felizmente, para vós, a lei dorme. Mas o despertar do crente deve ser não o que vós quereis — um arremesso de tigre contra nós, — mas uma revolta contra vós. Que acodem para ver que, até agora, dormindo, têm aproveitado de sua insensibilidade para o explorar vilmente, para o encher de abusões, torpemente.

### **Em resumo**

Idalina Stamato desapareceu do colégio em que fora internada por seu tutor, sr. Domingos Stamato, e há presunções veementíssimas

de que foi estuprada e assassinada.

Os padres não provam:

- a) Que a menina foi realmente entregue a Ítala Fonte, ou,
- b) Que está viva e se acha em lugar certo.
- c) Nenhuma diligência, até agora feita, veio alterar, modificar ou desmentir o anteriormente assente, isto: que realmente a órfã em questão foi vítima de um crime horrível.

O aparecimento de duas Josefinas não contraria a asserção de que uma terceira, cujo nome deixaria de constar nos registros, teria sofrido a mesma infâmia de Idalina.

A ação da polícia, morosa e tardia, certamente chegará a conclusões que não podem servir de base a ulteriores processos, tais as falhas de que se ressentiu o atual inquérito.

A defesa, publicada pelos padres, é insuficiente, eivada de contradições, omissa e fragilíssima.

Continuamos, pois, a bradar:

Sejam punidos os que estupraram e assassinaram a Idalina Stamato e a uma sua colega.

Quanto ao que se diz, de que todo o escarcéu levantado em torno desse caso é obra da intrujice dos anticlericais, nós redarguimos:

Processem-nos. Levem-nos aos tribunais e nós faremos exibição de outras provas que virão convencer ao público de que nós servimos à verdade e não somos sectários apaixonados e irresponsáveis.

### **Carta**

Damos publicidade à carta que Edgard Leuenroth dirigiu ao *Comércio de S. Paulo*:

Sr. Redator – Como um dos mais diretamente interessados neste debatido caso do Orfanato Cristovam Colombo, que ora empolga a opinião pública, e amplamente tratado em seu conceituado jornal, peço abrigo em suas colunas para umas poucas linhas.

Começo por confirmar TUDO o que disse na *Lanterna* sobre os assombrosos crimes de que foi teatro o já citado Orfanato.

Depois de mais de uma semana de expectativa, os acusados vieram a público com uma defesa tão esfarrapada que ainda mais veio firmar, no espírito público, a certeza da existência dos crimes.

Como demonstração da insubsistência da acusação feita contra o padre Stefani, indicado como autor do estupro da infeliz Idalina, afirmam que ele se encontrava na Itália por ocasião do crime nefando. Sofisma infantil!

O padre Stefani entrou para o colégio em 24 de JANEIRO DE 1908 e a visita ao Orfanato, em que o sr. Stamato verificou a ausência de Idalina, foi feita EM FEVEREIRO de 1908: há, portanto, a diferença pelo menos de um mês entre a chegada do padre em questão e a visita do sr. Stamato.

Não podia, pois, ter o padre Stefani cometido o estupro de Idalina? Está claro que não tomo em conta a afirmação dos padres, de que a desventurada menina fora retirada em 28 de junho de 1907. A fantástica retirada de Idalina, pela não menos fantástica Ítala Fonte ou Maria Luiza, já foi por vós, e por todos que tem discutido a questão, completamente pulverizada.

Está de pé, portanto, a acusação contra o padre Stefani.

Afirmam, também, que Idalina, “depois de ter saído do Orfanato, visitou, acompanhada da pessoa que a retirou, o seu irmãozinho Sócrates e que este reside e é empregado nesta capital.”

Tudo falso.

O menino Sócrates, quando saiu do Orfanato, esteve residindo em casa da família Stamato, a ladeira Tabatinguera, 02, tendo frequentado o Grupo Escolar do Carmo.

“Nunca esteve empregado”.

Em 14 de fevereiro deste ano, partiu para o Rio em companhia de seu tutor, sr. Domingos Stamato, e de um sobrinho deste senhor, de onde embarcaram, no dia 23, no vapor “Araguaia”, para Bahia, onde chegaram a 25 do mesmo mês. Em 24 setembro último, mudou-se, com o seu tutor, para a cidade de Amargosa, onde ainda se encontra.

E somos nós que mentimos, sr. redator!...

Dizem ainda que o menino Sócrates afirmara ter visto sua irmã, Idalina, em companhia de sua pseudo mãe na ocasião em que esta o foi visitar, após a retirada de Idalina da seção de Vila Prudente.

O menino, após a sua saída do Orfanato, sempre que era interrogado se havia realmente visto sua mãe, RESPONDEIA CATEGORICAMENTE QUE NÃO.

Afirmava ainda que FORA OBRIGADO PELOS PADRES a dizer ter visto sua mãe em companhia de sua irmã, na ocasião da mencionada visita.

“O menino Sócrates não viu, portanto, sua irmã em companhia de sua mãe, como afirmam os padres, e estamos prontos a provar isso em todas as ocasiões e da maneira que for preciso.” Muito teria a dizer, sr. Redator, mas esta já vai longa e a hora em que escrevo é adiantada.

Aproveito, entretanto, a ocasião para afirmar que estou satisfeito com a ameaça do processo. Oxalá ela se verifique. No Tribunal teremos ocasião de provar ao público todas as nossas acusações.

Então veremos que os crimes em questão não estão isolados – acompanha-os uma série, não pequena, de fatos comprovantes da exatidão de nossas acusações.

Agradecendo a hospitalidade, subscrevo-me como brasileiro que sou, apesar das afirmações odiosas dos padres, interessados em me fazer passar como estrangeiro para açular, assim, estúpidos ódios jacobinos.

EDGARD LEUENROTH.

### **Alguns pormenores**

Podemos acrescentar, aos informes desta carta, outros que, depois de publicada, nos foram entregues.

Sócrates Stamato, em companhia de seu tutor, fora residir na capital do Estado da Bahia, à rua Dedemeno do Canella nº 16, mudando-se, depois, para a da Areia nº 05, Barra.

Em 21 de setembro de 1910, transferiram residência para a cidade de Amargosa. Sócrates NUNCA ESTEVE EMPREGADO em S. Paulo.

Sócrates NUNCA AFIRMOU ter visto sua irmã, Idalina, em companhia da tal napolitana, pois, as primeiras informações foram mais tarde desmentidas formalmente, desde que se viu livre das unhas dos seus *pios* mestres.

### **Nosso Inquérito**

Não nos temos poupado a sacrifícios para aclarar este intrincado caso. Inúmeras são as vigílias que temos passado sem notarmos as pesquisas feitas, que nos obrigam a percorrer continuamente os arrabaldes de S. Paulo.

E mais de uma vez temos nos encontrado no mesmo ponto, com o sr. Pinheiro e Prado, e, para não perturbar a s. exe. nas suas diligências, nem o desgostar com a prova de nossa atividade, temos sempre nos ocultado, às vezes até por detrás dos móveis.

Mas o resultado de nosso inquérito nos coloca em uma situação melindrosa. Sabemos de meninos que foram violentados pelos padres do Orfanato e que, hoje moços, indubitavelmente se recusarão a depor sobre um fato que os envergonha, embora naquele tempo não pudessem opor resistência à investida dos lúbricos roupetas.

Como citar seus nomes neste caso?

Igualmente temos notícias de meninas há alguns anos ofendidas e de nenhum modo podemos citar seus nomes.

Hoje, casadas algumas, outras custodiadas pelas famílias, que evitam qualquer referência ao passado, certo não virão em nosso apoio, embora defendamos a verdade.

É realmente excepcional a nossa situação.

Somos informados de que um moço, músico do Orfanato há tempos, fora também ofendido. Não publicamos o seu nome pelos motivos acima expostos.

Também deixamos de publicar, pela mesma razão, o nome do outro menino, morador no Brás e que, como os outros apontados acima, foi da mesma forma vítima da concupiscência dos padres do Orfanato.

E outros que, porventura lá estivessem ainda, a estas horas estão despedidos para que, em seus corpos, não vá a justiça encontrar provas inconcussas da culpabilidade dos tonsurados.

Eles tiveram tempo de sobra para se precaverem.

Afirma-se que o mais célebre, o que mais se distingue nestas cenas de luxúria, o mais saliente dos sodomitas que dirigem o Orfanato, é o padre Capello, o mesmo que tão facilmente se deixa enternecer pelas lágrimas das mulheres!

### **Nossa atitude**

Conforme já declaramos acima, nós só queremos justiça. Se há crimes, há culpados e nós exigimos a punição desses culpados, embora se acastelem eles dentro de uma auréola de santidade.

Há muito santos que são venerados nos altares da igreja católica, que têm feito piores que o padre Consoni e seus sequazes.

Hoje em dia, é raro aquele que ainda se deixa embair com as tais lendas de santos.

Pouco mais ou menos já estão bem ao fato das tais santidades.

Baseamos nossa denúncia não só no depoimento de América, como também no de outras testemunhas, o que tudo transparecerá se, efetivamente, levarem por diante o processo com que nos ameaçam.

A seu tempo provaremos, aos nossos leitores, que não agimos precipitada ou irrefletidamente.

### **Os insultos**

Muito de indústria para nos desviar do nosso afã de investigar pacientemente neste caos, de prosseguirmos na exposição serena dos fatos, e abandonar a nossa diretiz, para respondermos aos insultos e doestos, os ALUGADOS do Orfanato nos cobrem de epítetos e de injúrias.

O público, apreciando a singular maneira com que eles defendem os padres do Orfanato, já terá dito que assim eles não se justificam.

Ninguém prova ser inocente insultando os que o acusam.

Era melhor que trouxessem provas para a imprensa e não os apodos e as objurgatórias.

Sirvam estas linhas para o sr. José Piedade e o outro Piedade que, pelas colunas ineditoriais (*sic*) das folhas de 03 do corrente, torpemente nos insultam.

E, francamente: honra-nos ser a *Lanterna* um pasquim, no juízo do sr. José Piedade. Se o mata-mouros da guarda nacional, o famigerado dobra-espinhas, o inefável espadachim de meia tigela, nos chamasse de órgão importante, criterioso, etc., nos magoaria profundamente.

Queremos, nós, os foliculários, nós os panfletários, receber os desaforos de s. ex. e não os seus elogios, porque bem sabemos que s. ex. tem o costume do bajular a todo o mundo, inclusive a si próprio, ao redigir as notícias de seu aniversário natalício.

Da língua, da pena e da espada de s. ex. nós não temos receio algum.

Bastará, para ver o grotesco de seus gestos de funâmbulo, ler o artigo inserto nos jornais de 03. Não há uma prova, um fato que se aponte. É um realejo desconchavado a soar. O sr. Zeca Piedade limita-se a reeditar tudo quanto já foi alegado em defesa dos padres do Orfanato, numa linguagem que, longe de ser nefelibata, é fuliginosa apenas.

## Certidão de óbito

Idalina, como se vai ver da certidão abaixo, era órfã desde 1901. Os padres do Orfanato sabiam bem isto.

Conseqüentemente, se entrega houve (o que é falsíssimo) da menina, não foi tal entrega irregular e, sim, criminosa.

Mas, podemos assegurar, a menina Idalina não foi entregue a quem quer que seja, não aparece e nem aparecerá.

Eis a certidão:

Nestor Cândido do Mattos, escrivão de paz e oficial do registro civil de Bebedouro, do município de Bebedouro, da comarca de Bebedouro, do Estado de S. Paulo, certifica que, revendo o livro nº 04 de assentamentos de óbitos, encontrou, às fls. 180, o registro do teor seguinte:

Óbito da Francisca Cândida de Oliveira. Aos dezoito dias do mês de novembro de mil novecentos e um, nesta cidade de Bebedouro, em meu cartório, compareceu Manuel Luiz Pereira e, por ele, me foi dito, em presença das testemunhas abaixo assinadas, que no dia 16 do corrente, às duas horas da manhã, nesta cidade, faleceu Francisca Cândida de Oliveira, vítima de febre, e não houve atestado de médico, e tinha 26 anos de idade, casada com João Patrocínio de Oliveira, e deixou dois filhos, Idalina e Sócrates, e era natural de Campinas, filha legítima, declaro em tempo, era casada com José Ferreira, filha legítima de José Patrocínio de Oliveira e Bernardina Cândida de Oliveira. Avós paternos e maternos ignorados. E nada mais declarou. Me pediu que fizesse este registro que vai pelo mesmo assinado. Eu Isaac Francisco Pimenta, escrivão o escrevi. Manuel Luiz Pereira, Francisco Antônio Ferreira. Nada mais se continha em dito assento que, para aqui, fielmente transcrevi, conferi, assino e dou fé.

Cartório de paz do Distrito de Bebedouro. 1º de novembro de 1910. O oficial do registro civil – Nestor Cândido de Mattos.

## Um testemunho valioso

Damos, a seguir, o testemunho de Domingos Egídio, o mesmo que, interrogado pela polícia, negou quanto sabia devido à resistência oposta por seu pai a que ele confirmasse tudo o que anteriormente dissera.

Não se trata apenas de UMA TESTEMUNHA.

Domingos Egídio, filho do sr. Raphael Egídio, negociante à rua General Carneiro nº 45, em presença das testemunhas Aniello Paciullo, Annina Paciullo, Leonilda Paciullo, Rodolfo Pisani (morador à av. Rangel Pestana nº 167) e Raphael Peluso (morador à av. Rangel Pestana nº 165) declarou quanto segue:

Estive internado no Orfanato Cristovam Colombo e meus colegas disseram-me que aí se tinha dado um crime bárbaro. Certa Idalina, menina de 06 anos de idade, órfã de pai e mãe, fora estuprada pelo padre Stefani e, mais tarde, assassinada pelo padre Faustino, na presença do padre Capello, e sepultada na noite seguinte, às escondidas, no campo de *foot-ball*. Penso, entretanto, que na época em que a imprensa falou da questão Idalina, o cadáver da menina tenha sido removido para outro lugar.

Torna-se indispensável salientar que o menino Domingos, ao fazer a declaração supra, NÃO CONHECIA NEM JAMAIS CONVERSOU com a menina América.

Pelos documentos infra, os nossos leitores ficarão convencidos de que, EFETIVAMENTE, DOMINGOS EGÍDIO falara e fizera graves revelações.

Vejamos.

## DOCUMENTO N° 01 DECLARAÇÃO

A vista das negativas, feitas pelo menino Domingos Egídio, em seu depoimento na polícia sobre o assassinio da órfã Idalina de Oliveira, do prejuízo que esta sua atitude pode trazer à causa da justiça, sinto o dever de declarar quanto segue.

Se o menino Domingos Egídio desmentiu o que antes afirmara, declarando ao delegado Pinheiro e Prado nada saber sobre o caso Idalina, é porque obedeceu a instigações e sofreu pressão de outrem.

Na qualidade de ex-empregado de seu pai, lembro-me (porque prestei muita atenção) que, certa vez, no mês de julho p. f., em sua própria residência, situada à rua General Carneiro 45, o menino Domingos Egídio contou que, no Orfanato Cristovam Colombo, onde esteve por algum tempo internado, soube, da boca de vários de seus colegas ali internados, que a menina Idalina fora assassinada, escondida sob um leito e ocultamente sepulta em um campo de *foot ball*.

Pela verdade, Albino Stocco.

S. Paulo, 30 — 10 — 910.

(Firma reconhecida)

## DOCUMENTO N° 02 DECLARAÇÃO

Sabendo que o menino Domingos Egídio, residente à rua General Carneiro, n° 45, negou que soubesse algo a respeito do assassinio da órfã Idalina de Oliveira, eu, abaixo assinado, afirmo que o dito menino, no mês de julho p. f., em sua própria residência, (pois que eu era empregado de seu pai), declarou que a Idalina foi assassinada e, às escondidas, sepultada no *foot-ball*; isto ele o soube da boca de seus colegas ali internados.

Pela verdade.

TOMASO DENISIO.

## Mártir caricato

Acendeu-se, em padre Faustino, a sede do martírio. Coitado, já era tempo. Após 14 anos de vida plácida e remansosa, no doce e ledó convívio com as esposas do *senhor*, um pouco de martírio sempre serve para armar ao efeito e... provocar mais algumas esmolas dos entusiastas, e que podem servir para uma reforma na adega.

Infelizmente, não te podemos satisfazer, padre Consoni. É vontade do CRISTO

que permaneças no teu poste de torturas, aí, ruminando os jantares opíparos...

Mas, se tivesses à mão urna fogueira, e o poder de um Torquemada, ao invés de reclamares o martírio, já nos teria atirado para as chamas!...

E que prazer não seria o teu, ó angélico, ó puríssimo, ó açucênico (*sic*) padre Consoni!...

## Os retratos

A irmã Marietta entregaria os retratos que a autoridade pediu? Quem pode crer nisso? Ela naturalmente entregou os que quis e não os que pretendia o dr. Pinheiro e Prado, e que seriam os de Josefina e Idalina.

S. s. fez um simples pedido e não a busca necessária. Decerto, no fim, ainda beijou as mãos das pudicas irmãs...

## Uma contradição

Um jornaleco do padre Consoni disse que América, durante o tempo em que esteve no colégio de Vila Prudente, conheceu duas

Josefinas.

Este jornaleco se contradiz. Vejamos.

América entrou (sempre segundo as informações desse jornal) para o Colégio de Vila Prudente em 14 de agosto de 1909 e saiu em 1º de fevereiro de 1910.

Josefina Marques da Rocha entrara em 02 de julho de 1909 e permanecera até 09 de janeiro de 1910.

Porém, a outra Josefina Gherri, que entrara em 18 de maio de 1908, saíra em 16 de abril de 1909, LOGO – 04 MESES ANTES DE ENTRAR A MENINA AMÉRICA FERRARESI.

Que nos diz o padre Consoni dessa contradição? O público quer provas, provas claras, irretorquíveis, irrefutáveis, e não essas incoerências que mais baralham o caso e feitas propositalmente para desviarem a questão de seu terreno.

### **Por que será?**

Para os trabalhos de horticultura no Orfanato C. Colombo, são agora empregadas 04 pessoas quando, há poucos dias apenas, uma era encarregada desse trabalho, conforme dizem no Ipiranga?

A que se deve atribuir esse afã em revolver os terrenos que circundam o Orfanato?

### **Outra contradição**

Os padres tinham afirmado, na sua defesa, que Idalina, juntamente com a sua *sedicente* (falsa) mãe, tinha ido ao Ipiranga visitar seu irmão Sócrates, após ter sido retirada de Vila Prudente.

Agora vêm dizer que a mesma Idalina FOI ENTREGUE À SUA MÃE EM 28 DE JUNHO DE 1907, ACHANDO-SE PRESENTES SÓCRATES E MUITAS TESTEMUNHAS!...

Quando dizem eles a verdade? Quando afirmam que Idalina foi ver seu irmão no Ipiranga ou quando dizem que Sócrates estava presente na ocasião da entrega de sua irmã à Luiza?

E Maria Luiza, ou Itália Fonte, é realmente mãe de Idalina, como afirmam o sr. José Piedade e mais o sr. Alencar Piedade, ou é mãe *sedicente* (falsa) como assevera o padre Consoni?

Desfaçam, por piedade, os srs. Piedade, este *imbróglio*.

### Os registros

Para que fique provado, cabalmente, indestrutivelmente, a irregularidade dos registros do Orfanato, bastará que seja lida a transcrição abaixo, do assentamento da entrada de Sócrates e Idalina no Orfanato.

Eis o assentamento:

Hoje – 01 de outubro de 1905 – foi recebido o órfão Sócrates Henrique do Patrocínio, filho natural de José do Patrocínio, de 07 anos de idade, nascido em 1908, em Monte Alto de Jaboticabal, recomendado pelo rev. cônego Nunzio Greco e por ele responde, em caso de informações, o sr. Rafael Stamato, negociante estabelecido em São Paulo, à rua José Bonifácio, 24.

A menor Idalina do Patrocínio, de 05 anos de idade, foi hoje mesmo entregue à revma. superiora da seção feminina de Vila Prudente.

Nota – Oferece, o sr. Stamato, o auxílio anual de 50\$000, pagos de 12\$000 cada uma, começando a pagar a primeira nesta data. Matriculado o nº 115 como brasileiro.

Nem uma só escola primária do interior, do mais humilde vilarejo, terá uma escrita irregular como essa do Orfanato!...

Sem comentários.

Registros assim feitos são passíveis de alteração, podem ser viciados, modificados, inutilizados e substituídos, quando necessário. Não são merecedores de confiança nem dignos de fé.

### **Vitória de Pirro**

Exultam, os implicados, porque América Ferraresi desmentiu tudo quanto afirmara anteriormente, fazendo, assim, esboroar as acusações que formulara e por ter declarado que, se assim procedera, é porque obedecera “a insinuações de terceiro, que a aconselhara a afirmar aqueles fatos, porque assim ela, América, se tornaria indigna de merecer a simpatia de todo o universo...”

Ora, para demonstrar, à saciedade, que não houve insinuação, basta saber-se que ninguém sabia, nem ouvia falar, de uma Josefina, morta num banheiro.

Quem, pois, iria suggestiona-la para que revelasse esse fato?

É mais fácil admitir que, se realmente insinuação houve, esta se revela na retratação de América, e não nas suas primitivas revelações.

Todos sabem já que os pais de América, e outras pessoas, eram hostis a que a menina dissesse alguma coisa sobre o Orfanato.

### **Josefina Gherry**

Segundo afirmam os diários, deverá ser interrogada hoje essa menina QUE NÃO FOI CONTEMPORÂNEA DE AMÉRICA NO ORFANATO, conforme já demonstrámos.

Por que o sr. Pinheiro e Prado não interrogou, antes de mais nada, todas as crianças internadas no sinistro orfanato?

Agora é que essa medida seria inútil e improdutora, porque já as precauções foram tomadas para afastar tudo quanto pudesse

constituir prova ou indício de crime, e os padres e as freiras terão tido o cuidado de arredar as crianças que teriam algo a dizer e bem assim terão industriado as que ficarem.

### **Carta anônima**

Foi recebida de Ouro Fino uma carta anônima, indicando o lugar em que Idalina foi sepultada, nos terrenos do Orfanato.

Com as devidas cautelas, porque essa denúncia bem pode ser recurso dos próprios padres para, se as escavações não derem resultado por ter sido errada a indicação, virem apregoar aos quatro ventos sua inocência, foi essa missiva entregue ao dr. secretário da Justiça, não sabendo nós, as providencias tomadas a respeito.

### **Adesões**

Igualmente numerosas. Amigos e correligionários, simpáticos à nossa causa e muitos que até hoje eram indiferentes, têm vindo ao nosso escritório garantir-nos seu apoio e assegurar-nos sua solidariedade. É grande o interesse com que acompanham as fases desse caso misterioso e intrincado, e aplaudem, sem reservas, a nossa atitude.

### **São calúnias?**

Tudo quanto temos avançado, em relação a este obscuro caso, é calcado em informações e notícias de fontes insuspeitas. Mas, se é tudo calúnia, se as nossas alegações são mentirosas, apresentem, então, provas em contrário, porém provas irrefragáveis e seguras.

Se assim o fizerem, seremos nós os primeiros a proclamar a inocência dos indigitados autores desse crime nefando.

Vamos às provas!

## **Na máquina**

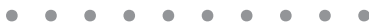
Com as páginas já na máquina, soubemos que se foi proceder às escavações. Chegarão a tempo?

## **2ª Edição**

Daremos 2ª edição se houver alguma coisa de importante.

# 113

## *Paulistas! Cidadãos!*<sup>54</sup>



No campo glorioso do Ipiranga, pouco adiante do lugar onde, há 88 anos, D. Pedro I proclamou a Independência, há um orfanato, dirigido por padres e freiras, onde a moral foi condenada; onde os sentimentos humanos estão pervertidos; onde se praticam as mais horripilantes baixezas; onde se cometem os crimes mais abomináveis contra a natureza e a vida; onde as vítimas são pobres crianças, pobres órfãs, pobres desgraçadas indefesas, que o determinismo social lançou nos braços da caridade protetora – mas que os agentes que administram essa Caridade são bandidos ignóbeis, são o que há de pior na sociedade, de mais monstruoso na família humana!

A polícia teve denúncia, com provas suficientes para dar trinta anos de cadeia a toda aquela corja de bandidos do Orfanato Cristovam Colombo, cobertos com o manto da religião, que lhes garante a impunidade, com a máscara da caridade, que lhes assegura a confiança pública. E em vez de prender os criminosos, separá-los para que não fizessem desaparecer os vestígios do crime; em vez de levar uma comissão de médicos para examinar todas as crianças internadas naquele antro de depravação e crimes; em vez de procurar, nos terrenos contíguos, os restos mortais das infelizes violentadas e assassinadas, a polícia, a “defensora” do bem público, descobre-se respeitosa, curva-se diante dos criminosos, deixa-os livres, à vontade, dá-lhes todo o tempo necessário para que combinem, para que arquitetem, uma engenhosa mentira, e apareça, aos olhos do

---

54 - (Não assinado). **A Terra Livre**. São Paulo – SP. Ano 04 – Nº 75 – Página 04 – 06.11.1910.

público, como vítimas inocentes da mais hedionda calúnia!

Temos razões para crer que, em todos os institutos dirigidos por padres e freiras, domina a mesma moral, a mesma depravação.

Não confiamos, não temos confiança, na ação de autoridades que não pediram conta das meninas quando desapareceram, e que, agora, facilitam todos os meios para que os criminosos se ponham a salvos.

Nós confiamos somente na justiça do povo, na ação dos homens livres, que pugnam pelo desaparecimento do Clero, cancro social, vergonha suprema da humanidade.

Cidadãos! Marchemos resolutos!

Fora os padres! Fora os religiosos!

Livremos as crianças das suas garras!

Fora, as crianças, dos seus institutos!

Não repetiremos essa história triste, repetida todos os dias por todos os jornais. Mas denunciaremos ao público aquilo que a imprensa diária não denunciou e não denunciará.

Em fevereiro de 1908 pudemos saber que a menor Idalina havia desaparecido para sempre do cenário da vida.

Os jornais falaram.

As autoridades tiveram conhecimento do fato.

Mas, as autoridades não fizeram investigações, e o juiz de Órfãos não pediu conta aos responsáveis do desaparecimento da infeliz criança.

E os grandes diários calaram-se.

O público dormiu.

Agora apareceram testemunhas do crime; os padres violentaram e assassinaram, não somente a Idalina, mas também outra de nome Josefina. Testemunhas não procuradas, descobertas por acaso.

Soubemos que o Orfanato Cristovam Colombo não passa de

um antro de prostituição, de deboche e de patifaria. Soubemos que há mulheres que foram repudiadas por seus maridos na noite de núpcias, porque os padres as defloraram, e muitas outras coisas que não enumeramos aqui porque as vítimas são interessadas em que os seus nomes não sejam manchados de vergonha.

Tudo soubemos de testemunhas que falaram espontaneamente.

Soubemos que grande parte das crianças lá internadas podem estar violentadas: há quem o afirme.

As testemunhas apareceram por si mesmas.

As autoridades tiveram denúncia de tudo isso.

Puseram-se em ação. O que fizeram?

Deixaram passar quinze dias.

Não prenderam os criminosos.

Não fizeram busca no orfanato.

Não interrogaram as crianças e as outras pessoas que lá estão.

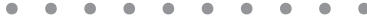
Não fizeram escavações no terreno indicado para encontrar o esqueleto da menina.

Não levaram uma comissão de médicos, para saberem se as outras crianças, entregues à guarda dos padres, não estão viciadas e violentadas.

Intimidaram uma testemunha, fazendo-a negar o que espontaneamente havia afirmado.

Trabalharam ativamente, desde 1908 até hoje, para proteger os criminosos e esconder o crime.

Até agora a questão está neste ponto.

*Estrangulando um mistério...*<sup>55</sup>

**Sustentamos as nossas acusações contra o Orfanato Cristovam Colombo –  
Onde está Idalina?**

**O celibato clerical**

Tratando dos assuntos referentes ao Orfanato Cristovam Colombo no nº 56 d' *A Lanterna*, tivemos, como principal e único escopo, esforçar-nos o mais possível para ver se conseguíamos projetar alguma luz nas trevas caliginosas que envolvem o caso Idalina.

Entretanto, a ação contraproducente da polícia, que denuncia antes o intento de baralhar mais as circunstâncias, que o de apurar responsabilidades, tem feito com que, após tantos dias decorridos, estejamos todos ainda na expectativa.

Sobre as diligências feitas, falaremos adiante. Queremos, aqui, demonstrar que as acusações levantadas contra os padres do Orfanato, amparadas por tantos indícios veementes o são, ainda mais, pela frequência com que os escândalos dessa ordem — atentados ao pudor — se repetem nos colégios confiados a homens que fizeram juramento de castidade.

Bem sabemos, como judiciosamente observa DRAPER, que o celibato do clero é mantido apenas como um esteio dos interesses da igreja e garantia de sua disciplina, porque o padre, casado, mais facilmente se furtaria às ordens severas de seus superiores hierárquicos.

Mas, uma providência dessa espécie, um decreto que previne a insubordinação e mantém e desenvolve os interesses do catolicismo, é uma infracção às leis biológicas, um insensato esforço para trazer

55 - (Não assinado). *A Lanterna*. Nova fase. São Paulo – SP. – Ano 10 – Nº 57 – Páginas 01 a 03 – 12.11.1910.

o homem liberado das imperiosas exigências de seu organismo, e produz o sacerdote devasso que, em horas caladas da noite, demanda os prostíbulo, o idiota, que pretendeu se manter casto e prejudicou a integridade do seu cérebro, e, enfim, o atacado do priapismo ou satiríases, o padre que, induzido por uma imaginação mórbida, devorado pelos pensamentos eróticos, ficou atacado desse mal terrível.

Passemos por alto os perigos que a continência e a abstenção produzem nos indivíduos, pois, raríssimo é o fanático, padre ou frade, que se conserva casto (a maioria goza as mais belas mulheres) mas, ligeiramente embora, tratemos das condições antifisiológicas dos celibatários.

Referindo-se à essa condição do padre, diz um médico insuspeito por ser católico:

Qualquer função no organismo tem a razão da sua atividade quando os órgãos estão sãos e normais. A natureza nada criou sem um fim. Um órgão sem emprego, uma função fisiológica sem utilidade, são cousas que repugnam ao respeito e não se encontram na natureza.

Os órgãos sexuais, cuja função especial é das mais elevadas — a geração — não podiam escapar a essa lei. Provocados pela secreção seminal, que se opera independentemente da vontade, têm um impulso repentino e espontâneo necessário à sua excreção. Essa excreção pode ser diminuída pelo gênero de vida, e aumentada pelas *condições opostas do matrimônio*.

Daí a necessidade das relações sexuais.



Sarah de Mattos  
Deltorrada e envenenada no Convento das Trissas, em  
Lisboa, a 23 de julho de 1881

Se, durante muito tempo, não obtém a posse da mulher, que é o desejo mais forte do homem, vendo-a nos sonhos, no silêncio dos corredores sombrios do claustro; tendo a visão alucinadora de um sorriso, mesmo dentro da igreja, à hora da prece, quando o incenso se evola para o altar e os círios bruxuleiam, iluminando, com uma luz triste o templo enorme e silente, rebolecando-se no leito, preso de sonhos lúbricos que determinam as poluições noturnas, em regra o padre é vencido pela natureza, e a luta prolongada, estando finda, explodindo furiosamente a sede do amor, ei-lo atirando-se à primeira presa em que possa saciar a sua sensualidade.

Das crônicas monásticas da idade média — idade em que os Euricos de A. Herculano eram raros, como ainda hoje — transparece claramente que os piedosos frades e freiras eram, igualmente, presas ou mordidas pelo irresistível desejo da carne, pela ânsia da volúpia que o contato carnal proporciona.

E quando a neurose mística atingiu a todos os mosteiros, naquela época, quantos e quantos confessores argutos não aproveitariam os êxtases, das esposas de Jesus, para se fingirem de Cristo e, assim, satisfazerem as pobres mulheres?

Em nossos dias, escândalos sem conta se multiplicam. Ninguém que tenha bom senso pode admitir que homens fortes, de temperamento sanguíneo, alimentando-se bem e bebendo bons vinhos, trabalhando muito pouco, quase nada mesmo, vivendo em casas boas, respirando o ar puro que se respira longe da cidade, não tenham necessidade de relações sexuais... Assim como os frades necessitam de comer e beber, como todos os outros homens necessitam de mulher. Realmente não há, mesmo entre o povo inculto, quem tome a sério a castidade dos padres, que todos têm a sua perpétua. Os frades, não podendo possuir perpétuas, o que tornaria mui público a sua devassidão, cavam subterrâneos para ligar seus conventos aos de suas colegas (as freiras) ou, então, se educam

crianças, atiram-se a elas infalivelmente.

São tantos os exemplos, tão conhecidos, que nem nos damos ao trabalho de os citar.

Querer que os frades sejam santos, isto é, que possam impunemente infringir uma lei biológica sem sentir as consequências dessa infração, que possam se manter continentes sem que o esperma, retido, provoque a loucura, ou o priapismo, é tentar negar a evidência, ou se mostrar muito próximo da imbecilidade.



A grita descompassada, que as primeiras declarações de América Ferraresi levantaram, da parte dos defensores do Orfanato, é de todo ponto injustificada. Não seria esse o primeiro crime dos frades, nem o último. E defender o Consoni com a simples afirmação de que é um santo, é compromete-lo ainda mais. Que nos conste, o santo casto é uma exceção na igreja católica. Um dos candidatos à santificação, para não aludir a uma teoria interminável de santos bandalhos, o papa Pio IX, teve cerca de dezessete amantes... e algumas bem bonitas... Salomão que, pelo fato de viver antes de Cristo não deixa de ser santo, possuiu setecentas concubinas e trezentas mulheres *legítimas*.

E geralmente os mais virtuosos e os mais castos são as vítimas do celibato, afirma um autor católico.

Quanto mais austeros, quanto mais adstritos à disciplina da igreja, quantos mais rígidos, mais passíveis de acidentes cerebrais, mais propensos ao priapismo, mais susceptíveis de praticar um crime nefando, que o seu estado mórbido determina.

E o regime do claustro, longe de ser o afrodisíaco a sopitar as manifestações do erotismo é, antes, o afrodisíaco que os favorece, que lhes empresta mais intensidade, não só porque mantém os frades em boa saúde, fortes, como lhes dá margem a divagações, permitindo que se comprazam nos pensamentos amorosos.

Também a velhice não é argumento de incontestada validez. Se a longevidade genital é rara, não é impossível. Depende do regime alimentar e da moderação. Se Thomaz Parr casa aos 120 anos e até os 140 cumpre seus preceitos matrimoniais, graças ao seu regime de alimentação, se Richelieu casa aos 84 anos com mme. Roth, se o marquês d'Estrées aos 91 anos contrai terceiras núpcias, não será de assombrar um sacerdote de 60 anos, ou menos, mercê de um saudável regime, que o conserva sadio e forte, possuir ainda bastante virilidade até para casar pela primeira vez.

Se exatas as afirmativas de América, o que ainda se está averiguando, não trariam surpresa a ninguém e, muito menos a nós, porque o celibato é fator essencial do erotismo que impele o sacerdote à prática de atos revoltantes, contanto que sua necessidade — a eliminação do licor seminal — possa ser satisfeita.

Acresce que o exemplo dado, em vários países, pelos diretores dos estabelecimentos congêneres ao Orfanato, abusando da inocência e da candidez das crianças, ou forçando-as, brutalmente, milita em desfavor dos padres envolvidos neste caso, pois é admitida a possibilidade da prática do crime.

Conforme fizemos notar, tudo quanto rodeia o padre, longe de ser um obstáculo, é um incentivo à prática de atos imorais. Os ócios, o

contato diário com as crianças e as mulheres, a sua posição excepcional, que permite que o rodeiem de confiança cega, as ocasiões favoráveis, as continências prolongadas, que o tornam mais ardoroso, a influência que as perturbações genitais causam ao cérebro, tudo concorre à realização do delito.

E, mais: se o indivíduo é tido e havido como santo, e tenha notícia desse conceito, com maior segurança de impunidade pratica o fato delituoso, certo de que, se houver denúncia, terá a seu favor a incredulidade geral.

Adicione-se o confessorário, adaptado a favorecer os desejos libidinosos do sacerdote, e por onde o padre desce a minúcias impudicas, formula perguntas despidoradas.

Dado que a penitente, sem ser uma ninfomaníaca, é, no entanto, viciosa, já o terreno se aplaina diante do homem.

Se, no caso, é uma ingênua moça a interrogada, as perguntas, que requerem ser mais claras e precisas, levam a seu ânimo o desejo de verificar isso que o padre aponta como pecado. Não raro, o padre mesmo se incumbem de lhe mostrar o que pretende saber a penitente.

Conseqüentemente, salvo provas irretorquíveis em contrário, é impossível, *a priori*, asseverar a inocência dos indigitados autores dos atentados ao pudor.

Enquanto não apresentarem a menina Idalina, viva e sã, não devem estranhar que se mantenham de pé as acusações feitas de que tenha ela sido vítima de estupro e assassinato.

É comum, na história do crime, cometer-se um delito para fazer desaparecer os vestígios de outro. E, para quem sabe que o espasmo, nas relações sexuais, corresponde quase a um ataque epilético, não estranhará que o macho, apertando a garganta da vítima para a obrigar ao silêncio, no instante espasmódico, involuntariamente faça muito grande a pressão e, assim, ocasione a morte da infeliz.

Também o fato de um homicídio à pazada é crível, é admitido, pois não entra nos domínios do fabuloso. Vê o cúmplice que a vítima foge, e sabe perfeitamente que irá revelar o que sofreu. Como um relâmpago, passa-lhe pela mente as consequências fatais dessa revelação: o escândalo, a punição, a desmoralização, a perda de dignidade e, sobretudo, do conforto e da placidez da vida atual, o cárcere após um julgamento em que se cobrem de ignomínias, quando não seja a cólera popular e a lei do Lynch.

Essas ideias que se sucedem, com a rapidez que só o pensamento tem, fazem-no correr e agarrar a fugitiva. Traze-la para o interior e invectiva-la, enche-la de ameaças, é tudo feito num ápice. E, para a tornar amedrontada, e prevenir outra tentativa de fuga, uma pancada, mesmo sem intenção de matar, teria sido dada. E a morte, mesmo assim, teria sido provocada.

Realmente, os fatos, tais quais são denunciados, se não forem desmentidos com a prova de que a denunciante é uma visionária, não deixam de revestir-se de certa aparência de real.

Pelo menos há possibilidade de se ter praticado esse crime, pois nenhuma circunstância, por impossibilidade de ser realizada, é apontada nesse gravíssimo caso.

Contudo, se efetivamente os padres do Orfanato estão inocentes, essa inocência, se não sobressair no inquérito policial, eivado de defeitos, surgirá, no entanto, irrecusável, quando eles apresentarem a Idalina, viva e perfeita, e explicarem o caso das Josefinas, com a maior clareza, porque as duas que apareceram não podem ser a que aludiu América, porque *a*) uma já fora retirada quatro meses antes de América ter entrado e *b*) a outra, contemporânea de América, é preta.

É fora de toda dúvida que, tendo perfeito conhecimento dos desastrosos efeitos do celibato, já apontados; sabendo, nós, das tristes consequências trazidas por esse estado, e atentando para casos

idênticos ao atual, ocorridos em outros colégios dirigidos por padres, não podíamos deixar de abrigar as asserções de América que, se esta não for uma histórica, permanecem de pé.

Porque os padres têm de optar por uma das pontas desse dilema: ou são continentes e, neste caso, sofrem de priapismo, satiríases, ou têm alguma lesão no cérebro, ou não são continentes, satisfazem, irregularmente embora, as necessidades do seu organismo. Ora, num e noutro caso não se eximem à suspeita.

O que não podem provar é que sejam *virgens*, até hoje isentos do contato carnal, e nem provar podem que as reminiscências, as lembranças suaves das horas passadas no reino de Afrodite, os persigam, os encalcem, mesmo entre as litânias e as preces.

Homens sujeitos às contingências da vida, homens que prezais o livre arbítrio e sois determinados, se, porventura, sois culpados, culpada é contigo a igreja retrógada, a mãe do absurdo e do erro, a amiga do despotismo e da violência, que pretende fazer-vos múmias, que deseja vos transformar em manequins e só consegue fazer-vos hipócritas, dissimulados, quando não sois criminosos!

Em nossos dias, em que a crítica científica transpõe os muros dos conventos e perturba o sono dos monges, é raro que se tornem neuropatas, os enclausurados, como era frequente na idade média, em que também mais frequente era o fanatismo e maior a ignorância: é mais certo que os padres, ao cometerem um crime dessa ordem, isto é, ao atentarem contra uma menina, violentando-a, o façam pela necessidade imperiosa que sentem, pois são fortes, bem nutridos e não são castrados.

E se é, diversamente, o autor do crime um enfezado sacerdote, pálido, macerado, de olhos febris e lábios secos, pode-se afirmar, sem erro, que é um doente, uma vítima das reminiscências de Vênus, um sonhador de sonhos amorosos...

Não há desculpas, não podem fugir deste círculo de ferro. E quando o celibato dos clérigos deixasse de constituir uma ameaça constante às crianças, de ambos os sexos, confiadas à sua guarda; e não mais a causa da pederastia entre os próprios adultos monges; e responsável não fosse pelas relações com as freiras, ainda assim o perigo está de pé, porquanto (e a respeito o abade Chavigny faz revelações importantes) incidem no perigo às mulheres que os frades puderem dominar, pelo confessorário.

E as que adúlteras não forem, dando, em detrimento do esposo, as primícias do seu amor ao padre, hão de se tornar fatalmente prostitutas. E os que trazem nos lábios a palavra, com que pretendem elevar e moralizar os povos, promovem, pelos atos, a baixeza de costumes e povoam, com as suas vítimas, os bordeis.

Por isso é que não achamos exagero, no que assegura um historiador, “que os missionários católicos trouxeram da Índia para a Europa a espiroqueta da sífilis.”

Quando o governo inglês resolveu suprimir os mosteiros, sabia-se que o clero prostituía 100.000 mulheres na Inglaterra.

Com um amontoado de crimes, com um enorme acervo de delitos em seu ativo, a religião católica, que fabrica, com os seus ensinamentos, a sua dialética, do mesmo passo o algoz e a vítima, que arma o sacerdote de poderes discricionários, e dá à penitente uma completa obediência, sujeitando-a a tudo quanto pretender o tonsurado, merece e deve ser combatida; e os padres, os seus representantes, os seus naturais defensores, não podem deixar de ser criminosos, desde o momento em que pretendem fazer acreditar que estão acima das contingências humanas, que as leis naturais são por eles regidas.

Perante a desfaçatez do clero, defrontando a hipocrisia que o reveste, conhecendo as infâmias, os crimes inomináveis que o manto de sua austeridade encobre, é impossível, salvo, como dissemos, provas irrecusáveis em contrário, deixar de admitir a possibilidade da

realização dos mais atrozes delitos.

Eis aí porque, sem querer caluniar, entendemos que era auxiliar a justiça dar publicidade às declarações de América, uma vez que os envolvidos no caso não provocaram sua ação para demonstrar sua inocência.

Infelizmente, a justiça dos homens é falha, é defeituosa, é cega, segundo afirmam.

E nós não queremos saber da de Deus.

Continuamos e continuaremos, infatigavelmente, o nosso combate até ver, para sempre desfeita, a treva caliginosa que envolve o misterioso caso de Idalina.

Nada nos desviará do nosso propósito de promover a responsabilidade dos que fizeram a infeliz órfã desaparecer, vítima de um crime infame, e que, após esse belo gesto, como se foram eles os déspotas soberanos nesta terra, não desceram a explicar seu procedimento.

Tornou-se necessário que as declarações de América, a ação conjunta da imprensa e da polícia, o rumor do caso Josefina, aliado ao de Idalina, se fizessem sentir; foi preciso que os muros do Orfanato tremessem com as imprecações do povo, para que os reverendos tentassem (e que ensaio infeliz!) um arremedo de defesa.

Começamos, hoje, tratando de um jornal que se tornou credor da nossa execução, pela revoltante parcialidade e flagrante injustiça com que se tem portado neste momento. Este jornal é

### **Um órgão de agência de empregos**

Os amigos e os agregados dos padres do Orfanato evitam, cuidadosamente, publicar tudo o que possa vir robustecer suspeitas em volta do sinistro estabelecimento, já agora tristemente célebre.

Temos afirmado inúmeras vezes que, em seu próprio interesse, deviam os padres do Orfanato, se fossem inocentes, provocar a ação da polícia para que esta, após um inquérito rigoroso, tendo feito as diligências e as pesquisas de um modo completo, para que assim ficasse acima de qualquer suspeição não só o Orfanato como os próprios dirigentes.

Já é, conseguintemente, de molde a despertar desconfiança, a indiferença com que receberam, durante três anos, as perguntas sobre o destino de Idalina.

Para alicerçar o que acima dissemos, que os amigos do Orfanato buscam ocultar os fatos e, mais ainda, cerceiam inexoravelmente a defesa dos que são alvos de calúnias; a defesa, que é um direito amplamente assegurado em todos os códigos das nações cultas, basta atentar no que adiante narramos.

Todos os jornais, sem exceção, divulgaram os desmentidos de América, nos quais era apontado como um sugestionador (*sic*) o negociante Aniello Panciullo.

Pois bem. Indo algumas pessoas pedir uma retificação ao “Diário Popular”, o redator, ou coisa que o valha, desse “órgão de agência de empregos”, talvez melhormente talhado para os misteres de cangaceiro que para os da pena, revelando má vontade, parcialidade e uma inépcia à toda prova, além de se mostrar um *ignorantão* sobre o papel que a imprensa desempenha, aconselhou a essas pessoas que fossem à polícia.

Essas pessoas, que lá não foram pedir conselhos, e que não esperavam achar na redação do jornal dos *precisa-se* um Pacheco *sui generis*, trouxeram-nos a nós, e não à polícia, a sua queixa.

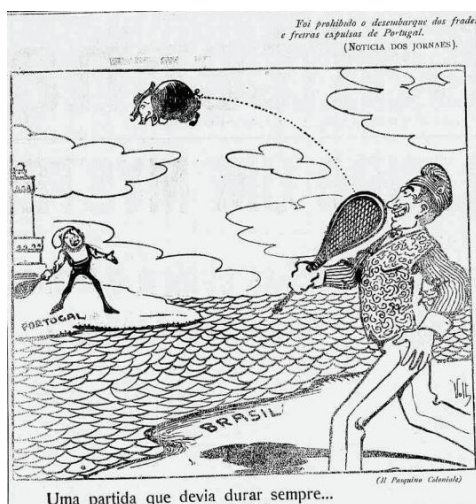
E nós denunciámos o “Diário Popular” ao público sensato, como um órgão de hipócritas e de intolerantes.

De hipócritas, porque, aparentando imparcialidade, traz insinuações insidiosas contra os livres-pensadores.

De intolerantes, porque recusam publicar a justificação de uma pessoa alvejada pelas palavras de América Ferraresi.

E é um jornal deste, turiferário reles da padralhada do Orfanato, bajulador sem convicções, deturpador da verdade, parcialíssimo e sectário, que vem, barbudo e de óculos no nariz, dogmatizar, pontificar como um corifeu da imprensa.

Sus! Desavergonhado! Sacode a tua hipocrisia como o cachorro a água que lhe ensopa o pelo e vai para o teu canto, cartaz reclame sem espírito e sem arte!



### Voz piedosa

Sem espírito e sem arte, igualmente é a moxinifada do sr. José Piedade, o valoroso mestre d'armas, êmulo de Tartarim de Tarascou; falta-lhe apenas um Daudet que o atire aos pósteros como um objeto de ridículo constante.

Decididamente, o nosso bom Piedade é mais afeiçoado à espada que é à pena. Pena é não sabermos usar da durindana para o desafiar a um duelo ao “primeiro sangue”... A língua, ou melhor, a pena não o ajuda. S. s. quer dizer que não disse, e diz que disse. É mesmo digno de

piedade vê-lo assim, ele, que tão bem se encontra nos campos de batalha, entre o fumo das descargas, comandando, com o maior sangue-frio, e movendo os pelotões, as companhias, os regimentos e as brigadas, com a mesma habilidade de um jogador de xadrez, é mesmo digno de piedade vê-lo, assim, desajudado de um pouco de eloquência, de um pouco de lógica e de um pouco de bom senso.

Ah! Valente guerreiro, cuja estatura domina a de Cesar e a de Anibal, que és superior, em tática moderna, a um Moltek e que metes num chinelo a Massena e a Mac- Mahon, porque te desvias do teu caminho, modificas teu trajeto para dares importância a uns pobres diabos anticlericais?

Porque nós, sem receio, apontamos os teus despautérios, celebramos as tuas cincadas e rememoraremos, com entusiasmo, tuas contradições.

E isso não será conveniente nem agradável a quem pretende se fazer temido como Átila e que, se não comanda legiões de hunos, dirige ao menos as evoluções dos *cascos* de batalhões da briosa.

Pois ainda tens coragem de afirmar que a Idalina foi entregue a sua mãe adotiva? Traduzes assim a palavra *sedicente*? Será possível que desconheças a língua italiana?

Idalina e Sócrates ABRAÇARAM alegremente a sua mãe adotiva e como se explica que, segundo assegura a irmã superiora, a Idalina se retirou chorando?

E como é que se entende esta embrulhada: Idalina estava em Vila Prudente e, daí, depois de ter sido entregue à Maria Luiza (*sedicente madre*) por ordem do padre Cappello, foi visitar seu irmão Sócrates. É o que dizem os padres.

Como afirmas, então, que Idalina e Sócrates receberam, alegres, entre abraços, a mãe adotiva?

Sócrates estava em Vila Prudente com as meninas ou estava

Idalina no Ipiranga, na seção masculina?

Estás, portanto, ilustre general e mesquinho escritor, desmentindo as alegações da irmã superiora e as do padre Faustino.

Estás te desdizendo a ti próprio, que afirmaste ser Maria Luiza a mãe e agora já dizes que é *mãe adotiva*.

Quem é que diz a verdade? E, quando surgem e chocam tantas afirmações, as mais disparatadas e incongruentes, não é licito dizer que é tudo mentira *e que Idalina nunca saiu do Orfanato?*

Era melhor que o sr. Piedade, ao invés de mais comprometer o seu constituinte com uma defesa claudicante, tratasse de procurar a Idalina.

Este é que seria um valioso, um inestimável documento de defesa e de justificação: a Idalina viva, sã, perfeita. Experimente isso, sr. Piedade!

### **Mais incoerências**

Decididamente, esse desacordo em relatar os fatos, esse baralhamento de datas, essas afirmativas insubsistentes, que a todo instante aparecem, mais robustece a acusação já feita, isto é, que a infeliz criança foi assassinada.

Porque a verdade é esta: apesar de todo o rumor que o caso despertou, fornecendo colunas de notícias aos jornais do país todo, apesar dos telegramas transmitidos a todas as partes do Brasil, a menina Idalina não apareceu.

Que interesse há se ela está viva, como medrosamente afirmam os padres, em a terem retida?

E mesmo que Idalina estivesse em cárcere privado, não teria transpirado essa nova? Não se teria descoberto sua prisão?

Acresce que nenhum interesse há em prende-la e, mesmo que

houvesse, os prêmios oferecidos já teriam tentado os que, porventura, a retivessem

Será possível que Idalina esteja perdida, isolada em algum sertão inexplorado, no meio de *bororós*?

Será admissível a hipótese de, em três anos, e agora, especialmente, não se ter lido nenhum jornal na localidade onde para a orfanzinha? Não. Se realmente estivesse viva, Idalina teria aparecido. Se, efetivamente, Idalina tivesse saído do Orfanato, alguma prova existiria.

E, em última análise, [se] Idalina não aparecesse, ao menos Itália Fonte podia ser encontrada.

Mas, se Idalina morreu é PRECISO, É INDISPENSÁVEL saber como e quando morreu, pois, em absoluto, não merecem fé as asserções dos tonsurados, tão sabiamente dissimuladores, tão peritos em mascarar seus íntimos pensamentos.

Entre as incoerências que temos visto, avulta e culmina a de um papelucho católico.

Não servirá de defesa dizer que é um erro tipográfico. Os erros tipográficos podem ter-se dado em afirmativas outras que não esta.

Pode ser um erro aquele 1908 (janeiro), data em que aqui aportou mais um parasita, o reverendo Stefani.

O tal papelucho assegura, em sua última edição, que Idalina desapareceu em “JUNHO DE 1908”.

Logo, estando Stetani desde janeiro desse ano no Orfanato, conheceu a pequena Idalina. Eles, os padres, atarantados, nem ao menos arguem algo de verosímil e aceitável.

Eles, os defensores dos padres, incongruentes, desdizendo-se a cada passo, a cada instante se desmentindo, nada, em absoluto, adiantam que possa merecer crédito. Quem está com a verdade não se contradiz tão frequentemente.

## Testemunhas

Os que pugnam pelos padres do Orfanato têm um sistema único de invocar as testemunhas.

Assim é que eles dizem: “Pedro e Paulo sabem do fato. Moram em S. Paulo e estão prontos a declarar a verdade.”

Ora, S. Paulo tem trezentos mil habitantes e só com a indicação do nome é quase impossível descobrir o paradeiro de uma pessoa.

Não seria mais simples, mais expedito, eles mesmos trazerem essas testemunhas para deporem? Não seria muito melhor indicar a residência dessas pessoas?

Leiam este edificante trecho de um periódico subsidiado pelos padres:

Nós afirmamos que o Sócrates foi visitado por Idalina em *junho de 1908* em força das declarações feitas pelo mesmo Sócrates, e também pelos senhores João Paranhos e João Rastrelli que, juntamente, presenciaram esta visita. Estes senhores estão aqui em S. Paulo, são de maior idade e se prontificam a dar esclarecimentos. Somente esperam as visitas em casa e não querem dar-se à pena de ir visitar todos os anticlericais para lhes fornecer documentos. Estes que o procurem.

Só há uma explicação para essas incoerências: “eles mentem e, mentindo, arquitetam esse edifício de embustes tão fácil de esboroar.”

## Fiscalização

Perguntáramos, no número 56 d'*A Lanterna*, se os registros do Orfanato eram sujeitos à fiscalização.

Hoje, graças aos informes do órgão dos padres, sabemos que esses registros não são fiscalizados ou, para melhor dizer, são fiscalizados PELOS DIRETORES DO ORFANATO.

Bonita fiscalização!

“Os livros são fiscalizados pela diretoria...” assim escreve o tal órgão do clero.

### **Ainda os dois retratos**

Quando o dr. Pinheiro pediu à Marietta os retratos, esta entregou os dous retratos que não eram os aludidos.

Mas, o que resta saber é se essa irmã tinha em seu poder *apenas dois retratos* ou se, entre muitos, escolheu aqueles.

Estamos certos de que estes esclarecimentos não serão dados, mercê do extenuante trabalho da polícia!...

### **A busca**

Foi uma simples burla. Em se tratando de um Orfanato dirigido por alguns tonsurados, a polícia achou de bom alvitre agir cautelosamente, para não ferir as sucessibilidades eclesiásticas, o que não sucedeu com a Escola Racionalista de Água Branca onde, sem motivo algum, a polícia penetrou arbitrariamente, numa devassa inqualificável, encerrando-a depois.

É que a escola não era religiosa. Nesta, toda a sorte de irregularidades pode ser cometida impunemente à sombra da lei.

É o que se dá com o Orfanato que funciona e vive sem a menor fiscalização, porque os incumbidos desse serviço se limitam a beijar a mão dos tonsurados.

### **As escavações**

A *mise-en-scène* demasiadamente lantejoulada, com que o dr. Pinheiro rodeou o capítulo “Escavações”, não conseguiu abalar a dúvida no espírito público.

Já dissemos que essa diligência deveria ser feita imediatamente,

embora nós não nutríssemos a convicção de que os ossos de Idalina fossem encontrados.

Porque tempo de sobra tiveram para remover e, quiçá, incinerar a ossada, fazendo desaparecer, assim, as provas materiais do crime.

Contudo, seja como for, as escavações teriam ainda explicação, se feitas fossem antes de terem os indiciados ciência do fato. Após tantos dias, tornaram-se inúteis, perfeitamente dispensáveis, porque não desfizeram a dúvida existente, nem trouxeram algo que inocentasse os reverendos.

Esse inquérito, mal conduzido desde o início, confiado a uma autoridade que se revelou incapaz de dar cabal desempenho à sua tarefa, teria, naturalmente, de produzir esses resultados, e as diligências, levadas a cabo tardiamente, não podiam deixar de ser o que foram: mera encenação para armar ao efeito.

E todo nosso esforço se anulou diante da apatia do dr. delegado. Fossem quais fossem os resultados, preferíamos que agisse de outra forma.

Queríamos a verdade.

Entretanto, já agora a dúvida persiste e persistirá. São veementes os indícios, há aparências com muitos e acentuados laivos de verdade de que Idalina foi vítima de um crime. Ela não aparece e não há provas de ter sido entregue a quem quer que seja.

### **Sugestionada?**

Esteve em voga, por alguns dias, esta palavra. América, interrogada pela milésima vez, num assomo de cólera gritou que Aniello Panciullo a sugestionara para fazer tão graves revelações.

Tudo, no entanto, está induzindo a crer que, se houve sugestão, como afirmamos já no nº 56 d'*A Lanterna*, esta sugestão não é de Panciullo.

Se a menina fez tão cabal retratação, ou foi porque a instigara o receio manifestado pelos pais, ou porque os próprios pais sugestionados (para não empregarmos mais forte expressão) a obrigaram a tal.

Se Aniello Panciullo fosse o sugestionador, como iria saber da existência de cruces, de Josefinas e de retratos?

E, de fato, o dr. Pinheiro foi encontrar cruces, no muro; encontrou os retratos, embora não fossem os que queria; encontrou as Josefinas, embora uma tenha saído antes de América ser internada, e a outra, seja preta e, como tal, posta fora do Orfanato; não sendo possível, portanto, serem, nem uma nem outra, a que vira América, na banheira, com o rosto tumefato.

Panciullo, conseguintemente, não a sugestionou. Nem ele nem outro qualquer. A declaração da menina veio espontânea, e se foi divulgada é porque coincidia com outros indícios e as declarações do menor Domingos Egídio.

Estes clericais são uns pândegos. Arranjam sempre bombas que não estouram, ou tiros que saem pela culatra.

É elementaríssimo este argumento: quem iria sugerir à menina estas revelações gravíssimas, arriscando-se a arcar com a pesada responsabilidade se ela, sob a pressão de terceiros, se desdissesse, como fez?

Só algum beócio, ou algum imbecil, sem ser necessário aduzir que Aniello Panciullo não faria uso desse torpe expediente, assim como nenhum de nós.

Porque os anticlericais militantes, daqui e de todo mundo, não se batem tendo a calúnia e a vilania por armas, numa hostilidade incessante ao inimigo cheio de má fé, astucioso. Batem-se a peito descoberto, lealmente.

Isto posto, nenhum pavor infundirá ao sr. Panciullo as declarações falsíssimas de América, no que diz respeito à sugestão.

Ademais, se a sugestão é hipnótica, não nos consta que aquele pacato negociante tenha se transformado em hipnotizador.

### A Idalina

Sentimos cada vez mais cimentada a convicção de que um hediondo crime se oculta no desaparecimento da órfã Idalina.

E o que argamassa esta convicção é este conjunto de incongruências, este cortejo de contradições que, a cada passo, os jornais nos deparam. É raro haver duas informações que sejam concordes. Temos a descrição da fantástica Itália Ponte, ou Maria Luiza. Já o fato, de ter dois nomes, esta mulher, é bem característico.

Depois a certeza, dada pelos diretores do Orfanato, de que Idalina dentro de quinze dias estaria de volta.

Mais tarde, as indicações errôneas. Ora Idalina estava em Monte Alto ou em S. João de Ariranha. Há ainda a confusão das datas.

Afirmam, hoje uns, que a menina foi retirada em junho de 1907; amanhã, outros aparecem assegurando que Idalina foi entregue em junho de 1908.

O padre Consoni diz-nos que Maria Luiza é a *sedicente* mãe de Idalina. Contrariando essa afirmativa, o advogado do Orfanato declara enfaticamente — “Idalina foi entregue à sua mãe na presença de Sócrates,” para afirmar no dia imediato: “Idalina foi entregue à sua mãe adotiva”. Esta última afirmativa com muito maior ênfase.

Dizem os padres que a menina estava em Vila Prudente e o seu irmão no Ipiranga. O advogado mais uma vez contraria: “receberam, Idalina e seu irmão, entre abraços, a sua mãe adotiva.” Como se, ao mesmo tempo, uma em Vila Prudente e outro no Ipiranga, pudessem abraçar a mesma pessoa.

Teria, um dos dois, o dom da ubiquidade?

E enquanto a irmã superiora declara que Idalina se retirou chorando, o advogado assegura que se mostrou alegre, a menina.

Qual é, logicamente, a dedução a fazer dessas afirmativas que se chocam e se destroem reciprocamente?

É que Idalina não transpôs os umbrais do Orfanato em companhia de Maria Luiza (fantástica) nem de Itália Pontes (fantástica).

Portanto, ainda mesmo que o caso Josefina ficasse deslindado, restaria o outro, grave igualmente.

A pergunta continua a ser formulada em todos os cantos de S. Paulo, e os padres devem trazer, viva ou morta, a criança reclamada.

Todas as aparências são contra o Orfanato. Todas as circunstâncias depõem contra os padres. Tudo indica que, realmente, a infeliz órfã pereceu, dentro de um mistério apavorante, vitimada por mãos assassinas.

É mister que as provas falem.

Vamos às provas!

### **Reunião do clero**

Os altos dignatários do clero (os discípulos do humilde Nazareno são hoje, quase todos, dignos e altos) reuniram-se para protestar contra *uma insignificante minoria de estrangeiros ingratos* que os têm caluniado. Ora, digno é de registro que uma tão insignificante minoria perturbe a doce paz e a suave digestão dos pantafaçudos ministros do Evangelho.

Protestam como brasileiros, agora. Mas brasileiros que amanhã estarão contra as autoridades do país, se o papa o ordenar, como fizeram os padres franceses na França, os padres espanhóis na Espanha e, ultimamente, em Portugal, onde usaram da dinamite e da carabina contra o povo.

Como brasileiros e *leais* servidores... Leais, sim, leais porque

além de se locupletarem, à custa das economias do povo, avançam sem cerimônias ao erário público.

O cardeal é um lealíssimo brasilíssimo brasileiro, que vai tão longe, em sua lealdade, que chega a vender duas vezes o mesmo objeto, como fez com a igreja S. Joaquim, no Rio.

E, se há excesso de tolerância, é ela para convosco que aqui aportais famélicos e desnudos, armados tão somente do artifício e do engano e, em pouco tempo, já possuis conventos e prédios sem que vos custem trabalho algum, ó vendilhões do templo.

Quem abusa da cordura e da generosidade do povo senão esses masmarros, esses bandalhos de batina, que enriquecem sem trabalho, que sempre têm lauta mesa enquanto que os fiéis, que os sustentam, arrebetam de miséria?

Quem mais abusa, que esses parasitas da tolerância do governo?

Deixem-se os tonsurados de tergiversar! Basta de evasivas! Aqui não há questão de estrangeiro nem de nacional e, sim, de abusos ou de crimes cometidos num Orfanato dirigido por um candidato ao martírio, o que prova ser um desequilibrado. Abaixai a viseira. Ponde ao lado a compostura dos hipócritas e a linguagem untuosa dos bonzos e respondi de uma vez por todas: — *Onde está Idalina?*

Só assim compreenderemos a solidariedade dos *altos dignatários* (!!!) assegurada ao padre Consoni!

O povo, com que contavam cegamente os padres, já não se deixa iludir pelas palavras cheias de santidade. Não se deixa arrastar por essas frases escolhidas pacientemente para lhe calar no ânimo. Ele quer saber da Idalina, ele quer provas...

Mas os padres fogem desse terreno... Em se tratando de provas... não compreendem o português.

## A procura de Idalina

O dr. Pinheiro e Prado jurou a seus deuses de trazer-nos viva a Idalina para mostrar que o *virgem e mártir* Consoni não passa mesmo de um mártir e longe está o santo varão de se deixar tentar pelo tremendo Lúcifer...

Sempre queremos ver se o ilustre delegado consegue ressuscitar a menina Stamato!

Ainda no dia 07 do andante, s. s. andou a interrogar os carregadores n<sup>os</sup> 154, 09- 29, 97, 169, 59 e 203 suspeito de que algum deles tenha carregado para o Orfanato a célebre Itália Fonte ou a não menos célebre Maria Luiza, duas pessoas numa só verdadeira.

Quando dizemos duas pessoas numa só verdadeira, nada há de estranho ou maravilhoso em tal afirmativa. Os padres conseguiram demonstrar que 01 é igual a 03, quando asseguram que a *Santíssima Trindade* é um só *Deus* verdadeiro. Agora renovam o milagre. De duas pessoas fantásticas fazem uma que é, da mesma forma, produto da fantasia.

Entretanto, as interrogações do sr. Pinheiro não conseguiram “tirar a aranha do buraco”, como muito bem disse “Fanfulla”.

Mas, o que é exato é que o dr. Pinheiro, apesar de ser *meio ateu*, jurou encontrar a Idalina. Se lhe for preciso usar, de dia mesmo, uma lanterna que lhe facilite a descoberta, lembre-se s. s. que estamos prontos a lha (*sic*) fornecer.

### Uma carta

O sr. Aniello Panciullo enviou aos jornais a seguinte carta, apenas publicada pelo

*Fanfulla*:

Perante o odioso das insinuações que estão espalhadas a meu respeito, no que se refere aos mistérios do Orfanato

Cristovam Colombo, seja-me permitido protestar com todas as forças da minha alma contra a escura maquinação que se trama em meu prejuízo.

A senhorita América Ferraresi, depois de ter representado o papel de comédia que todos sabem, depois de ter gritado *urbis et orbis* que a menina Idalina e outra órfã chamada Josefina, tinham sido desonradas e mortas no Orfanato; depois de ter narrado com todas as minudências essas cenas horrorosas que a mente é incapaz de idear; depois de ter indicado nomes, datas, circunstâncias de tempo e de lugar, revelado, em suma, mesmo a quem não o queria saber, que o Orfanato era um lugar de luxúria e de crimes — vem agora, sob a pressão de sórdidas influências, engolir as acusações que a sua boca propalou e impingir-nos a graciosa historieta que tudo isso contou porque foi sugestionada por mim e por outros!

Como única resposta a esta insídia, poderia eu processa-la por difamações. Mas, se a ideia de ter na minha frente uma criança de 15 anos — uma criança agora movida pelos fios de recônditos interesses, agindo sob o império das pressões e do medo — me incute, a respeito dela, um sentimento paterno de piedade, não quer isso dizer que eu deva deixar que me caluniem e assista impassível à deturpação da verdade.

Um mês antes que América Ferraresi viesse à minha casa pôr em pratos limpos, em presença de Ristori, dos repórteres do “Estado” e do “Comércio”, tudo o que hoje, com inconcebível desenvoltura renega, tinha ela contado à minha filha, Angelina, à senhorita Amélia Moreira e a mais não sei quantas dúzias de crianças, os horrores do Orfanato Cristovam Colombo, acusando principalmente os padres Stetani e Faustino da morte das duas criaturas, Idalina e Josefina.

Como entra em tudo isto a *sugestão* da minha parte?

E, depois, sugestão de que? Mas, não é absurdo só pensar nisso? Porque, de duas uma: ou os fatos eram exatos e, então, não podiam ser inventados e sugeridos à América pela minha fantasia: ou eram falsos, insubsistentes e, neste caso, não se compreende, não se explica, a que escopo pessoal ou sectário me teria podido atingir, instigando América a fazê-los passar como verdadeiros, quando mais tarde teriam resultados absolutamente infundados. Mas poderia dar-se, pergunto eu, que se hajam invertido os papéis? Que a jovem tenha sido sugestionada, agora, para desmentir uma verdade que projetava uma sombra por

demais sinistra sobre a ação de pessoas que se vangloriaram sempre de um caráter de inteireza e santidade? Tenho fortes motivos para o crer e suficientes elementos para destruir todas as invencionices que se andam propalando a meu respeito.

ANIELLO PANCIULLO.

## DOCUMENTANDO

Já o temos dito, e repetiremos sempre: tudo quanto afirmamos é baseado em fatos, em testemunhos insuspeitos, embora a polícia trabalhe para ocultar as provas da culpabilidade dos padres.

O dr. Pinheiro e Prado, no seu afã de demonstrar a inocência dos padres, tem procurado destruir as declarações das testemunhas, e nós iremos aqui fortalecendo as nossas acusações com documentos valiosos, que o dr. Pinheirinho não sabe, ou não quer conseguir.

Já no nosso número passado publicamos, além do atestado de óbito da mãe de Idalina, duas valiosas declarações, às quais juntamos mais as seguintes:

Eu, abaixo assinado, declaro ter ouvido do menino Domingos Egídio o seguinte: — Fui internado no Orfanato Cristovam Colombo e, após alguns meses de minha entrada, os meninos me contaram que a Idalina fora violada pelo padre Stefani. Depois de alguns dias a menor Idalina chorava e queixava-se de dores e, então, o padre Faustino e outros a mataram e a enterraram no campo de *foot-ball*. Os meninos fizeram uma cruz no muro para marcar o lugar.

S. Paulo, 02 de  
novembro de  
1910. Assino a  
bem da verdade.

RAPHAEL PELUSO.  
(Firma reconhecida).

\*

Atesto que ouvi falar a mocinha América Ferraresi na venda situada à avenida Rangel Pestana, 150, que viu o cadáver de Josefina na banheira, toda enegrecida e inchada.

S. Paulo, 02 de novembro de 1910.

RAPHAEL PELUSO.  
(Firma reconhecida).

\*

Eu, abaixo assignado, encontrando-me no dia 30 p. p. no negócio situado à avenida Rangel Pestana n° 150, declaro ter ouvido da jovem América Ferraresi, em resposta a uma pergunta à mesma feita, estas textuais palavras: Eu nunca conheci Giusepina viva, vi-a somente na banheira quando já estava morta e enegrecida.

S. Paulo, 03.11.910.

AURELIANO FELICIAN.

### **O fato do cemitério**

Em Vila Mariana, na romaria ao cemitério, o padre Consoni trovejou sobre os fiéis a sua ira, e alvejou a imprensa liberal com os seus terríveis anátemas.

Parecia que, desta vez, no seu português paupérrimo, o padre ia nos pulverizar. Mas, uma voz ergueu-se e clamou: — “onde está Idalina?” — e o padre calou-se e mudou de rumo, deixando sem resposta a angustiosa pergunta milhares de vezes formulada com o mesmo êxito negativo.

### **Demonstrações de solidariedade**

Inúmeras e entusiásticas têm sido as demonstrações de

solidariedade que temos recebido.

Prova isso que não estamos sós, que ao nosso lado estão todos os homens emancipados, todos aqueles que não têm a sua consciência inibida pelos preconceitos dos clericais.

Entre elas podemos nos recordar das seguintes:

O Círculo de Estudos Sociais, desta capital, fez uma publicação declarando-se solidário com a nossa campanha.

\*

O Círculo Anticlerical Francisco Ferrer, de Jardinópolis, enviou-nos uma cópia da entusiástica moção aprovada em sua última assembleia geral, declarando-se solidário com o nosso jornal e com a *Battaglia* e chamando a atenção do povo para as infâmias da padralhada corruptora e assassina.

### **Salvai as crianças!**

Não confieis vossos filhos aos padres para que façam deles monstros apocalípticos!...

Não entregueis a esses tipos os vossos filhos para serem infamados!...

Não permitais que esses hipócritas embruteçam e fanatizem as gerações nascentes!...

Salvai vossos filhos, povo! Salvai-os do sinistro amplexo do jesuíta capcioso e sinistro!

E reclamai, conosco, a punição dos perversos que mataram a Idalina Stamato.

### **Concluindo**

Estamos inteiramente convictos de que a infeliz órfã, Idalina, foi vítima de um crime inenarrável, tremendo, capaz de ser engendrado e

posto em prática apenas pelos chacais!

Até agora a polícia, com todos os seus recursos, nada adiantou sobre o caso, o que faz avultar a convicção de que Idalina, se realmente fosse viva, teria aparecido ou, então, se não fora produto da fantasia padresca, ao menos Maria Luiza teria surgido para desvelar esse mistério.

Continuamos nós, impávidos, a reclamar a punição dos culpados, conquanto para os proteger se aliem e se congracem os elementos reacionários, os habitantes das sacristias.

Tudo nos induz, a nós e ao público, a prestar fé nas asserções de América e de Domingos Egídio. Idalina não aparece e os padres, em sua defesa, mais ainda se comprometem...

# 115

## *Um viveiro de criminosos*<sup>56</sup>

• • • • •  
**Orfanato sinistro – uma lista trágica**

---

**Assassinatos, defloramentos, estupros, espancamentos, maus tratos, etc.**

Recapitulando sumariamente as acusações feitas pela *Lanterna* contra os padres do Orfanato Cristovam Colombo, juntamos abaixo, numa lista negra como as suas vestes e a sua alma, todos os crimes de que tivemos conhecimento e de que são autores os repelentes estabulados do sinistro abrigo do Ipiranga.

A todos os homens de espírito livre, a todos que não têm o cérebro embotado pelos preconceitos da clericanilha, cabe a divulgação, em todos os meios, desta lista de crimes cometidos contra pobres orfãozinhos fracos e indefesos.

É preciso que todas as mães tenham dela conhecimento para poderem odiar, com o mesmo ardor com que amam os seus filhinhos, os infames que exploram e martirizam a infância desamparada.

Estamos certos [de] que, por todas as localidades, serão espalhados boletins reproduzindo esta valiosa demonstração da justiça da causa que defendemos, da grandiosidade da luta encetada contra o terrível polvo negro que, com a proteção escandalosa dos governantes, vai estendendo os seus tentáculos por todos os recantos deste grande país, procurando submete-lo inteiramente ao seu jugo corruptor.

Mas nós havemos de esmagar esse monstro, atirando aos quatro ventos a notícia dos seus horrorosos crimes, arredando-os, assim, do convívio da gente honesta.

---

56 - (Não assinado). **A Lanterna**. Nova fase. São Paulo – SP. – Ano 10 – Nº 65 – Página 01 – 07.01.1911.

E, para que não se diga que fazemos acusações vagas, sem fundamento algum, continuamos a insistir nas acusações que temos feito ao nefasto Orfanato Cristovam Colombo, indicando ao público as suas vítimas, que são:

IDALINA DE OLIVEIRA, órfã, de dez anos, natural de Bebedouro — estuprada pelo padre Stefani e assassinada, com pancadas de pá na cabeça, pelo padre Faustino Consoni, diretor do Orfanato, na ocasião em que a infeliz criança tentava fugir daquele antro.

GIUSEPINA DE TAL, de quatorze anos, estuprada por ter tentado chamar por socorro, dentro do quarto de banho da seção feminina do Orfanato, na Vila Prudente, sendo autor do crime o mesmo padre Faustino, que se diz virgem e puro. América Ferraresi, ex-aluna daquele bordelesco refúgio, VIU essa menina morta, no banheiro, com o rosto tumefato e roxo.

ARCÂNGELO LANDUCCI, filho de Cezar Landucci — estuprado e contaminado horrivelmente no Orfanato, enlouquecendo em consequência deste ato de caridade dos padres.

ALFREDO BELCHI, filho de Carlos Belchi, professor da Escola Josué Carducci, de Jurema — epiléptico devido a pauladas recebidas na cabeça, vibradas por um padre do humanitário Orfanato.

ELVIRA (VULGO VEADINHA) — filha do antigo leiteiro do Orfanato, estuprada pelo sempre virgem padre Faustino, em um capinzal, quando tinha dezesseis anos de idade e hoje prostituída.

JOSÉ ADEMAR DE FARIA, morador à rua da Glória – fugido do Orfanato em consequência de maus tratos, tendo o corpo cheio de sevícias com alma cheia de terror.

DOMINGOS EGÍDIO, residente a rua General Carneiro, 45, de novo fugido do sagrado abrigo e transportado para a cidade pelo sr. Antônio Rocchetto. Conta, aterrorizado, os maus tratos de pobres que são vítimas os asilados. Mostrava na cabeça uma larga equimose produzida

por uma pancada que lhe vibrou um padre do sinistro Orfanato.

Há também uma outra vítima, de quem não podemos publicar o nome. A infeliz contou a seu noivo que, há seis anos, foi estuprada por um padre do Orfanato.

Avaliando só agora toda a infâmia sofrida, e sabendo seu corpo conspurcado pelo contato asqueroso do padre infame, quiz ser leal a seu noivo e tudo lhe narrou.

ROSA DE TAL, deflorada no Orfanato que, por isso, foi abandonada pelo seu companheiro.

Existem ainda muitas outras vítimas que, por uma forte rede de conveniências, nos impedem de as incluir aqui.

Por isso, só podemos nos ocupar delas sem lhes citar os nomes, o que, entretanto, será feito se os padres tiverem a ousadia de nos processar.

Dentre elas podemos destacar as seguintes:

Um menino, residente no Ipiranga, vítima de uma tentativa de estupro por parte de um padre do Orfanato.

Uma moça, até há pouco tempo empregada na fábrica de tecidos *Mariângela*, estuprada por um padre do Orfanato.

Uma outra moça, hoje casada, também deflorada por um padre do covil do Ipiranga.

Dois meninos, um morador no bairro do Brás, e outro que até há pouco foi músico da banda do Orfanato, foram também vítimas da bestialidade dos padres daquele coió.

Diante de indicações tão precisas, que faz a autoridade encarregada do inquérito aberto para averiguar da procedência das nossas acusações? Que tem feito o dr. Pinheiro e Prado durante os dois meses já transcorridos?

Quase nada, ou melhor — coisa alguma. As diligências serviram somente para favorecer os criminosos, que tiveram todo o tempo

necessário para arrear provas valiosas de sua culpabilidade.

Entretanto, nós, que depositamos mais confiança no tribunal da opinião pública, no julgamento inexorável do povo, continuamos a denunciar-lhe as repelentes torturas do Orfanato, chamando-os:

– Estupradores, martirizadores e assassinos!...

# 116

## *Do Rio*<sup>57</sup>

• • • • • • • • • •

### Onde está Idalina?

Alguns jornais cariocas, sistemáticos no ataque à imprensa e à ação moral avançada dos espíritos liberais e progressistas, afirmam que os sucessos lamentáveis, mas naturais, ocorridos em S. Paulo, foram provocados por elementos perturbadores que eles, na sua eterna ojeriza de “carrancas”, chamam de socialistas e anarquistas. Ora, nada mais caviloso que essa afirmação, lançada com segundas intenções.

Os promotores dos sucessos paulistas são a maioria culta da população do Estado. O seu movimento não foi mais que um eloquente protesto à incúria da polícia inepta e carolíssima do dr. W. Luiz, assalariada pela corja nefasta dos clericanalhas do Orfanato do Crime.

Os distúrbios foram provocados pela ação violenta da polícia paulista, intervindo a favor dos infames e torpes assassinos e estupradores da menor Idalina Stamato, vítima da bestialidade caprina dos “funâmbulos da cruz” que corvejam no antro do Ipiranga, farejando, com gula felina, a carne virgem de crianças puras.

Se um assomo de brio e de dignidade nos homens de bem é punido com a detenção, qual deve ser o castigo a infligir aos bestiais diretores do Orfanato pelos seus crimes de pederastia e estupro?

Não procuram, os briosos paulistas, destruir a ordem, como propalam os que vivem das babujadas migalhas do farto mealheiro clerical. Não é possível destruir aquilo que não existe. E a moral só pode ser implantada onde reina a desordem e impera a imoralidade.

Onde a moral não tem existência provada não se verifica a ordem.  
57 - D. O. R. **A Defesa**. Órgão do operariado. Bagé – RS. – Ano 01 – Nº 30 – Página 03 – 01.05.1911.

S. Paulo dá-nos este testemunho de alta significação social.

Fosse moralizada a polícia paulista e os fatos não teriam chegado aos excessos verificados.

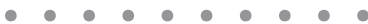
Felizmente, eu antevejo a transformação do caso Idalina numa questão religiosa e [de] não menores efeitos morais em todo o Brasil.

Não devem descansar os espíritos liberais que procuram a solução do caso em S. Paulo. *La Vita, Battaglia* e a *Lanterna*, não devem esmorecer na campanha alevantada em que se empenham, ainda que ela lhes custe as divinizadoras fogueiras da Inquisição. Espíritos emancipados não se atemorizam com consequências de ordem material.

Milhares de bocas saberão abençoar a campanha de expurgo em que se empenham, para felicidade das consciências que eles, os clericanalhas, eivaram de podridão.

# 117

## *Onde está idalina?*<sup>58</sup>



Do nosso brilhante colega *A Evolução* que, como órgão da União dos Livres- Pensadores aparece em S. Luiz, Maranhão, reproduzimos este excelente artigo, cheio de acertadas considerações sobre a jesuitada desta terra:

Debate-se ainda em S. Paulo esta Célebre questão, tenazmente sustentada há já alguns anos pelos nossos denodados correligionários.

Para avivar a memória dos que nos leem, faremos um rápido histórico da tremenda questão.

Pouco depois da proclamação da República, caiu o grande e glorioso Estado de S. Paulo sob o domínio de uns velhos conselheiros da monarquia, muito carolas que, com outros jesuítas de casaca da mesma laia, mas não conselheiros, constituíram uma poderosa oligarquia que, até hoje, ali se mantém espezinhando as constituições da República e do Estado, pela escandalosa proteção oficial dispensada ao catolicismo romano, até no que ele tem de mais baixo e mais grosseiro.

À sombra desta indecorosa proteção oficial, uns bandidos de sotaina, emigrados da Itália, ali fundaram um célebre orfanato “Cristovam Colombo”, sob a chefia de um monstruoso réu de polícia, de nome Faustino Consoni.

Dentre as infelizes recolhidas naquele antro de perdição, desapareceu a jovem de nome Idalina, provavelmente deflorada e assassinada, afim de que não pudesse relatar, cá fora, a “santidade

---

58 - (Não assinado). **A Lanterna**. Folha anticlerical e de combate. São Paulo – SP. – Ano 11 – Nº 143 – Página 04 – 15.06.1912.

beatífica” do Consoni e seus companheiros.

Debalde os pais da jovem procuraram saber do paradeiro de sua filha; os padres iludiram-nos sempre, dizendo que uma senhora, que se dizia mãe da menina, a viera buscar ao asilo e a levava, senhora esta que não sabiam quem era nem que fim tinha levado.

A *Lanterna*, valente órgão de propaganda libertária, iniciou a campanha de agitação do espírito público, afim de ser descoberto o paradeiro da Idalina. Outros jornais, como a *Battaglia* e o *Livre Pensador*, secundaram a *Lanterna*, nesta memorável campanha. A polícia, obedecendo aos acenos do governo clerical do Estado, procurou, secundando o procedimento dos padres do orfanato, criar embaraços ao descobrimento da verdade, desenvolvendo franca perseguição aos denodados jornalistas livres-pensadores. Depois de várias peripécias, foram os padres criminosos à presença do juiz e disseram que Idalina saiu do orfanato em companhia da tal mulher misteriosa...

Não satisfeito com esta defesa (?) do diretor do orfanato-bordel, os nossos amigos daquele Estado continuaram pela imprensa, talvez com mais ardor ainda, a campanha de elucidação do misterioso caso.

Aproveitando-se de um meeting para esse fim, promovido pelos nossos valentes companheiros da imprensa paulista liberal, a polícia, industriada pelos clericais, entendeu de fazer chinfrim, arruaças grossas, do que resultou a morte de um soldado.

Isto foi o suficiente para serem processados, condenados e presos, os promotores do meeting. Supunham, os clericais, que, por esta forma, amedrontariam os nossos amigos e conseguiriam o atabafamento (*sic*) do fato criminoso. Tudo debalde! Maior do que todo o poder da formidável oligarquia carola de S. Paulo, com sua polícia e seus sequazes, é a força de vontade, a tenacidade inquebrantável dos nossos amigos. Mesmo recolhidos à prisão, continuaram a campanha em que

se haviam empenhados, pondo todo o beatério paulista em palpos de aranha, assaz contrariado por não conseguir atabafar o hediondo crime dos hediondos padres. Em último recurso, promoveram, estes asquerosos indivíduos, uma ação nos tribunais paulistas, perante os quais deveria comparecer a mulher que retirou a menina do asilo. Essa mulher, que nunca existiu, não apareceu, e o tribunal do júri decidiu que Idalina não saiu do orfanato. Está a questão neste pé atualmente. Os criminosos padres lá estão tranquilos no asilo-alcouce. O congresso-paulista votou verba para subvencionar este antro de imoralidades!!! Os nossos amigos, porém, não descansam.

## *Sobre a criança operária*

# 118

## *Capital e trabalho*<sup>59</sup>

• • • • •

### A exploração de mulheres e crianças nas fábricas

A greve atual, mais uma vez, vem patentear-nos que a maioria dos operários das fábricas é constituída por mulheres e crianças.

Seria este fato o resultado de magnânima piedade para os seres fracos e sem recursos?

Longe disso. O capital não conhece piedade nem filantropia. É questão de mera economia. Interesse financeiro, nada mais.

A mulher, — filha ou esposa, ou mesmo viúva independente, — é muito mais barata. Custa muito menos. É mais dócil, mais fácil de ser escravizada, menos propensa a clamar, sujeitando-se, como um carneiro, à tosquia dos seus exploradores, sem murmurar. Mais tímida, mais receosa, ela nunca arriscar-se-ia a declarar uma greve.

A criança, ser inconsciente, não entra em linha de conta. Dá-se-lhe 400 ou 500 réis por 12 horas de exaustivo trabalho e... fez-se muito. Se ela só tem 07, 08 ou 09 anos, que importa? Que importa se o Cod. Penal estabeleceu, como limite mínimo para ela, a idade de 12 anos. Não há fiscais nas fábricas.

O comércio, se fechar as suas portas 10 minutos além da hora estabelecida, tem 30\$000 de multa. Isso porque há fiscais. As fábricas, porém, não têm fiscais. São uma espécie de reduto, de praça forte, de feudo, onde o mando do *senhor* é lei.

A criança ainda não sabe ler, não sabe escrever... melhor! Que nunca o aprenda. Assim, quando for homem, não poderá ler o movimento operário, os boletins incendiários, e será, assim, mais dócil, mais servil.

---

59 - R. **A Lanterna**. Folha anticlerical e de combate. São Paulo – SP. – Ano 11 – Nº 141 – Página 03 – 01.06.1912.

Terá crescido “*no temor do Senhor*”.

Conculca-se a lei? Pisa-se, aos pés, a Constituição?

Não; porque as fábricas, as oficinas, as grandes empresas, os potentados, estão fora da alçada da lei. Esta, estabeleceu-se para o operário, o pequenino, o humilde. E aí dele se lhe faltar com as devidas medidas e rapapés! Conhecerá, então, que com ela não se brinca e que ela tem, para os que a infringem, o knut, a chibata, o alfange e a cadeia. Têm, porventura, esses fracos seres o direito de clamar?

Absolutamente não. Como os enfeudados da idade média não tinham esse direito, não o têm os de hoje.

E se um operário, pai de 07 ou 08 filhos, com os 05, 06 ou 07\$000 magros que ganha com suores de sangue, não podendo sustentar a família, vê-se na dura, na triste, na aflitiva contingência de, para poder viver, ter de explorar os próprios filhos, mandando-os, desde tenra idade, para a fábrica, clamar contra a exploração a que eles têm de sujeitar-se, dir-lhes-ão, com um compassivo sorriso de escárnio: — Não foste tu quem nos trouxeste teus filhos? Quem te os pediu? Alguém te obrigou a isso?

E se alegar que não pode sustentar tão grande família com tão magro salário, retrucarão, com um malicioso piscar de olhos: — E quem mandou-te constitui-la assim grande?

E têm razão os que assim dizem. O operário não tem direito de ter família. Corno não tem direito de clamar contra os que lhe bebem o sangue, que o esbofeteiam, o martirizam e o matam, não tem direito de ter esposa e filhos e um lar.

Ele é criatura do seu dono, é instrumento do seu senhor. O seu direito, a sua lei, a sua família e o seu Deus, devem ser o engrandecimento e a prosperidade de seus patrões.

Nada mais deve existir para ele, acima disso. Esposa, filhos, honra e dignidade ficam abaixo da obrigação de acumular tesouros para seu

*senhor.*

Em primeiro lugar está este, e em único. Acima dele, ninguém.

E não caia o operário na tolice de revoltar-se contra tal estado de coisas!... A polícia aí estará para fazer cumprir a lei... também abaixo dos *senhores*, mas acima dele, porque ele, nessas ocasiões, é como uma cidade em estado de sitio, sem regalias, sem direitos, os quais só são dos patrões que, por sua vez, já estão acima dele...

Oh! tu que dormes, desperta! Sacode o jugo que te oprime e sê o que és: sê homem! O dia da redenção não tarda!

(S. Paulo).

# 119

## *Capital e trabalho*<sup>60</sup>

• • • • •

### Instrução dos filhos do proletário

Gozam, em pleno século XX, de instrução, os filhos do proletário?

São eles, de acordo com os modernos preceitos da pedagogia, educados e criados? Recebem, em seus tenros anos, em que a assimilação intelectual é a mais estupenda de todas as fases da vida, as noções de moral e de civismo, conforme ensinam os grandes mestres?

Perguntas verdadeiramente ociosas essas: o filho do proletário segue a condição paterna – desde os tenros anos é jungido à canga do trabalho, afim de auxiliar os pais, que não ganham o necessário para viver, e não lhe sobra tempo para aprender.

Se, por uma tenacidade e força de vontade extraordinárias, consegue mal ler e escrever, é com sacrifícios ingentes, sacrificando as horas do repouso, tão necessário a ele, que tanto se exausta num serviço pesado de longas horas.

Devido ao menoscabo, ao mais soberano desprezo daqueles a quem estão afetos o cumprimento da lei e o zelo pelas causas do povo, é que se veem crianças de 8, 7 e mesmo seis anos, em demanda das fábricas e oficinas, onde são obrigadas a exaurir seus tenros organismos em trabalhos estafantes, numa atmosfera mefítica, onde a tuberculose e outros germens mórbidos minam de preferência e onde as palavras ofensivas, os baixos calões pululam, corrompendo, assim, desde os primórdios, as almas puras desses inocentes.

Pobres crianças, às quais, desse modo, brutal e ferozmente, se corta a infância! Enquanto outras, mais privilegiadas, ou menos infelizes,

60 - R. **A Lanterna**. Folha anticlerical e de combate. São Paulo – SP. – Ano 11 – Nº 142 – Página 02 – 09.06.1912.

correm pelos campos,  
saltam e brincam nos folguedos inocentes de sua idade, elas, as infelizes  
crianças de proletários, logo no início da vida, são obrigadas a trabalhar  
por ela, por essa miserável vida de presidiário, mal paga, mal sustentada  
e mal tratada.

Os nossos governantes, os nossos poderes, veem, de manhã, sob  
um frio que estarrece, passar pelas suas janelas esse bando de inocentes,  
— almas puras, arremessadas à miséria humana, as mãozinhas roxas  
de frio, sem o menor amparo contra o frio que corta, muitas, talvez,  
sem uma xícara de café no estômago, os rostos pálidos e macilentos,  
miseráveis chinelinhas nos pés ou descalças; eles, repetimos, veem-  
nos passar, olham..., e viram, indiferentes, as costas. Que se importam  
eles? Os seus filhos dormem em fofos acolchoados, com criados e aios  
que deles se ocupam, bem vestidos, bem educados, bem tratados... Que  
lhes importam os outros?!

E assim crescem essas desgraçadas crianças, tendo só um objetivo  
— trabalhar; só uma religião — o ódio, ódio de morte àqueles que a isso  
as obrigam; sem outro cultivo moral, sem outra elevação intelectual.

E se amanhã uma dessas crianças, então homem, crescido assim  
no ódio e na raiva e na ignorância, degenerar e, descendo sempre,  
precipitar-se no mais lóbrego dos antros do crime e da execração, a  
sociedade clamará: — que celerado, que bandido, que perverso!

Oh! Cala-te, sociedade; tu, tu és a culpada!...

(S. Paulo).

# 120

## *Capital e trabalho*<sup>61</sup>

• • • • •

### As crianças nas fábricas

Sob o título “As crianças nas fábricas”, o ilustre articulista da *Capital*, brilhante hebdomadário que, há pouco, encetou o seu proveitoso e útil tirocínio nesta cidade, filiando-se ao que, de alguns meses a esta parte, vimos estudando, sob o título que este encima, a par de justas e sensatas ponderações, cometeu, entretanto, algumas graves injustiças em suas apreciações.

Assim, referindo-se ao trabalho dos infantes nas fábricas, diz que nada temos feito nesse sentido.

É um lapso do distinto articulista, porque o nosso Código Penal estabelece perfeitamente uma idade mínima, abaixo da qual nenhuma criança pode ser recebida em fábricas ou oficinas.

A lei temo-la, o que infelizmente não temos é fiscalização. As fábricas e oficinas são, como já o dissemos em artigos anteriores, espécie de redutos ou praças fortes onde o fabricante, qual senhor feudal, manda e desmanda como muito bem lhe apraz, sem que ninguém lhe venha pedir contas do que faz.

Não necessitamos de leis novas, cumpram-se apenas as que já foram, por sábios legisladores, elaboradas, e tudo mudará de feição.

Outra injustiça, e bem dura, comete o inteligente propugnador de uma justa causa, referindo-se a pais exploradores.

Diz ele:

Muitas vezes, crianças, pela quantia insignificante de 500 réis e 1\$000, passam dias inteiros nas oficinas, trabalhando arduamente para levar o produto de seu

---

61 - R. **A Lanterna**. Folha anticlerical e de combate. São Paulo – SP. – Ano 11 – Nº 152 – Página 03 – 17.08.1912.

ganho, e a causa de sua perdição, a pais inconscientes que o gastam, uns, em libações do álcool; outros, por necessidade — *o número destes é menor* — para os próprios recursos da casa. (O grifo é nosso).

É um engano. O que o articulista estabelece como regra geral é, justamente, uma exceção. O operário, em geral, não explora os filhos para, com o produto do trabalho deles, entregar-se a libações alcoólicas. Isto, ao contrário, é uma exceção, porque o operário, quase sempre, quando se alcooliza, fá-lo nas suas horas vagas, em dias feriados ou domingos. E sabe, o ilustre escritor, porque assim procede o desgraçado proletário? É para esquecer as suas mágoas, os seus rudes sofrimentos, porque ele, com os vapores do álcool a lhe anuviarem o cérebro, não pensa, não reflete nos horrores da sua miserável situação.

Se ele, como já o frisamos em outro artigo, ganhando 04, 05, 06 ou 07\$000 (o que é um *grande ordenado!*) trabalha só 24, 25 ou 26 dias por mês, e tem, como é quase geral, 03, 06 ou 07 filhos, com a carestia dos gêneros, com os alugueis medonhos, o que é que pode fazer, para viver, senão explorar os filhos, mandando tenras criancinhas de 06 anos à fábrica?

É ele, porventura o culpado? Não, mil vezes não!

A culpa é dos poderes públicos que não se importam com o operário, porque ele não é considerado como pertencente a espécie humana, ele é uma máquina, um utensílio, cujo único fim é aumentar a renda de *seu senhor*.

R.

(S. Paulo).

---

**Nota da Red.** — Para nós, a regulamentação do trabalho das crianças e das mulheres nas oficinas, assim como todas as questões que dizem respeito ao operariado, só serão tomadas em consideração quando ele, o único interessado, se organizar fortemente em sindicatos de resistência e agir, sem intermediários, com os meios que são próprios a essa classe de organização, reclamando as melhorias que lhe são devidas e fiscalizando diretamente a execução dos compromissos arrancados dos capitalistas.

# 121

## *A exploração da infância*<sup>62</sup>

• • • • • • • • • •

De todos os crimes da sociedade capitalista-burguesa, a exploração infantil sobressai-se com toda a requintada crueldade, como um grito angustioso e indelével que, partindo dessas bocas pequeninas, vai ecoar como som dolorido na alma adulta e de sentimento elevado, daqueles que almejam a extinção de um tal regime de compressão e de tirania. Causa dó, e revolta ao mesmo tempo, ver-se adolescentes, criancinhas, ainda no desabrochar da vida, serem submetidas a trabalhos longos, exaustivos, a serões penosos, em cujas fábricas se contamina o ar, impregnado de miasmas, sem o menor sentimento de humanidade, sem o menor assomo de compaixão, por uma plêiade de capitalistas gananciosos que nada temem, desde que se acham protegidos por leis que os magnatas do governo, e os “conservantistas” da jurisprudência, julgaram “justas” e de “direito”. Existisse um regime de equidade e de justiça e estariam, os indivíduos que se locupletam com a exploração ignóbil da infância, purgando na cadeia os seus crimes como merecido castigo. E tanto sentimento cristão; tanto altruísmo; tanto filantropo, quando só existe misantropia por parte dos nossos dirigentes. A prova disso tivemos-la quando o ilustre deputado, Maurício de Lacerda, movido por um refletido sentimento de humanidade, vendo o tremendo flagelo da crise que obrigava o povo a vir à rua, elaborando o seu importante projeto sobre esta questão. Mas, o que aconteceu? Que os magnatas esbanjadores da fortuna pública, vendo que se tratava de beneficiar e de atenuar os sofrimentos dos explorados dos seus comparsas e apaniguados, negaram, na sua maioria, a aprovação de tal

---

62 - MAXIMALISTA. **A Liberdade**. Rio de Janeiro – RJ – Ano 02 – Nº 18 – Página 01 – junho de 1918.

projeto, chegando até a deixar de comparecer nas câmaras. Entretanto, as infelizes vítimas continuam sendo exploradas despidoradamente pelos capitalistas sem entranhas.

Ainda há poucos dias encontrei uma criancinha de 09 para 10 anos, franzina, quase raquítica, era um garotito (*sic*) um tanto vivo e inteligente. Interroguei-o. Estava chovendo:

– Onde vens? (eram 07 horas da noite).

– Do trabalho!

– Mas tu já trabalhas?

– Ora, que tempo há que eu trabalho!

– E onde trabalhas?

– Trabalho na Fábrica de Vidros, em S. Cristóvão.

– E onde moras?

– Moro na rua Curusú.

– Tens pai e mãe?

– Tenho, sim, senhor.

– Mas, então, teus pais mandam-te assim tão criança para uma fábrica, já a trabalhar? Isso é um crime!

– Que o Sr. quer... – respondeu ela. Meus pais precisam muito, e como somos muitos irmãos... O papai também trabalha lá.

– Mas diz a teus pais que não te devem mandar assim tão pequeno para uma fábrica, entregue à ganância de industriais sem entranhas, exposto a ser imolado, martirizado pelo trabalho, excessivo às tuas minúsculas forças. (Por prudência não lhe aconselhei que dissesse a seus pais que era preferível roubar...)

– Pois, se o Sr. soubesse... Já trabalhei numa fábrica que entrávamos às 04 horas da manhã e fazíamos serão até 12 horas da noite...

Um frêmito de revolta se apoderou de mim ao ouvir daquela criança, ainda no começo da existência, uma tal narrativa!

Foi quando me acudiu à lembrança aquela expressão de Victor Hugo:

– o sofrimento humano começa em todas as idades

– As mais das vezes, que fazíamos serão e saíamos muito tarde da fábrica, ia para casa como morto, com o corpo “moído” e me doendo muito... Depois, papai, vendo que já era demais, tirou-me de lá e empregou-me nesta fábrica onde estou agora.

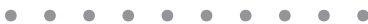
Neste serviço permanecemos das 06 às 18 horas, e o serão não é tão longo: só pode chegar até 20 às 21 horas...

– Não é tão longo – disse eu para mim... Sabes ler e escrever?

– Não, senhor. Eu bem que desejava aprender, mas, não tenho tempo...

Como se vê, é profundamente revoltante e monstruoso a narrativa fiel desta criança, e como esta, milhares que são criminosamente martirizadas nos ergástulos da odiosa burguesia. A alma e o coração humano se abismam e se sentem comovidos, diante de exploração tão ignóbil de tenros entes, para cuja inocência de alma e pureza de sentimentos nos deveríamos inclinar respeitosamente, tributando-lhes os mais mezinhos cuidados físico-educativos, preparando-os para o futuro da humanidade. Que dizem a isto os Srs. legisladores, que tanto esquadriham o direito político burguês...?

Feçam os olhos a estas misérias e deixam rodar os seus automóveis de luxo, confundindo-se na legião cristã dos parasitas...

*A exploração da infância*<sup>63</sup>

O meu artigo precedente sobre este assunto é bem o reflexo da torpe exploração que pesa sobre a criança, nas fábricas e nos demais trabalhos onde a ganância descomedida dos capitalistas, conscientes de toda essa exploração, exaure, da infância adolescente, as energias com que vão locupletar-se nababescamente. É esse, com efeito, o curso moral seguido pela presente sociedade. Há certos atos que a sociedade moderna, com a sua falsa moral e com as suas leis, condena implacavelmente.

Podem-se citar os casos em que o indivíduo, acochado pela necessidade e até pelo hábito contumaz, causado pelo meio em que vive, rouba um pão, um queijo ou dinheiro mesmo, para se prover contra o negro futuro que a toda a hora se lhe oferece tímido e cheio de incertezas. Estes atos constituem crime de roubo, com o agravante de violação da propriedade privada. Vem, então, a falsa moral sintetizada pelo clamor público anatematizar com gritos inconscientes aquilo que a própria sociedade gera com os seus consequentes defeitos de organização.

Sem embargo, aquilo que constitui um verdadeiro crime de lesa humanidade, como é a torpe e brutal exploração de tenros entes, impotentes nas suas forças para resistir ao trabalho exaustivo e penoso, não implica o menor delito perante o conjunto de leis e de cursos humanitários. A todas essas misérias humanas, são apenas contrapostos os institutos inúteis de caridade, onde os ricos julgam achar o remédio

---

63 - MAXIMALISTA. **A Liberdade**. Rio de Janeiro – RJ – Ano 02 – Nº 20 – Página 02 – primeira quinzena do mês de julho de 1918.

de todos esses males, bem como as festas filantrópicas organizadas pelas damas da alta “coqueterié”, a benefício da infância necessitada.

Tudo isso são paliativos que nos deixam a nós, os anarquistas, os únicos que sentimos com o coração e pensamos com a consciência, cheios de revolta e de comiseração pelas pequeninas vítimas que sofrem na sua tenra idade os horrores de um tal regime. Mas, por que tal monstruosidade social, cujo regime obriga a criança, ainda na sua impecável inocência a sofrer, a ser martirizada pelo labirinto do trabalho?

Esta causa só os anarquistas a sabemos apontar: – a má organização social, baseada na propriedade privada e no privilégio, que permite só à meia dúzia o conhecimento do saber e dos gozos a que toda a humanidade tem direito.

Eis o motivo.

## *Sobre Genny Gleizer*

# 123

## *Genny Gleizer*<sup>64</sup>



Não conhecemos Genny Gleizer, em torno de cujo desaparecimento, desde a sua prisão, quando pretendia tomar parte numa reunião partidária, os jornais têm feito várias referências.

Sabemos, apenas, que é uma menina que tem 17 anos e que o fato mesmo de ser presa nas condições em que ela o foi, e os jornais noticiaram, demonstra que é uma jovem inteligente, insubmissa, rebelde.

Não nos interessa, neste caso, as ideias que defende ou até que ponto Genny Gleizer defende os seus princípios, e que teriam fornecido às autoridades os motivos da sua deportação, depois do sequestro durante quase um mês, com desumano desprezo pela aflição de um pai que, louco de dor, a tem buscado em vão, batendo a todas as portas, conforme se pode ler nos jornais dos últimos dias.

É preciso que se tenha descido muito, no conceito da dignidade humana, que o sr. Vicente Ráo e o sr. Getúlio Vargas se hajam desprendido dos mais mezinhos sentimentos de honra e vergonha, para, atendendo a um pedido tão absurdo quão desumano do delegado da Ordem Social, não sentirem o horror da injustiça que praticam, assinando um decreto de expulsão contra uma menina de 17 anos, que cometeu o feio crime de querer assistir a uma reunião onde se iam discutir problemas político-sociais.

Não encontramos termos com que se possa qualificar o ato estupidamente desumano da justiça cega, não com a cegueira simbólica, mas cega pela mesquinhez dos interesses que defende, como protetora do regime capitalista, arrancando ao seio de sua família, ao convívio

64- (Não assinado). **A Plebe**. São Paulo – SP. – Ano 03 – Nº 96 – Página 01 – 31.08.1935.

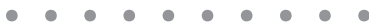
de seus pais e irmãos, uma jovem que apenas atingiu à puberdade, uma criança.

Em nome de que moral, de que justiça, de que sociedade se pode atirar uma criança de 17 anos, contra a sua vontade, para fora de um país que, nascida ou não dentro de suas fronteiras, goza, entretanto, de um direito, o direito de viver?

Em nome de que sentimentos se pode arrancar ao seio da família uma criatura que apenas entra no começo da sua vida de mulher?

Imagine-se a menina Genny Gleizer, com 17 anos, modesta operária, a constituir um perigo para o governo do sr. Getúlio Vargas! Isso é tudo quanto há de mais ridículo, grosseiro e vergonhoso. É um ato que nem merece o desprezo dos homens que se prezam de o ser.

E é com nojo, porque não chega a ser desprezo, que protestamos contra essa ignominiosa, estúpida e desumana deportação de Genny Gleizer.

*Uma inominável arbitrariedade*<sup>65</sup>

**Perseguição infame a uma jovem de 17 anos**

**Genny Gleizer**

O caso Genny Gleizer, a menina que as autoridades policiais fizeram desaparecer há mais de um mês, e que só agora, ante o clamor da imprensa, que não poderia calar, tamanha aberração policial, apareceu na Cadeia Pública, constitui uma dessas monstruosidades de que só um aparelho compressor, como a polícia a serviço dos regimes mais hediondos da tirania clérico-fascista seria capaz.

Realmente, fica-se a pensar se haverá juízes que permitam que um organismo policial, mesmo que sobre esse organismo pese a influência partidária do mais férreo partido político, cometa a infâmia de arrancar ao seio da família, uma menina de 17 anos, sonogando-a à justiça, privando-a da liberdade para sequestra-la, esconde-la, não respeitando nem mesmo a dolorosa angústia de um pai que, para havê-la, para saber onde estava, assumiria a inteira responsabilidade dos atos dessa mocinha de 17 anos que era sua filha.

E, afinal, qual era o seu crime? Simplesmente esta coisa ridícula: Genny Gleizer foi presa quando pretendia tomar parte numa reunião preparatória de um congresso da juventude.

Presa como extremista, sob o pretexto de que punha em perigo o regime social vigente.

Frágil sociedade essa, que teme as atividades de uma menina de 17 anos!

Mas a monstruosidade é maior quando se pensa que, escudada como está, atualmente, pela famosa Lei de Segurança Nacional, parto

---

65 - (Não assinado). **A Lanterna**. São Paulo – SP. – Ano 13 – Nº 400 – Página 02 – 07.09.1935.

infeliz de uma tristíssima montanha de inutilidades parasitárias, não teria a polícia necessidade de esconder a menina Genny Gleizer, pois a famosa lei, pelos menos assim a justificaram os seus defensores, lhe forneceria os elementos legais para salvar a sociedade e o regime, ameaçados por essa menina ainda púbere, essa criança de 17 anos...

Mas o sequestro, a sonegação, a violação das leis, dessas leis coxas que os parlamentos fazem e aprovam para justificarem, de algum modo, a sua existência, são velhos hábitos da polícia.

Haja vista o caso dos operários Natalino Rodrigues, João Peres e Antônio Araújo, e de muitos outros que a polícia prendeu, mentindo, depois aos juízes, quando a justiça, essa justiça para salvar aparências, filha dos interesses mais abomináveis, procurava pedir contas dos seus atos de estupidez e tirania.

E o caso de Genny Gleizer aberrava de todos os princípios de justiça e de humanidade.

Colocados como estamos na defesa das liberdades públicas, batendo-nos pela livre manifestação do pensamento, lavramos o nosso protesto contra esse ignominioso atentado à soberania da dignidade humana.

# 125

## o caso Genny Gleizer<sup>66</sup>

Essa mocinha de 17 anos continua suportando os horrores da prisão

Premidas pela opinião pública, que começa a agitar-se entorno do caso da menor Genny Gleizer, presa e mantida em custódia há mais de dois meses, acusada de extremista, as autoridades policiais vieram, finalmente, a público para dizer esta coisa assombrosa:

– Genny Gleizer veio especialmente para o Brasil para organizar aqui um congresso da juventude comunista; que, por ser mulher, MOÇA e BONITA, conseguiu uma certa simpatia e disso tirava proveito para a propaganda extremista, aguardando agora que se ultime o processo de expulsão para deixar o país.

Isso saiu da boca do sr. Secretário da Justiça, e está publicado nos jornais de 12 do corrente.

É dessa forma, dessa estúpida forma que se atende, nesta terra tradicionalmente liberal, depois da República Nova, aos reclamos da opinião pública e aos anseios de justiça de um povo que fez uma revolução em nome da liberdade.

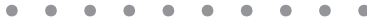
Genny Gleizer, por ser *moça e bonita*, conseguiu impor-se e conquistar simpatias para o credo comunista!

Isso é tudo quanto há de mais hediondo como justificação de uma injustiça. Além da violência cometida contra essa mocinha de 17 anos, privando-a de liberdade, o sr. Secretário da Justiça, depois de ter abusado da dor profunda de um pai que assumiu publicamente a responsabilidade dos atos de sua filha, escondendo-a, podendo não o fazer, pois a famosa Lei de Segurança foi feita, segundo diziam, para

66- (Não assinado). **A Plebe**. São Paulo – SP. – Ano 03 – N° 97 – Página 04 – 14.09.1935.

legalizar essas violências que se vinham praticando fora da lei, lança sobre a reputação dessa mocinha uma insinuação maliciosa. E isso como resposta ao clamor da imprensa, como satisfação à opinião pública de São Paulo e de todos os cantos do Brasil, onde a imprensa vem agitando a questão.

Já é ter muita confiança na paciência do povo e no carneirismo dos seus soldados e policiais!...

*O caso da jovem Genny Gleizer*<sup>67</sup>

Sempre que a polícia de S. Paulo foi obrigada a sair a público para explicar as razões de seu já incalculável número de abusos e violências, não tem feito outra coisa, senão, depor contra si mesma, de uma maneira flagrante e que não deixa lugar para dúvidas.

No caso da “perigosíssima” menina Genny Gleizer, é o secretário de Segurança, sr. Leite de Barros, quem nos oferece o atestado do que acabamos de dizer.

Se essa inteligente jovem tivesse realmente praticado algum crime político, como explica, o secretário de Segurança, a tremenda odisseia que ela vem sofrendo, arrastada de cadeia em cadeia, de calabouço em calabouço, de cidade em cidade, obrigada a suportar todos os horrores da sanha policial? A opinião pública de S. Paulo, e do Brasil todo, está convencida de que, quando a polícia assim age, a razão está, decidida e indubitavelmente, do outro lado, isto é, do lado do preso, da vítima. Antes de reduzir a cinzas as declarações públicas feitas pelo sr. Leite de Barros, não podemos deixar de dizer o seguinte: como é possível um homem que esquentou os bancos das universidades, e que deve conhecer regularmente a missão natural e fisiológica dos órgãos femininos, a sua contextura morfológica, extremamente sensível às impurezas da umidade endêmica dos calabouços, privar uma jovem, pelo longo espaço de dois meses, dos indispensáveis meios de higiene e preservação, meios esses dos quais uma mulher dificilmente poderá abrir mão?

Para quem conhece os cubículos policiais, é fácil fazer uma ideia

---

67 - CATALO, Pedro. **A Plebe**. Nova fase. São Paulo – SP. – Ano 03 – Nº 98 – Página 01 – 28.09.1935.

do estado de “limpeza” em que se deverá encontrar essa mocinha.

Jorge Nicolai, estudando o cérebro humano, diz que o homem da caverna, pela sua capacidade cerebral, poderia perfeitamente assimilar os conhecimentos alcançados na época contemporânea. Assim também, o cérebro do homem moderno, se contemporizaria, sem relutância alguma, à época das cavernas. Inferimos daí que o procedimento dos homens de polícia, infligindo aos seus semelhantes revoltantes torturas, com processos bárbaros, corroboram brilhantemente os conceitos formulados pelo eminente sábio alemão. O sr. Leite de Barros, em suas declarações, entre outras coisas de nenhuma importância, diz o seguinte: “ou são atendidos os clamores sentimentalistas de muitos, ou se livra a sociedade de um elemento que lhe é nocivo.”

“Os clamores sentimentalistas de muitos” é, neste caso, a opinião pública que ainda não perdeu a virtude de pesar na balança da justiça popular, e fazê-la pender para o lado da razão humana, que passa por cima de todos os interesses e conveniências que a classe burguesa defende em benefício próprio. O regime capitalista tudo corrompe, e procura envenenar a pulcritude que possui o sentimento humano, fazendo do sentimentalismo uma coisa vulgar, que pode ser trazida no bolso de quem quer que seja, para fins especulativos. Se o sentimentalismo fosse essa coisa corriqueira que por aí se pretende, e não o conjunto, embora contaminado pela podridão do regime burguês, de qualidades superiores, inerentes aos corações bem formados, porque não se manifesta ele alguma vez favorável à polícia? A dedução é simples: a razão da força não é razão, é, simplesmente, força. O secretário de Segurança, em sua entrevista aos jornais, ainda disse:

Nos documentos a que me referi, estava até o seu plano de ação, qual fosse o de infiltrar-se nos meios trabalhistas e estudantinos (*sic*) para levar avante a Revolução Social. Esta deveria ser feita à noite. Seriam cortadas as ligações telefônicas e telegráficas, interrompidos os meios de

comunicação e, com a cidade às escuras, pois seriam cortadas as ligações de luz, dar-se-ia o assalto à polícia, aos quartéis, repartições públicas, etc.  
Mas os seus planos falharam com a sua prisão, etc., etc.

É este, a nosso ver, o ponto capital onde se pretende ilaquear a jovem vítima, querendo fazer-nos crer que Genny Gleizer trouxera, de Moscou, dentro de sua bolsa de “toilette”, uma revolução social feita de encomenda para o Brasil.

Por muito esforço que façamos, não distinguimos nenhum viso de verdade nas declarações em questão. Em primeiro lugar, porque nenhum revolucionário sofreu a loucura de marcar a hora para a revolução social e, a seguir, porque a revolução não pode ser feita por obra da Internacional de Moscou, em virtude de que os comunistas almejam a conquista do poder, e não a transformação da sociedade, e, também, porque se a revolução social estivesse por tão pouco, como o sr. Leite de Barros diz e pensa, não seria a prisão de uma simples mocinha que a faria abortar e, por último, porque Genny Gleizer, pela sua idade, não possui experiência revolucionária suficiente para que lhe fossem confiados planos de tal monta, por qualquer facção revolucionária, por mais ingênua que fosse. Está visto que é mais uma farsa policial, representada o mais grosseiramente possível, para gáudio dos ventrudos burgueses, que pensam que, fazendo mais uma vítima, estará solucionada a questão. Puro engano. Os clamores de revolta, e os anseios de justiça, surgem do ventre das fábricas e oficinas, onde se praticam os maiores desatinos contra os indefesos e desamparados trabalhadores. É do fundo dessas senzalas modernas que há de irromper o tufão revolucionário, que porá cobro aos desmandos policiais, e estabelecerá normas de vida condizentes com os imperativos modernos e com as necessidades dos produtores.

O martirólogo de Genny Gleizer é mais um crime que o tribunal popular saberá julgar, no ajuste de contas final.

# 127

## *Solidariedade a Genny Gleizer*<sup>68</sup>



O caso Genny Gleizer, a jovem vítima da sanha policial que, com 17 anos apenas, aguarda, na cadeia pública, o momento de ser expulsa do país, pois o reacionarismo clerical-fascista conseguiu induzir a justiça a praticar essa infâmia, veio demonstrar as reservas de altivez e dignidade moral de que o povo brasileiro é possuído.

Um dos mais belos movimentos de solidariedade se vem manifestando em favor dessa mocinha que as autoridades policiais apresentam, ridicularmente, capaz de pôr em perigo a ordem pública e o próprio regime, um e outro defendidos pelos fuzis de milhares de soldados, pelos canhões e metralhadoras das forças armadas, pela marinha de guerra, pela aviação, pela estrutura, enfim, do Estado burguês, muito cioso e acautelador de seus interesses.

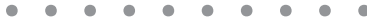
Pois bem, o motivo da expulsão de Genny Gleizer, segundo as autoridades, inclusive o sr. Secretário da Segurança Pública, é que essa mocinha de 17 anos, simples operária, põe em perigo o regime e a sociedade...

Frágil sociedade essa que a simples vontade de Genny Gleizer poderia fazer ruir!

É tal a infâmia dessa manobra policial, tamanha injustiça se pretende praticar com a expulsão de Genny Gleizer, que a opinião pública em geral, manifestada em todas as classes, faz sentir sua repulsa contra esse atentado à liberdade.

A mulher brasileira não tem negado o seu aplauso à campanha pró liberdade de Genny Gleizer, e só a dureza de corações empedernidos pelo princípio de autoridade e a estultice de ferrenhos defensores 68 - (Não assinado). **A Lanterna**. São Paulo – SP. – Ano 13 – Nº 401 – Página 01 – 05.10.1935.

da podridão burguesa, a serviço dos interesses inconfessáveis do capitalismo, não ouvem o clamor que se levanta, por toda a parte, em defesa dessa mocinha que, tão nova, sente o peso da engrenagem social que não respeita sentimentos, que não respeita vidas, que não respeita senão o ouro ao qual se curvam políticos e padres, governantes e juízes, polícias e carrascos.

*Afinal, quem são os extremistas?*<sup>69</sup>

No cimo de seus púlpitos romaníssimos e católicos, a fradezia, sob as ordens de Roma e do capitalismo internacional que o Vaticano defende e que nos asfixia, exibindo os bandulhos fartos e as rubicundas bochechas de cachaços clericais, não se cansa de lastimar o rumo “tremendo” que “as coisas”, dentro do regime de putrefação e banditismo a que se aferram de garras e dentes, vão tomando e, afim de evitar que as caríssimas ovelhas venham a despertar do sono de inocência a que até hoje se entregaram, mandando às urtigas as bodegas eclesiásticas e fugindo à tosquia habitual da igreja, uma bicha nessa arte de esfolar os bobos, desmancha-se por toda parte e, quanto pode, em exortações patéticas ante as mesmas, investindo contra o que se chama “perigo extremista”, e aconselhando os crédulos e ingênuos a só aceitarem “aquilo” que a madre igreja lhes impinge como certo e indiscutível. O “perigo extremista” é, sobretudo, o tema favorito da caterva fúnebre.

No entretanto, que vem a ser esse “extremismo” que tanto apavora os leopardos da Santa Sé e tão grande pavor infunde às camarilhas dominantes em geral, a ponto de nem mesmo se poupar a liberdade de uma desventurada criatura, como é a infeliz Genny? Que vem a ser, em suma, esse espantalho extremista?

Amável leitor, se quiserdes saber por que razão o farsante clerical e seus cúmplices do grande mundo tanto temem, o que eles velhacamente denominam o “perigo extremista”, se desejais

---

69 - LEÃO, Xisto. *A Lanterna*. São Paulo – SP. – Ano 13 – Nº 401 – Página 04 – 05.10.1935.

certificar-vos de quanto é sórdido e mesquinho o regime em que vivemos e que enche de cuidados a seus atuais dirigentes, ide a uma das nossas colônias do interior, ou então achegai-vos a um dos nossos bairros pobres, lá, onde tudo é abandono e penúria.

É ali, nessas horrendas moradas, onde a miséria caminha lada a lado, com todas as enfermidades e desditas oriundas da fome, que deveis ir buscar o verdadeiro sentido do medaço enorme que se apodera dos nossos carrascos de batina, ou sem ela, quando se lhes fala em “extremismo”.

É que, para essa muita malta sujíssima de exploradores e vadios das camadas oficiais e elegantes, extremismo significa lutar pela salvação imediata de tantos desventurados, livrando-os da desgraça que os aflige e sufoca escandalosamente, embora sejam eles o braço que tudo constrói e edifica, e enquanto cardeais luxuriosos e magnatas sibaritas podem dar-se ao luxo criminoso de viver à tripa fora, sem trabalho algum, apenas sugando, comodamente protegidos por catecismos e canhões, o produto do labor alheio.

Ora, para esta súcia de aproveitadores descarados, padres e aristocratas, o atual regime, que lhes garante uma existência de vadiagem e tapeação em meio à fartura e à riqueza, à custa do sacrifício do povo, é o melhor de todos e daí a antipatia feroz que esses verdugos e salteadores, disfarçados sob todas as formas e aspectos, votam a tudo quanto cheire libertação dos que sofrem, porque a redenção destes mártires do ouro papalino e capitalista, representaria o fim do injusto e indigno regime de exploração do homem pelo homem, portanto, o fim da mamata gostosa, defendida pela reação.

Assim sendo, toda ideia, todo ato que implique a intenção de melhorar a sorte dos pobres é, para o clero, bem como para todos os ricos que o sustentam, movimento extremista, que atenta contra

as instituições e que precisa, como tal, ser repudiado pelo rebanho católico, e varrido, a fogo de metralha, pelos bandos mercenários da opulência.

Compreende-se. Sem a miséria de tantos desgraçados, não haveria padres. E sem padres, como se manteriam no poder os que nos exploram e oprimem, iludindo os tolos com as perspectivas de um paraíso que somente será dado a quem aguentar tudo bem quietinho, bem mansinho, para que os tiranos não sejam importunados na sua ociosidade e nos seus prazeres cá da terra?

É, pois, nesta miséria que reside a garantia suprema de que a igreja de mentiras varará os séculos até a eternidade, livre de surpresas desagradáveis por parte dos que tudo escoram, calados, pois nada existe, em verdade, que mais torne cegos e estúpidos os seres do que a inanição de estômagos permanentemente vazios e famintos.

Nem se diga que o rico se alimenta bem e nem por isso é menos crente que o pobre. O magnata sabe, perfeitamente, porque vai à igreja. É necessário demonstrar aos parvos que os graudaços também amam a Deus, que Deus existe mesmo e que os deserdados da fortuna (a pobreza em geral) lhe devem obediência, e não só a esse Deus, como também a seus ministros jesuítas, vejamos só, a esta horda de agentes policiais do capitalismo internacional.

A prova disso temo-la cabal, irrespondível, nos próprios fatos cotidianos. Desde quanto tempo o colono, o operário, o escriturário, obrigados a manterem-se com remuneração muito aquém da razoável, arrostando uma vida de privações e necessidades sempre mais duras? Pois bem. De que lhes tem valido, hoje, a atuação da madre católica como semeadora, que diz ser, dos seus princípios de justiça e de bondade? De nada, está claro. E, contudo, em que isso desagrada a muito carola inveterado, fazendeiros, industriais,

condes, barões, príncipes, exploradores de todos os tipos e feitios, não se fartam, jamais, de missas de sétimo dia e de se verem às voltas com os incensos e os sermões clericais. É que tudo não passa de vilíssima comédia, urdida apenas para o efeito de confundir e reduzir ao silêncio os papalvos.

Eis aí porque lutar pela extinção da miséria é praticar “extremismo.” A miséria dos pobres, para o clero, é o mesmo que a carniça putrefata para os corvos: o seu alimento.

Mas extremista indesejável não é, tão somente, combater alguém contra a fome que dizima os povos: “Extremismo” é, ainda, opor-se, quem quer que seja, a essas mortandades medonhas que, de quando em quando, abalam terrivelmente o mundo e são fomentadas com o interesse de lucro, não só pelo industrialismo dos países capitalistas, como pelo próprio clero que, fingindo-se eternamente contra as guerras, não resiste, contudo, jamais, à tentação de lançar suas bênçãos evangélicas, e apostólicas, sobre os mais formidáveis e possantes engenhos de destruição e de morte.

Por que constitui ação extremista o pretender acabar com essas cenas de ódio e de selvageria entre os povos? Simplesmente por isto: porque, como a miséria que angustia os lares em todas as nações, favorecendo a superstição e a ignorância religiosa, as guerras e as revoluções, todas as grandes matanças humanas também facilitam a obra de embrutecimento espiritual da clericanalha. Não digamos nunca, sob perigo de errar, que a espelunca romana, e papalina, é pela paz mundial.

Ainda não faz muitos dias o mundo contemplou, estarecido, embasbacado, duas atitudes bastante contraditórias do chamado “infalível” de Roma, o qual, tendo antes criticado acerbamente as guerras de conquista, dias depois, talvez generosamente pago para desdizer-se, volta atrás do que afirmara e, com aquele cinismo alvar

tão característico dos papas, declara abertamente, ridicularmente, que Deus, o tal Deus católico já se vê, com que o papado há tantos séculos engambela os broncos deste mundo, apoia as guerras de saque, as guerras de conquista.

É incrível isso, tanto mais que se sabe quantas lágrimas amarguradas custam as guerras às pobres mães, que nela perdem os seus únicos arrimos, para acabar, finalmente, mendigando à porta dos templos, e sendo enxotadas, como não é raro de ver-se, pelos reverendíssimos senhores. É inacreditável que uma estultice desse tamanho possa sair de uns lábios que se dizem santos e infalíveis! Mas foi o que se viu e o que todos os jornais do mundo registraram.

Porém, nem assim os adeptos do romanismo abrirão os olhos. Pode a clerezia executar o que entender, abalançar-se às maiores e mais revoltantes torpezas, nada, coisa nenhuma deitará um pouco de luz no cérebro desses infelizes. Porque esta gente não tem cabeça, mas um bloco de granito sobre os ombros. Resultado do catecismo em que a padralhada arde por afogar o Brasil no futuro.

*Em defesa de Genny Gleizer!*<sup>70</sup>

**Um memorial de protesto da federação regional anarquista de S. Paulo**

*A Federação Regional Anarquista de São Paulo*, órgão representativo das agrupações anarquistas que, em São Paulo, lutam em prol dum grande ideal de solidariedade humana, não pode calar o seu protesto veemente contra o ato iníquo das autoridades do Estado, que mantêm, há mais de três meses, verdadeiramente sequestrada, uma jovem de 17 anos, sob pretextos que seriam verdadeiramente ridículos, se não fossem as trágicas consequências que se refletirão sobre uma vida humana. É norma, geralmente seguida por todos os anarquistas, prestar solidariedade a todas as vítimas do bárbaro regime autoritário que vigora entre nós, e não seria agora, quando se trata de salvaguardar a liberdade de uma mocinha, sob todos os pontos de vista inculpada, que poderíamos silenciar, muito embora a distância que a separa da tendência ideológica do nosso movimento. Em muitas ocasiões, a polícia paulista tem dado mostras do seu caráter violentamente reacionário, dos seus instintos francamente patológicos e da sua truculência na perseguição a todos os elementos que ousam pensar e agir em prol duma sociedade em que estes crimes não sejam possíveis e a sua existência não seja justificada.

No caso presente, porém, a estupidez do pretexto, a persistência nos seus criminosos intentos, as peripécias rocambolescas com que a polícia pretende justificar o seu crime flagrante, estão a pedir, de todos os homens de consciência, uma atitude enérgica e decisiva. Nem sequer se pretende encobrir mais as aparências com que as autoridades sempre

---

70 - O SECRETÁRIO. **A Plebe**. Nova fase. São Paulo - SP. - Ano 03 - Nº 99 - Página 02 - 12.10.1935.

procuram ludibriar a opinião pública.

Hoje, a polícia põe seu jogo a descoberto, como se não temesse as consequências dos seus atos, tão certa ela está da impunidade. A própria constituição, com que a burguesia sempre engodou os incautos, as mentalidades infantis que, no século presente ainda acreditam em sacis pererês e assombrações, nem esse farrapo de papel em que estão legalizados os crimes mais atrozes e as tolices mais deslavadas, nem sequer isso a polícia respeita mais, numa flagrante manifestação das suas aspirações fascistas.

Ela sente-se perfeitamente à vontade, na certeza do seu poder dominador, para prender, deportar, seviciar, estuprar e até massacrar as suas vítimas, sob o mais risível pretexto, ou sem pretexto algum. Genny Gleizer vive a sua hora amarga, que muitos já viveram e outros viverão ainda, sob a tutela duma polícia capaz das piores torpezas para fazer prevalecer a sua sede de domínio. E, não nos enganamos, das suas garras só poderá arranca-la a firme decisão de luta de todos os homens livres; de todos aqueles que, na atuação revolucionária de Genny, não veem um crime, mas um gesto altamente humano, heroico e acolhedor.

À Genny Gleizer, pois, enviamos os protestos de nossa solidariedade na hora amarga da sua reclusão, e tudo faremos para liberta-la das garras dos seus verdugos.

# 130

## *Reação e romanticismo*<sup>71</sup>



### o casamento de Genny Gleizer

Na história triste de Genny Gleizer, a desventurada mocinha que a polícia paulista expulsou do país como “elemento perigoso à ordem social”, afrontando, com esse ato reacionário, a opinião pública, foi escrito um capítulo que não sabemos ainda se será o epílogo romântico da odisseia dos noventa dias de seu encarceramento, ou se constituirá apenas um motivo sentimental, algumas páginas de lirismo no texto já longo e doloroso da história desse jovem idealista, que a polícia, na sua eterna estupidez, tornou célebre pelos sofrimento moral e físico a que a submeteu, nas enxovias e calabouços da capital.

O sensacional e romântico deste novo episódio é que Genny Gleizer casou-se no dia 18 do corrente, por procuração, com o jovem Artur Piccinini, redator de “A Plateia”. Esse casamento constitui um fato inédito entre nós, principalmente se considerarmos que agora, com o casamento, Genny Gleizer teria o direito, por lei, de gozar as regalias de cidadania brasileira, dificultando, por isso mesmo, a ação reacionária das autoridades que teimam em completar a infâmia do decreto de expulsão que pesa sobre Genny.

Mas esta mocinha expia o *grande crime* de sonhar com uma vida mais livre, onde haja justiça e predomine o sentimento de fraternidade, está a caminho da sua terra de origem, metida no fundo negro de um porão de navio. Sozinha, sem afetos, sem o carinho de pessoas queridas, ela segue, aos 17 anos de idade, o destino que a polícia de S. Paulo achou por bem lhe dar.

---

71 - (Não assinado). **A Plebe**. Nova fase. São Paulo – SP. – Ano 03 – Nº 100 – Página 04 – 26.10.1935.

O coração dos juízes de menores não se abalou com essa monstruosa cretinice. Ao apelo das mães, das noivas, das esposas e filhas brasileiras, que manifestaram a sua solidariedade à jovem rumaica, os juízes fizeram ouvidos de mercador.

Calcule-se, agora, o desapontamento dos seus algozes se, de acordo com a lei, por efeito do seu casamento, ela voltasse, cortando, assim, os desígnios da sanha policial.

Nós descremos, porém, da integridade dos juízes; descremos da lei, descremos de tudo quanto parta do Estado, no sentido de ferir os interesses do capitalismo.

Genny Gleizer é agora casada com um cidadão brasileiro. O seu casamento, efetivamente, equivale a uma nesga de luz na escuridão da tragédia íntima desse drama social. Genny devia voltar porque a lei lhe garante esse direito. Mas as leis são feitas por todos aqueles que têm interesse na expulsão de Genny Gleizer. Essa moça não é nenhuma criminosa. Mas ela representa o povo oprimido, é uma parte da luta tremenda que a liberdade vem sustentando desde há séculos com a tirania. Genny Gleizer é um símbolo. E esse símbolo é um tormento para os tiranos, para os governos, para os capitalistas. É um símbolo de rebelião contra todos os crimes da burguesia.

E a burguesia pisará, como sempre, a lei, e não permitirá que Genny escape das suas garras onde se estraçalham os mais nobres sentimentos e as mais belas virtudes humana.

*Recordações de Liberto Lemos Reis*  
(1922 – 2000)

# 131

## *Meu Caderno de Criança*<sup>72</sup>



### Carta a um menino mau

Meu amigo:

Vai para sete anos que nos conhecemos. Embora sejamos vizinhos, mando-te estas linhas para te dizer algumas palavras sobre um assunto que sinto vergonha de tratar diante dos outros meninos da nossa roda.

Já somos, ambos, diplomados do curso primário. Você tem doze anos; leu muitos trechos sobre os animais e sabe que eles são, como nós, de carne e osso. Nós também somos animais.

Entretanto, eu vi, por diversas vezes, você apedrejar cães e gatos; também tenho visto aqueles passarinhos que você tem prisioneiros.

Ontem, quando estávamos sentados na roda da carroça do Guanico, eu, você e os outros meninos da nossa turma, você contou uma das suas façanhas:

– Hoje de manhã, quando fui armar o alçapão na Quinta Reis, por não caçar nada, amarrei o Canelo a uma árvore e quebrei um pau nas costas dele. Sim, foi por causa dele, dos seus latidos e correrias, que os passarinhos não vieram! E quando cheguei à casa, cansado inutilmente, arranquei, de raiva, todas as penas do rabo de meu papa- capim.

E você contava essas coisas todas com ares de valentão, de um menino mau. Sim, você é um menino mau!

Teu cãozinho não tinha culpa da tua má sorte. Se ele corria e soltava latidos em volta do alçapão, espantando os pássaros, é porque, talvez, sentisse frio, pois você sabe que ontem estava muito frio.

O teu papa-capim também não chamava os outros pássaros, talvez

---

72 - LIBERTO. **A Plebe**. São Paulo – SP. – Ano 31 – Nº 07 – Página 03 – 01.09.1947.

por isso mesmo.

Nas árvores não havia ainda passarinhos, porque estavam agasalhados nos ninhos.

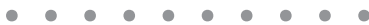
Você, meu amigo, estava agasalhado com muita roupa, por isso não o sentia; mas o Camelo e o seu papa-capim estavam apenas cobertos com as vestimentas que lhes deu a natureza.

Eu não posso descrever, porque não sei, o mal que as avezinhas prisioneiras passam naqueles dois palmos de largura, entre as grades de uma gaiola. Mas recomendo a você, menino mau, a leitura de uma carta de Humberto de Campos “a um cidadão de dez anos”, que pode encontrar no livro “Sombras que sofrem”.

Os passarinhos que o Senhor Humberto de Campos Filho aprisionava eram seus amigos; mas os seus não o são, meu amigo; não o são, porque você os maltrata. E eles sabem que você é um menino mau!...

# 132

## *Meu Caderno de Criança*<sup>73</sup>



### **Pássaros na gaiola**

Meu amigo:

Você mostrou ter um bom coração soltando os seus dois pássaros prisioneiros ao ler a carta de Humberto de Campos que eu lhe havia recomendado.

Eu agradeço sinceramente o ter-me ouvido! Agora venho dizer-lhe o mal que fazemos, eu e você, soltando o canário e o papa-capim nas árvores do seu quintal.

Nós não sabíamos que eles não tinham experiência de voar, pois haviam sido criados na gaiola. Quando se viram livres, donos do Espaço imenso, quiseram fazer exercícios, mas as suas asas estavam endurecidas, cansadas e atrofiadas pelo tempo que deixaram de fazer uso delas. Não podendo levantar voos muito grandes, voaram para o quintal vizinho.

O Colá e o João, sabedores de que você iria soltá-los, armaram os alçapões.

O canário foi o primeiro a cair, faminto, porque não comeu nada desde que saiu da gaiola. Ao ver o alpiste no alçapão foi, pensando talvez que ainda estava preso, comê-lo. Coitado, mal se viu novamente prisioneiro começou a piar, triste, dolorido, atraindo o pobre papa-capim para junto de si; e o papa-capim caiu no outro alçapão.

Ah! Meu amigo; se você visse a alegria do Colá! Ele pegou, como um gato faminto pega o peixe que cai da carroça do peixeiro, uma perninha do canário e, puxando-a com força, sem mesmo se importar com os seus pios repassados de angustia, tirou-o do alçapão apertando-o

<sup>73</sup> - Liberto. **A Plebe**. São Paulo – SP – Ano 31 – Nº 08 – Página 03 – 15.09.1947.

com força entre os dedos e jogou-o dentro da gaiola, estupidamente, indo cair na vasilha que estava com água.

O pobre canário voou para o poleiro mais alto, sacudindo-se com medo, com nojo da gaiola suja, e começou a debater-se contra as grades, tentando fugir, mas em vão.

Eu vi o bico dele sangrar, coitado!

Com o papa-capim, o bruto fez o mesmo. Pôs os dois na mesma gaiola, dependurando-a depois, no seu barracão.

Estava todo contente com os dois novos prisioneiros. Até se esqueceu, o perverso, de dar-lhes de comer...

À tarde os dois passarinhos estavam jururus, empoleirados na trave mais alta. Quando o “seu” R. chegou, vendo-os daquele jeito e sabendo que era por falta de comida, mandou o filho encher a caixinha de alpiste e por algumas folhas de couve nas grades.

Para que os pássaros não fossem reconhecidos por você, em vista do “seu” R. ter-lhe recomendado que, se o dono aparecesse, os entregasse, arrancou-lhes a cauda e cortou-lhes as unhas.

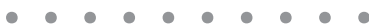
Você, meu amigo, deve ir procurá-los e exigir que ele os entregue. Você os trata até que lhe cresçam de novo as penas. Depois vamos, você e eu, ao sítio de papai, e ali os saltaremos nas árvores, longe de meninos maus que armam alçapões.

Eles poderão assim desfrutar os benefícios da vida livres, na amplidão das matas.

A lição que acabamos de receber, eu e você, com os dois passarinhos, deve ficar gravada em nossos corações, e tê-la sempre presente para dizermos aos outros meninos que tenham vontade de soltar os pássaros que têm nas gaiolas, que não soltem na cidade; que os levem para as matas, onde eles poderão, livres, viver como devem: em liberdade, para encher de cantos alegres a harmonia dos sertões.

# 133

## *Meu Caderno de Criança*<sup>74</sup>



### **Um menino infeliz**

Vivia num arrabalde desta Capital uma família pobre: o casal e quatro filhos.

O filho mais velho desse casal chamava-se Gastão, tinha sete anos de idade e frequentava uma escolinha particular, onde aprendia as primeiras letras, as tabuadas e a rabiscar as primeiras linhas manuscritas.

Todos os dias descia pela rua principal do bairro com uma caixa de madeira que lhe servia de maleta, onde levava os cadernos, os lápis e uma cartilha amarrotada.

Ele não pensava no futuro: só pensava numas laranjas que vira por cima da cerca da chácara de d. Paulina.

Quando encontrava um passarinho descansando nos ramos de qualquer arbusto, abaixava-se, pegava uma pedra e experimentava a pontaria.

Era assim que vivia aquele menino que morava numa casa pobre de bairro proletário: pensando nas laranjas da chácara de d. Paulina, atirando pedras nos passarinhos que pousavam nos ramos dos arbustos ou na copa das árvores e passando todos os dias, à mesma hora, pela rua principal, a caminho da escola.

Aos dez anos entrou para o primeiro ano do Grupo Escolar. Lá aprendeu melhor as lições da cartilha, aprendeu as principais contas – somar, diminuir, multiplicar e dividir. Nos outros anos foi aprendendo geografia, história, etc., estudou português e foi-se preparando para um curso secundário.

---

74 - Liberto. **A Plebe**. São Paulo – SP – Ano 31 – Nº 09 – Página 03 – 01.10.1947.

### XXX

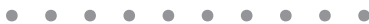
Gastão tinha bons colegas que o acompanhavam, à saída, tornando-se seus amigos. As meninas também gostavam dele. Guiomar, a filha de um banqueiro, era a sua melhor colega: comprava-lhe todo o material escolar e alguns livros.

Gastão gostava também de uma outra colega que morava perto de sua casa. Chamava-se Esmeralda, era boa, uma bonita menina, muito trabalhadeira. Era amorosa e gosta também de Gastão.

Na próxima carta continuarei a falar sobre um menino infeliz, pois esta já vai longa e não poderia terminar o que tenho a dizer ainda sobre o assunto.

# 134

## *Meu Caderno de Criança*<sup>75</sup>



### Um menino infeliz



Quando os alunos de nosso Grupo receberam os diplomas, muitos foram matricular-se nos ginásios, para o curso secundário.

Gastão matriculou-se no mesmo colégio em que ingressou Guiomar. Esmeralda, por ser filha de família pobre, não tendo recursos, não pôde continuar os estudos. Aprendeu a costurar.

No ginásio, Gastão também se distinguiu pelo seu comportamento, tornando-se estudioso e frequente às aulas. Começou a colaborar no jornalzinho do grêmio ginásial e os seus artigos eram apreciados.

Gastão vivia feliz no seio de sua família. Nas férias do fim de ano ele foi passar uns dias em Santos. Quando voltou, começou a preparar-se para os exames do segundo ano.

Seu pai era viajante; ia de uma à outra cidade vender os artigos da casa que representava. Certo dia, num choque de trens, ficou gravemente ferido e veio a falecer mais tarde no hospital, deixando Gastão órfão de pai. Sua progenitora, deixando-o entregue aos cuidados de uma família vizinha, foi para o interior cobrar os devedores de seu marido, levando em sua companhia os outros irmãos de Gastão. Mas a fatalidade perseguia esta família; os irmãos e a mãe de Gastão foram vítimas, também, de um choque de trens, perecendo. Gastão sofreu um forte abalo e quase morreu de dor. Foi internado num hospital onde esteve durante 2 meses. Quando de lá saiu, não quis continuar os estudos. Arranjou um emprego numa tipografia e, com o pouco que percebia de ordenado mensal, ia vivendo.

Os colegas o visitaram e levavam-lhe roupas, procurando consolá-

---

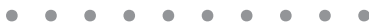
75 - Liberto. **A Plebe**. São Paulo – SP – Ano 31 – Nº 11 – Página 02 – 15.12.1947.

lo. Certo dia ficou desempregado e então começou a perder a coragem. Abandonou-se ao desespero e ficou perambulando pelas ruas à gandaia, até que um fato acidental o levou para o Instituto Disciplinar.

Contarei, no próximo número o que se passa com Gastão no Reformatório Modelo.

# 135

## *Meu Caderno de Criança*<sup>76</sup>



Um menino infeliz



### No instituto Disciplinar

Numa manhã em que Gastão ia passando por uma avenida, dois garotos o xingaram de vagabundo. Ele sentiu-se picado e, de repente, quando passava um bonde, deu um soco na nuca do moleque e fugiu, tomando o coletivo. Um guarda-civil, que havia presenciado a cena, prendeu-o. Foi levado à delegacia, de onde foi mandado recolher ao Reformatório Modelo, visto não haver ninguém responsável por ele.

Na escola correccional Gastão tornara-se logo amigo de todos os seus companheiros de infortúnio. Fazia qualquer serviço e praticava esportes, quando lhe era permitido. À noite dedicava-se ao estudo, lendo livros que lhe emprestavam. Mais tarde começou a ensaiar em escrever crônicas e poesias, descrevendo cenas da vida real. Também gostava de escrever sobre a história das civilizações.

Assim vivia o pobre Gastão no Reformatório Modelo. Sabia que quando completasse vinte e um anos poderia, se quisesse, sair de lá e viver de outra maneira.

Um dia, tendo sido combinada uma partida de futebol entre os meninos do reformatório e os alunos do ginásio onde Gastão estudara, este mostrou-se alegre e ao mesmo tempo triste. Ia rever seus amigos de outrora, mas ia também recordar o passado de sua vida cheia de angústias. Via-se na alegre despreocupação da infância, entre os seus irmãos, lembrava-se do caminho percorrido em direção à escola,

76 - Liberto. **A Plebe**. São Paulo – SP – Ano 31 – Nº 12 – Página 02 – 15.01.1948.

beirando a chácara de d. Paulina, à sombra dos eucaliptos, a conversar com Esmeralda. Essas recordações fizeram-no chorar amargamente sentado num banco de taquaruçus.

De repente, olhou para o banco onde estavam sentadas as meninas convidadas, ou simples assistentes ao jogo, e reconheceu entre elas Guiomar. Enxugou as lágrimas e levantou-se. Deu uns passos e, juntando dois dedos, levou-os à boca, soltando um assobio agudo. Aquele assobio quebrou a solidão no taquarai e chamou a atenção de Guiomar, que o reconheceu e o olhou compadecida.

*Plano inicial da coleção pensamento social anarquista – palavras  
explicativas*

A concepção desta coleção me veio quando iniciei as pesquisas em torno dos jornais, revistas e livros elaborados pelos anarquistas do início até meados do século XX no Brasil. A ideia, com esta coleção, é tornar acessível, a quem estude tanto o pensamento social produzido no Brasil como também faça pesquisas e tenha interesse no movimento operário deste período, textos valiosos guardados em arquivos, bibliotecas públicas e acervos particulares. O desconhecimento atual do pensamento social elaborado pelo mundo do trabalho, sob vibração anarquista, é estarrecedor. O apagamento das elaborações intelectuais do mundo do trabalho constitui ação planejada, articulada à decisão política, mais ampla, de supressão, no imaginário coletivo, da presença singular dos setores populares na configuração de nossa sociedade. O nome apropriado para entender esta medida é epistemicídio. Por isso, reeditar livros, cujas edições foram poucas ou, caso mais expressivo, únicas, constitui o objetivo principal desta coleção. Além da reedição de livros, procedi à montagem, em volumes temáticos, de coletâneas com artigos retirados de jornais, revistas, folhetos e demais produções impressas do movimento dos trabalhadores no Brasil. Com a palavra “inicial”, no título acima, procuro indicar o caráter de continuada elaboração e organização dos volumes temáticos nesta coleção. À medida em que retorno aos artigos transcritos, o conjunto desses textos me sugerem o tema em torno do qual eles podem ser reunidos. Alguns já estão definidos. Outros podem surgir porque, como ainda estou caminhando nos textos, os assuntos não estão esgotados. Inclusive a ordem dos futuros volumes pode ser alterada. Por esta razão, exponho aqui uma relação provisória dos títulos dos livros. Últimas notas: 1) em todas as capas da coleção, como também no interior de cada volume, os detalhes estéticos (figuras, adornos, molduras, enfeites) foram retirados da mesma imprensa operária aqui estudada. 2) Minhas intervenções aos escritos foram, ao máximo, reduzidas. Elas se resumiram a atualizações do português, eventuais correções de erros gráficos, atualizações de nomes próprios conforme o idioma original, quando traduzidos para o português, e ajustes na acentuação e na pontuação.

- V. 1 – Lições de Pedagogia. *Maria Lacerda de Moura.*
- V. 2 – Da escravidão à liberdade: a derrocada burguesa e o advento da igualdade social – *Florentino de Carvalho.*
- V. 3 – Civilização, tronco de escravos – *Maria Lacerda de Moura.*
- V. 4 – Educação anarquista – Conceitos – *Coletânea.*
- V. 5 – Educação anarquista – Experimentos – Francisco Ferrer y Guardia – *Coletânea.*
- V. 6 – Crianças e jovens na imprensa operária (1903 – 1935) – *Coletânea.*
- V. 7 – Crianças e jovens na imprensa operária (1909 – 1968) – *Coletânea.*
- V. \* – Maria Lacerda de Moura: seis conferências – *Coletânea.*
- V. \* – Ferrer, o clero romano e a educação laica (e outros escritos sobre Ferrer) – *Maria Lacerda de Moura.*
- V. \* – A guerra civil de São Paulo: soluções imediatas para os grandes problemas sociais – *Florentino de Carvalho.*
- V. \* – A saúde pública analisada pelo mundo do trabalho (1901 – 1935) – *Coletânea.*
- V. \* – A saúde pública analisada pelo mundo do trabalho (1908 – 1968) – *Coletânea.*
- V. \* – Mulheres (1897 – 1935) – *Coletânea.*
- V. \* – Mulheres (1903 – 1967) – *Coletânea.*
- V. \* – Racismo e raça (1898 – 1968) – *Coletânea.*
- V. \* – Religião e anticlericalismo (1903 – 1935) – *Coletânea.*
- V. \* – Religião e anticlericalismo (1898 – 1968) – *Coletânea.*
- V. \* – Religião e anticlericalismo (1911 – 1967) – *Coletânea.*
- V. \* – Anarquismo e sindicalismo – *Coletânea.*
- V. \* – Anarquismo e socialismo – *Coletânea.*
- V. \* – Anarquismo e anarquia – *Coletânea.*
- V. \* – Artes, poesia e insubmissão – *Coletânea.*
- V. \* – Han Ryner e o amor plural – *Maria Lacerda de Moura.*
- V. \* – Clero e fascismo – horda de embrutecedores / Clero e Estado – *Maria Lacerda de Moura.*
- V. \* – “A mulher é uma degenerada.” – *Maria Lacerda de Moura.*
- V. \* – A razão contra a fé – *Benjamim Mota.*
- V. \* – Rebeldias – *Benjamim Mota.*
- V. \* – Os sicários do jornalismo – *Mota Assunção.*
- V. \* – Guerra e militarismo – *Coletânea.*
- V. \* – Camponeses – *Coletânea.*

- V. \* – Indígenas – *Coletânea*.
- V. \* – Brasil visto no mundo do trabalho – *Coletânea*.
- V. \* – Revoluções – *Coletânea*.
- V. \* – Relações internacionais – *Coletânea*.
- V. \* – Obituários – *Coletânea*.